

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
ANDERSON DE CARVALHO MORORÓ**

**O FUTEBOL EM JUIZ DE FORA: UMA PERSPECTIVA ATRAVÉS DA  
IMPrensa (1904-1914)**

Juiz de Fora  
2012

**ANDERSON DE CARVALHO MORORÓ**

**O FUTEBOL EM JUIZ DE FORA: UMA PERSPECTIVA ATRAVÉS DA  
IMPrensa (1904-1914)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre

Orientador: Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira  
da Cunha Junior

Juiz de Fora  
2012

Mororó, Anderson de Carvalho.

O futebol em Juiz de Fora: uma perspectiva através da imprensa (1904-1914). Anderson de Carvalho Mororó – 2012.  
179 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

1. História. 2. Brasil República. 3. Práticas Corporais. 4. Juiz de Fora. I. Título.



## **AGRADECIMENTOS**

Ao final deste longo trabalho não poderia deixar de mencionar aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para esse resultado final. São diversos nomes. Por isso peço perdão por alguma falha na memória.

Inicialmente, queria agradecer às instituições educacionais por aonde lecionei durante praticamente os quatro anos que perduraram esta pesquisa. Os colégios Georg Rodenback e Menelick de Carvalho, ambos integrantes da rede municipal de ensino de Juiz de Fora, foram importantes para a o processo de formatação do trabalho. Sempre quando necessitei de tempo, seja para a pesquisa ou participação de eventos, tive os meus anseios atendidos. A colaboração dos quadros diretivos e dos professores destas respectivas escolas foram de suma importância na elaboração e conclusão deste projeto.

O auxílio da família também foi essencial. A compreensão, o apoio e os incentivos que os meus pais, Aquiles Martins Mororó e Sandra Vieira de Carvalho, foram fatores preponderantes para a continuação dos estudos e o ingresso em um curso de Pós Graduação.

A minha esposa Ana Olívia, pelo companheirismo, ajuda e pela paciência nos momentos dedicados aos estudos, que foram muitos.

Academicamente, são diversos os momentos e pessoas que carecem ser citados. Mas, devido ao espaço e os lapsos de memória, dedicarei os restantes dessas linhas a três períodos muito importantes para a minha inserção e continuação dos estudos nos espaços universitários. Inicialmente, serei eternamente grato a Claudia Maria Ribereiro Viscardi, professora titular do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Foi através do seu apoio que resolvi trabalhar o futebol como tema de análise histórica. Apesar de ávida torcedora do Fluminense, sua dedicação ao meu trabalho, mesmo não sendo especialista na área, foi importante para a minha inserção no mundo acadêmico.

Ao pessoal que me auxiliou efetivamente na coleta de dados e na busca de trabalhos que envolviam práticas corporais em Juiz de Fora. Mesmo após o término do trabalho de conclusão de curso, dedicado ao futebol, mas tratado a nível nacional, ainda eram escassos os meus conhecimentos acerca do processo de inserção das atividades esportivas na cidade mineira. Agradeço ao Wellington,

Vanessa e Jakeline Lisboa, ambos integrantes do grupo de estudos GEPHEFE, que realizaram a coleta de dados nos jornais *O Pharol* e no *Commercio*. E também a Priscila Soares que, além de ter auxiliado na coleta das fontes, as suas sugestões, idéia e correções foram substanciais para a realização deste projeto. Espero que nossa relação perdure por um bom tempo e renda excelentes projetos.

E por último, e não menos importante, dedico atenção especial ao meu orientador Carlos Fernando da Cunha Junior. Através dele foi possível a realização deste trabalho. Apesar de pertencer aos departamentos de Educação Física e Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, o seu amplo conhecimento em relação aos fundamentos da História e sobre o tema do qual faz parte este trabalho fizeram com que me sentisse à vontade em um ambiente bastante parecido com os tempos das aulas freqüentadas no Departamento de História. Agradeço a ele a oportunidade cedida e que a nossa relação gere mais frutos, procurando assim preencher um pouco a brecha enorme histórica presente em relação a prática corporal em Juiz de Fora.

A todos que citei ou não, os meus sinceros votos de agradecimento. Espero que esta pesquisa seja o pontapé inicial para futuros projetos.

**Quem diz que futebol não tem lógica ou não entende de futebol ou não sabe o que é lógica.**

Stanislaw Ponte Preta

## RESUMO

As preocupações com o corpo ocupam lugar de destaque no mundo contemporâneo. Atualmente, as práticas corporais fazem parte do cotidiano de grande parte da população por motivos variados: saúde, estética, socialização, ludicidade, entre outros. Academias de ginástica, natação, clubes esportivos, instalações de rua para caminhada e exercícios analíticos, campos de futebol e as quadras presentes nas escolas são exemplos de espaços que hoje são comuns na vida das cidades brasileiras. Operamos com a idéia de que o intervalo entre o último quartel do Século XIX e as primeiras décadas do Século XX foi um período fundamental no processo histórico de surgimento e estabelecimento das práticas corporais em terras brasileiras. A modernização de várias de nossas cidades é um movimento típico destes anos e guarda relações diretas com a identificação das práticas corporais enquanto hábitos a serem apreendidos e praticados. Este trabalho procura analisar o processo de desenvolvimento do futebol em Juiz de Fora, cidade da Zona da Mata Mineira, entre o período de 1904 e 1914. As fontes privilegiadas em nossa pesquisa foram duas importantes publicações jornalísticas da época, o *Jornal do Commercio* e o *Pharol*. Como base na relação observada entre futebol/imprensa estabelecida nos relvados de Belo Horizonte e Rio de Janeiro, importantes centros urbanísticos, procuramos abstrair algumas considerações acerca das notícias publicadas sobre o esporte e presente nos jornais juizforanos. Nestes, buscamos identificar a relação existente entre estes veículos e o futebol praticado em Juiz de Fora, indo das tímidas notas discorridas sobre enfrentamento entre as recém fundadas agremiações locais até reportagens mais elaboradas. Nestas procuramos estabelecer duas frentes de trabalho: uma voltada para a análise estatística das notas publicadas e outra direcionada para um estudo acerca dos principais agentes responsáveis por praticar e emanar entre os esportistas locais o esporte bretão, até então desconhecido de boa parte da população brasileira. Partimos do preceito que, assim como ocorreu nas capitais mineira e carioca, a imprensa teve papel primordial na popularização e estabelecimento do futebol na esfera esportiva de Juiz de Fora.

Palavras-chave: História. Brasil República. Práticas Corporais. Juiz de Fora.

## ABSTRACT

Concerns about the body have a prominent place in the contemporary world. Currently, bodily practices are part of everyday life for most of the population for many reasons: health, aesthetic, social, playfulness, among others. Gyms, swimming, sports clubs, facilities for street walking and analytical exercises, soccer fields and blocks present in schools are examples of spaces that are now common in the lives of Brazilian cities. We operate with the idea that the interval between the last quarter of the nineteenth century and the first decades of the twentieth century was a crucial period in the historical process of emergence and establishment of corporal practices in Brazilian lands. The modernization of many of our cities is a typical movement of these years and keep direct relationships with the identification of bodily practices as habits to be learned and practiced. This paper analyzes the process of development of football in Juiz de Fora, a city of Minas Zona da Mata, in the period between 1904 and 1914. Do not attempt to establish a historical overview of sport practiced in the mining town. We seek to abstract from our analyzes of journalistic sources present in the time frame adopted, focusing on the two most prominent publications of the time, the *Jornal do Commercio* and *Pharol*. As based on the observed relationship between football / press established on the lawns of Belo Horizonte and Rio de Janeiro, major urban centers, we try to abstract some comments about the news published about the sport and this newspaper juizforanos. In these, we seek to identify the relationship between these vehicles and the football played in Juiz de Fora, notes elaborated upon going from shy about confrontation between the newly founded local associations even more elaborate reports. Sought to establish these two work fronts: one focused on the statistical analysis of notes and other targeted published for a study on the main agents responsible for practicing and emanate from a local sports athletes hitherto unknown to most of the population. We start from the precept that, as occurred in the capital of Minas Gerais and Rio de Janeiro, the press had role in establishing and popularizing the sport of soccer ball in Juiz de Fora.

Keywords: History. Brazil Republic. Practice Body. Juiz de Fora.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	p 11
<b>1 CAPÍTULO 1 - OS PRIMÓRDIOS DO FUTEBOL NO BRASIL</b> .....	p 23
1.1 OS PRIMÓRDIOS DO FUTEBOL .....	p 25
1.1.1 Gênese e consolidação do esporte bretão .....	p 27
1.1.2 Rio de Janeiro: terra dos <i>sports</i> .....	p 30
1.1.3 Contexto histórico .....	p 31
1.2 O FUTEBOL CHEGA AO BRASIL.....	p 36
1.2.1 Formas de transferências.....	p 38
1.3 FUTEBOL E IMPRENSA CARIOCA .....	p 44
1.3.1 Relação entre mercado editorial e o futebol no Rio de Janeiro.....	p 45
1.4 A popularização do futebol.....	p 50
<b>2 CAPÍTULO 2 - AS PRÁTICAS CORPORAIS COMO FENÔMENO DA MODERNIDADE EM JUIZ DE FORA</b> .....	p 59
2.1 Breve contexto histórico de Juiz de Fora.....	p 59
2.2 Projeto Civilizador em Juiz de Fora.....	p 64
2.3 Modernidade e práticas esportivas em Juiz de Fora: um olhar através dos periódicos.....	p 69
<b>3 CAPÍTULO 3 - AFINIDADE ENTRE A IMPRENSA E O FUTEBOL</b> .....	p 79
3.1 Jornalismo esportivo no mundo.....	p 81
3.2 As primeiras notas no Brasil.....	p 85
3.3 Jornalismo esportivo no Rio de Janeiro.....	p 88
3.4 As primeiras notas em Belo Horizonte.....	p 98
<b>4 CAPÍTULO 4 - O FUTEBOL JUIZFORANO APRESENTADO ATRAVÉS DOS PERIÓDICOS (1904 – 1914)</b> .....	p 118
4.1 A imprensa e o estudo histórico das práticas corporais.....	p 120
4.2 Aspectos gerais das notas publicadas sobre o futebol.....	p 121
4.3 Características das notas sobre o futebol publicadas no <i>Jornal do Commercio</i> .....	p 123

4.4 EVOLUÇÃO DAS NOTAS SOBRE FUTEBOL.....	p 126
4.4.1 Dados sobre a pesquisa.....	p 136
4.5 Times e torcidas.....	p 142
4.6 O Granbery e a participação das instituições educacionais no desenvolvimento do futebol em Juiz de Fora.....	p 147
4.7 Liga da distinção?.....	p 155
4.8 Participação da imprensa.....	p 159
4.9 Competições.....	p 164
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>p 170</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>p 174</b>

## INTRODUÇÃO

Não é preciso ser um historiador muito atento (aliás, nem é preciso ser historiador) para observar que a produção historiográfica produzida no Brasil, principalmente nos últimos dez anos, passou por mudanças assaz significativas. O surgimento de revistas especializadas, a constante adaptação de textos de história para a televisão, o lançamento de livros com temas nunca antes imaginados (como é o caso da obra de Jean-Luc Hennig, *Breve História das Nádegas*, publicado pela portuguesa Terramar), exemplificam essas mudanças.

Atualmente presenciamos um esgotamento das explicações oferecidas por modelos teóricos globalizantes, com tendências à totalidade, nos quais o historiador era refém da incessante busca pela verdade dos fatos. Essas explicações globais, por sua incapacidade de interpretar novos agentes históricos, passaram, portanto, a ser questionados.

O arcabouço intelectual que vai dar origem a Nova História Cultural está intimamente ligado ao surgimento, no final da década de 1920, na França, de uma nova forma de se pensar as questões historiográficas, identificada como História das Mentalidades. Esse novo modelo de interpretar os fatos históricos buscava fugir da sua faceta historicizante: uma história que se furtava do diálogo com as demais ciências humanas, como a antropologia, a psicologia, a lingüística, a geografia, a economia, e, sobretudo, a sociologia.

No lugar da história tradicional, globalizante, era preciso adotar, segundo Vainfas:

Uma história problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seus modos de viver, sentir e pensar. Uma história com estruturas em movimento, com grande ênfase no mundo das condições de vida material, embora sem qualquer reconhecimento da determinância do econômico na totalidade social, à diferença da concepção marxista da história. Uma história não preocupada com a apologia de príncipes ou generais em feitos singulares, senão com a sociedade global, e com a reconstrução dos fatos em série passíveis de compreensão e explicação.(VAINFAS, 2002)

Seguindo este movimento de transformações nos rumos da História, surge, no início dos anos 70, uma nova corrente historiográfica, que se autodenominava

"Nova História". Tendo Jaques Le Goff como um dos incitadores, esse movimento tinha como característica principal o retorno ao estudo do sujeito. Ela "*se originou associada à Escola dos Annales e que, além de lutar por uma história total, opõe-se totalmente ao paradigma tradicional da historiografia*" (PIGNATARI, 2002). Essa nova corrente historiográfica, ou também denominada como "História das Mentalidades", era um campo aberto a todas as temáticas. Esse novo modelo foi responsável por inserir novas questões e sujeitos ao estudo da história.

Atualmente, o processo de produção historiográfica sofre uma crise de paradigmas. Não possuímos nenhum "ismo" para seguir. É claro que falamos de uma maneira geral, pois os paradigmas existentes anteriormente não desapareceram por completo e ainda são praticados pela historiografia, a exemplo da faceta marxista. Sob nossa concepção, essa eminente ausência de paradigmas para a História pode ser explicada pelo desencanto e desconfiança apresentado em relação ao futuro. Como não possuímos segurança acerca dos acontecimentos que irão acontecer, já que eles se tornaram imprevisíveis, a história não é mais escrita sob um paradigma, e sim escrita para o presente. Segundo Josep Fontana, "*esse caráter imprevisível do futuro tem sido (...) a origem de boa parte de nosso desânimo e do nosso desconcerto*" (FONTANA, 1982). Essa desconfiança se acentuou significativamente com a queda do comunismo, jogando por terra a escrita da história ao estilo marxista, que previa um futuro para a humanidade.

Esse movimento pela renovação historiográfica, iniciado pelos *Annales* e intensificado na década de 70, quer também se aproximar das massas anônimas. Neste instante buscou-se resgatar os sujeitos excluídos e suas histórias perdidas, dando origem a uma história "vista por baixo". Portanto, podemos afirmar que essa Nova História revela uma afeição especial pelo informal, por análises historiográficas que apresentem caminhos alternativos para a investigação histórica, seguindo por onde as abordagens tradicionais não foram. E foi neste mar de novas possibilidades que está inserido o meu objeto de estudo: o futebol.

Nascido na Inglaterra por volta da segunda metade do século XIX, o "*Foot-ball association*" logo transpôs os limites das ilhas britânicas para conquistar pés e corações do mundo afora. No Brasil, onde não demorou a aportar, não foi diferente. Hoje, depois de decorrido mais de um século em relação ao período introdutório do futebol em terras brasileiras, nos orgulhamos em sermos reconhecidos pela excelência na prática do futebol. Esse esporte é um dos poucos objetos da nossa

sociedade responsável por elevar a estima dos brasileiros. O sucesso da nossa forma peculiar de jogar, voltado para movimentos mais hábeis, leves, representados por nossos jogadores em todo mundo, designa uma atmosfera positiva e de superioridade perante aos outros países restantes do globo. É o Brasil que dá certo. Talvez esse seja um dos aspectos que torna esse esporte o mais praticado na terra “brasilis”.

O futebol, apesar de todo esse glamour, sofreu, (ainda sofre) bastante preconceito nos espaços acadêmicos (PEREIRA, 2000). Alguns anos atrás quase toda a produção histórica futebolística é confeccionada por jornalistas. Esse tipo de trabalho tem como traço peculiar a ênfase em narrações acerca da história do futebol e de biografias sobre os grandes clubes e jogadores. Até a década de 70 eram quase inexistentes produções voltadas para uma análise mais apurada do esporte. Foi somente a partir do final dos anos 70 que a bola começou a rolar nos campos acadêmicos (FRANZINI, 2003), tornando objeto de estudo de antropólogos, sociólogos e historiadores, como Roberto DaMatta, José Sebastião Winter e Joel Rufino dos Santos. A atuação destes e de outros pesquisadores foi de suma importância para a valorização do objeto de pesquisa histórica no Brasil. A partir deste momento, a produção científica dedicou maior atenção ao futebol, onde as simples narrações deram lugar a análises mais abalizadas sobre o tema. Em consequência deste momento, depara-se, atualmente, com uma gama considerável de trabalhos voltados para o exame mais sofisticado do esporte bretão em nosso país.

O futebol é muito mais do que um simples esporte. Ele está inserido em uma estrutura social bastante complexa. Através de um olhar clínico acerca do esporte bretão é possível compreender alguns aspectos da sociedade brasileira, como a rivalidade e o patriotismo. O futebol ocupa um lugar no mesmo patamar de outras manifestações culturais, como a música e o carnaval. Porém, parte dos pesquisadores que trabalham o futebol como objeto de estudo considera este esporte como um mero objeto de manipulação das massas, enxergando-o como um eficiente instrumento de propagação dos ideais do Estado. Não é nosso objetivo negar essa faceta, mas é uma ação reducionista relegar o complexo tema futebol à apenas essa perspectiva. O futebol é mais do que essa visão. Como disse o polêmico cronista esportivo Néelson Rodrigues: *"No futebol, o pior cego é aquele que só vê a bola."* (CASTRO, 1993, p. 102)

As modalidades esportivas vêm chamando a atenção dos historiadores contemporâneos. Temos presenciado um movimento em torno da valorização das práticas corporais como objeto de investigação histórica. Modalidades como a velocipedia, corrida de automóveis, touradas, natação, entre outros tem cada vez mais recebido maiores atenção por parte da comunidade acadêmica. Esses estudos, antes relegado pela historiografia, são elementos essenciais para a configuração e entendimento da sociedade moderna. As pesquisas históricas relacionadas às práticas corporais só podem ser analisadas e compreendidas quando são contextualizadas.

Com base neste movimento de valorização em torno da prática esportiva como objeto de estudo, o futebol tem recebido maior atenção por parte da comunidade acadêmica. Publicação de obras, formação de grupos de debates, encontros em seminários regionais e nacionais e realização frequentes de encontros específicos para o debate acerca do esporte bretão são elementos que atestam esse novo período. Apesar de ainda incipiente se compararmos com a produção acadêmica desempenhada em outros países, a adoção do futebol como tema central de pesquisas históricas no Brasil tem sofrido uma evolução bastante significativa, principalmente se levarmos em conta os últimos 15 anos.

As preocupações com o corpo ocupam lugar de destaque na sociedade contemporânea. Práticas corporais ganham o cotidiano de grande parte da população por motivos variados: saúde, estética, socialização, ludicidade, entre outros. Academias de ginástica e natação, clubes esportivos, instalações de rua para caminhada e exercícios analíticos, os campos de futebol e as quadras das escolas são exemplos de espaços que hoje são comuns na vida das cidades brasileiras.

Operamos com a idéia de que o intervalo entre o último quartel do Século XIX e as primeiras décadas do Século XX foi um período fundamental no processo histórico de construção da adoção de práticas corporais de parte da população brasileira. A modernização de várias de nossas cidades é um movimento típico destes anos, especialmente o pós-República, e guarda relações diretas com a identificação das práticas corporais enquanto hábitos a serem apreendidos e praticados pelos novos cidadãos.

Os ventos europeus e norte-americanos induziram dirigentes de cidades brasileiras a se empenharem pela sua modernização. É o caso do Rio de Janeiro, que neste período viveu um intenso processo de reforma, saneamento e urbanização tendo como figura emblemática o Prefeito Pereira Passos (BENCHIMOL, 1990).

Victor Andrade de Melo (2001) identifica a adesão do povo carioca aos banhos de mar, à ginástica, ao turfe, ao remo e às atividades esportivas como uma tentativa de inscrição na cultura moderna que se desenvolvia entre o final do Século XIX e o início do Século XX.

Buscamos investigar como se deu esse processo em Juiz de Fora e em que medida podemos estabelecer relações com o que acontecia no Rio de Janeiro neste mesmo período em termos dos discursos favoráveis à adesão às práticas corporais.

Gilmar Mascarenhas de Jesus (1999) afirma que a receptividade da população carioca aos esportes e outras práticas corporais na virada para o Século XX foi significativa. Tal atitude se vinculava ao fato destas representarem uma via para a vida saudável, sobretudo “*ao fato de constituírem um elemento civilizador do ideário burguês importado da Europa, numa conjuntura em que ser moderno era desejar ser estrangeiro*” (p.20).

Fenômeno semelhante, mas com particularidades, aconteceu em Juiz de Fora no início do Século XX. A cidade em 1850 foi levada a condição de Município, alterando, mas somente em 1865 adotou a nomenclatura atual, trocando o Santo Antônio do Paraibuna por Juiz de Fora. Durante o último quartel do Século XIX, o município mineiro presenciou um período de intensas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais. Alguns dados neste sentido: a inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II, em 1871; o bonde de tração animal, em 1881; o telefone, em 1883; o telégrafo, em 1884; a água a domicílio, em 1885; o Banco Territorial Mercantil, em 1887; o Banco de Crédito Real, a Academia de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora e a chegada da energia elétrica em 1889; a criação do Instituto Metodista Granbery, 1890; a Academia de Comércio em 1894; os Grupos Escolares, em 1907; e a Academia Mineira de Letras, 1909; entre outros (CHRISTO, 1994). Até a década de 1920, como salienta Christo (ibid.), “*Juiz de Fora é apontada como o centro cultural do Estado, seja pelo seu número de jornais e teatros, seja pela expressão de suas escolas e instituições culturais*” (p.1).

O ideal da burguesia emergente de Juiz de Fora era justamente civilizar. Mas para eles, civilizar era se aproximar e se identificar dos hábitos e costumes cariocas:

Assim, civilizar-se significava estar próximo à vida mundana do Rio de Janeiro, se prendendo nas teias de um “colonialismo interno”; ser “carioca do brejo”, ser um “trecho de terra cercado de piano por todos os lados [...]” (CHRISTO, 1994, p.12)

É evidente que o processo de urbanização e modernização de Juiz de Fora não foi simplesmente um desdobramento do que acontecia no Rio de Janeiro em período semelhante. Maraliz Christo (op. cit.) ressalta que foi organizado um projeto de modernização patrocinado por fazendeiros e capitalistas que tinha como foco a industrialização de Juiz de Fora, buscando também potencializar o controle sobre o espaço urbano e a população.

Mas vale citar Murilo Mendes (1968), que revela as ligações simbólicas de Juiz de Fora com a capital fluminense:

Sebastiana remexe lá dentro um colherão de pau, gira, gira, Sebastiana diz que tem uma vontade doida de ir a Minas Gerais, Mamãe diz: mas Sebastiana você mora em Minas Gerais, ué gente, eu pensava que eu morasse em Juiz de Fora (p.20).

Pretendemos analisar se esse tipo de reflexão se aplica ao desenvolvimento das práticas corporais em Juiz de Fora. Investiremos no questionamento acerca do grau de dependência da cidade mineira frente aos acontecimentos desenrolados no Rio de Janeiro. Indagar no sentido de colocar à prova esta assertiva, pelo menos no limite de nossa pesquisa que investiga o futebol. Procuraremos analisar se Juiz de Fora, pelo menos no desenvolvimento da sua esfera esportiva, foi um apêndice da então capital da república.

Analisar o processo histórico de desenvolvimento das práticas corporais na cidade de Juiz de Fora é um dos objetivos desta pesquisa. Nossa intenção, de uma forma geral, é acompanhar a trajetória da adesão por parte da população juizforana às modalidades esportivas desempenhadas em diversos espaços do tecido urbano: escolas, academias, clubes, praças, ginásios, salões, entre outros.

O discurso em torno das práticas corporais foi encampado por diversas instituições e personagens que constituíam o espaço urbano. Estabelecimentos educacionais, associações, clubes, academias, imprensa e intelectuais foram responsáveis diretos que auxiliaram na constituição de discursos em torno da valorização e da importância das práticas corporais em todo território nacional.

Entendemos por práticas corporais um conjunto de manifestações corporais praticadas com fins diversos, institucionalizadas ou não, e que podem ser resumidas em ginásticas, esportes, danças, jogos e lutas. Já por práticas de diversão entendemos um conjunto de manifestações que são vivenciadas com o fim principal de entreter e divertir-se. (CUNHA JUNIOR, 2011, p. 51)

Nossa meta é analisar o papel do futebol inserido no projeto de modernização implementado pela elite juiz-forana. Com base nos diários locais *O Pharol* e principalmente o *Jornal do Commercio* presenciamos, na virada do século XIX para o XX, uma forte adesão da sociedade local em relação às diversas atividades esportivas. Velocipedia, touradas, corridas a pé, turfe, exercícios ginásticos e futebol são práticas corporais que apareciam com frequência nos periódicos juiz-foranos durante o *fin de siècle*. Entre essas práticas destacaremos o esporte bretão, onde, nos primórdios do século XX, foi presenciado um movimento de expansão desta modalidade por todo território nacional, incluindo Juiz de Fora.

Neste sentido, a proposta da análise de conteúdo (BARDIN, 1994) serviu como inspiração e foi de grande valia. A autora conceitua a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A análise da fonte jornalística foi substancial para esmiuçar o desenvolvimento do futebol em Juiz de Fora. Adotamos esse tipo de fonte por ela suprir duas necessidades da presente pesquisa. Inicialmente, é necessário ressaltar a dificuldade em relação à constituição histórica desta modalidade praticada nos gramados locais. São escassas as fontes documentais em relação ao período de inserção do esporte bretão na cidade. Os dados coletados nos periódicos viriam a suprir essa lacuna histórica acerca do esporte. Apesar das limitações que este tipo

de fonte oferece, as notas colhidas com base na imprensa local foram primordiais para a constituição do perfil histórico da modalidade.

Além de suprir em parte a carência documental, as fontes jornalísticas foram adotadas por reunir um expressivo número de notícias acerca do futebol praticado em Juiz de Fora. Através da coleta de dados realizada sobre o *Commercio* e o *Pharol* analisamos o desenvolvimento tanto do esporte em si quanto do *modus operandi* dos jornalistas responsáveis em acobertar as diversas partidas de futebol. Através dos periódicos é possível observar a lenta, mas duradoura absorção do esporte bretão por parte da população local. Com base nos dados coletados da imprensa local durante os idos da década de 10 do século XX foi possível identificar o processo de afirmação do esporte e o tratamento dispensado a ele, saindo das pequenas e pouco informativas notas para ocupar colunas inteiras, com análises e dados que buscavam deixar o leitor bem inteirado acerca do futebol praticado na cidade mineira.

Mas, em relação à adoção dos periódicos como fontes de análises históricas, o pesquisador deve levar alguns pontos em consideração. Segundo a pesquisadora Tania Luca (Apud PINSK, 2010, p. 116) o historiador tem que estar atento às questões básicas deste tipo de fonte, como o grupo responsável pela publicação, os principais colaboradores, o público destinado, procurar identificar as fontes de receita e analisar todo o material conforme a problemática escolhida.<sup>1</sup> (Op. cit., p. 142)

[...] a discussão de problemas desta natureza pouco tem preocupado os historiadores da imprensa no Brasil. Eles se limitaram sempre à exata ou inexata narração dos periódicos e jornalistas que desde os tempos da independência formaram ou expressaram a opinião pública.

No presente trabalho operamos com o recorte temporal correspondente ao período entre os anos 1904 a 1914. Iniciamos em 1904, pois foi neste ano que encontramos a primeira menção nos jornais locais acerca do futebol praticado na cidade. Finalizamos as nossas análises em 1914, data em que a imprensa local noticiou um movimento encampado pelos futebolistas locais em direção a

---

<sup>1</sup> Convenhamos deixar claro que este procedimento não é exclusivo somente a este tipo de documento. Este esmero, segundo os princípios básicos de um trabalho histórico, deve ser adotados em todos os tipos de fontes.

institucionalização da modalidade na cidade, com a criação de uma Liga e conseqüentemente a organização de um primeiro campeonato oficial a ser disputado pelas equipes que compunham a esfera futebolística de Juiz de Fora. Esse período foi essencial não apenas para a introdução e estabelecimento do esporte bretão, mas também foi importante no processo de configuração da cidade, momento onde foram abarcadas diversas transformações incisivas nos âmbitos culturais, sociais e econômicos, todas baseadas nos pressupostos pregados pela Modernidade.

O processo de coleta de dados foi um trabalho bastante árduo e que demandou tempo, dedicação e auxílio. A pesquisa realizada com base em periódicos locais foi idealizada e executada em conjunto com o GEPHEFE (Grupo de Pesquisa em História da Educação Física e do Esporte) e perdurou por mais de três anos. O presente trabalho está inserido em um projeto maior, onde buscamos, através da pesquisa histórica, constituir o processo de inserção e adoção das práticas corporais por parte da população de Juiz de Fora. A análise dos periódicos é a primeira etapa em direção a esta finalidade.

Na operação com os dados, realizamos primeiramente uma leitura flutuante do material coletado. Tratou-se de uma fase inicial de contato e assimilação das primeiras impressões dos textos. Constituímos o *corpus* de análise a partir da organização do material e delimitação do número de textos a serem trabalhados. Levantamos os núcleos de sentidos (temas), agregamos os dados em categorias, operamos com a análise do *corpus*.

Apesar de privilegiarmos as informações contidas e coletadas tanto no *Commercio* e quanto no *Pharol*, o presente trabalho não se abastará somente desses documentos. Para abalizarmos a pesquisa utilizamos também fontes de caráter secundário. Estes são compostos por autores que auxiliam no processo de contextualização histórica da pesquisa, com temáticas que abordam a relação entre jornalismo e esportes, a inserção da modernidade em terras brasileiras e juizforanas, a introdução de práticas corporais no país entre outros.

Para melhor organização dos temas abordados o presente trabalho foi dividido em quatro capítulos. No primeiro lidaremos, de uma forma geral, com diversos aspectos relacionados à história do futebol, indo desde o seu surgimento como prática esportiva organizada até o seu estabelecimento nos relevos tupiniquins. Neste momento perpassaremos também o processo de introdução e desenvolvimento da assimilação dos exercícios corporais na cidade do Rio de

Janeiro. Neste item analisaremos ainda o processo de transferência do esporte bretão da Europa para ao Brasil. Buscaremos pontuar, através das fontes consultadas, quais foram os meios responsáveis pela introdução desta modalidade em território brasileiro. Aspectos que envolvem educação, modismos e o advento de trabalhadores estrangeiros nortearão esta parte do capítulo. Além disso, procuraremos trabalhar a relação entre a imprensa carioca e o futebol. Pontuaremos como, com o passar do tempo, o esporte bretão foi galgando espaços cada vez mais generosos nos periódicos desta cidade. Para finalizar, trabalharemos com a gênese da popularização do futebol no Brasil. Procuraremos analisar como o esporte bretão deixa os espaços próprios das elites para ganhar os campos de várzeas do Rio de Janeiro. Neste momento delinearemos os momentos considerados primordiais para a transformação do futebol, que inicialmente se apresentava elitista para se tornar um esporte de massas.

No segundo capítulo do presente trabalho procuraremos desenvolver a relação presente entre práticas corporais e o processo de Modernidade. Este período de intensas inovações, abarcando entre o último quartel do século XIX e as primeiras décadas do século XX, esteve presente em diversas cidades brasileiras. Segundo Anthony Giddens (1991) o processo de modernidade se identifica como um estilo, costume de vida ou organização social que possui características próprias, tais como o ritmo veloz das mudanças e da comunicação, o sistema político do estado-nação, a transformação de produtos e serviços em mercadorias, bem como a crença no progresso e no poder da ciência. Juiz de Fora participa de processo. Segundo Christo (1994), as elites locais procuravam fomentar a cidade segundo os padrões apregoados pela Modernidade. Novo plano urbanístico, a instalação de diversas instituições educacionais, preocupações em relação à higiene da população, com a fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia e o surgimento de novos hábitos, como intensa vida cultural e aparecimento de diversas modalidades esportivas são evidências da busca pela inserção da cidade nesse processo. Com base em notas extraídas principalmente do *Jornal do Commercio* procuremos analisar a identificação das práticas corporais enquanto hábitos a serem apreendidos e praticados dentro do contexto da formação de uma nova sociedade, pautados nos valores modernos. Esmiuçaremos através dos periódicos locais o surgimento de diversas práticas, como touradas, corridas a pé, velocipedia, ginástica e turfe. Enfim, procuraremos estabelecer a afinidade presente entre esses gêneros

esportivos e a constituição de um projeto calcado em um novo padrão social, econômico e cultural, ambos apregoados pela Modernidade.

Na terceira parte focaremos as nossas atenções para o desenvolvimento da imprensa, mais precisamente na relação entre esse meio de comunicação e as práticas esportivas. Desde o seu aparecimento, os jornais destinavam pouca importância aos esportes em geral. Somente a partir dos meados do século XIX que alguns periódicos passaram a dedicar maior atenção às práticas corporais. Acompanhando o crescente número de modalidades institucionalizadas e de praticantes, embalados pelos discursos médicos e pelo axioma *“mens sana corpore in sano”*, os periódicos da época observaram que estes esportistas seriam como um instrumento assaz eficaz em direção ao aumento no número de vendas e anunciantes. Para atingir tal objetivo a imprensa procurou adotar mecanismo que atraíssem a atenção dos leitores em relação às notícias provenientes das modalidades esportivas. Medidas como a adoção de narrações densas e heróicas dos vencedores, criação de mitos e patrocínio de competições serão a tônica dos periódicos, principalmente franceses, durante a transição do século XIX para o XX. No Brasil, observamos alguns pontos em comuns em relação ao tratamento dispensado pela imprensa local em relação aos esportes. Neste capítulo também dedicamos as nossas análises para a relação entre os jornais e a prática futebolística. As nossas atenções serão destinadas para o desenvolvimento desta afinidade presente nas praças esportivas do Rio de Janeiro, então capital brasileira, e Belo Horizonte, centro político de Minas Gerais. Com base em trabalhos de Leonardo Pereira (2000), Vitor de Andrade Melo (2001, 2010), José Moraes dos Santos (2002), Marilita Rodrigues (2006), Rafael Ribeiro (2007) e entre outros autores procuramos traçar um perfil da relação entre o esporte bretão e os periódicos presentes nessas duas cidades. Nestas, procuramos observar a gênese das notícias acerca da modalidade, assim como o seu desenvolvimento, o processo de popularização e a assimilação deste esporte essencialmente inglês por parte dos leitores.

O quarto e o derradeiro capítulo é o cerne deste trabalho. Neste lidaremos especificamente com a relação entre imprensa e o futebol juiz-forano. Apesar de termos informações acerca da prática da modalidade em relvados da cidade em 1893, somente em 1904 começaram a aparecer notícias provenientes desta prática. Nossa análise envolve notícias oriundas principalmente do *Jornal do Commercio*,

com algumas inserções obtidas de outro grande periódico da época, *O Pharol*. Procuramos estabelecer um paralelo entre o esporte bretão presente na imprensa do Rio de Janeiro e Belo Horizonte e o que constituía os diários locais. Buscaremos também nos jornais da Manchester Mineira, através da coleta de dados realizada, identificar alguns aspectos inerentes à afinidade imprensa/futebol, como a gênese desta relação, o desenvolvimento e a absorção do futebol em frente aos esportistas e a evolução na forma de reportar a modalidade, partindo das simples notas para notícias e comentários mais abalizados. Todos os elementos foram observados com base nos acontecimentos procedentes tanto da capital mineira quanto da fluminense. Procuramos também realizar um trabalho quantitativo tendo como base as notas originadas especificamente do *Jornal do Commercio*, onde identificamos os anos responsáveis pelo maior número de notas sobre o esporte, os espaços onde era praticado, número de equipes fundadas entre outros dados, todos eles respeitando o recorte temporal da pesquisa. Além disso, procuramos identificar alguns pontos inerentes ao futebol praticado em Juiz de Fora e que de alguma forma auxiliaram na configuração desta modalidade. Objetos como a participação das instituições educacionais, as formas de manutenção das agremiações locais, o tratamento do *Commercio* direcionado a modalidade, estratégias utilizadas pela imprensa na busca por um número maior de praticantes e leitores e a criação da primeira liga e campeonato serão temas observados e desenvolvidos neste instante do trabalho.

Buscamos assim, nestas páginas, um perfil da profícua relação existente entre a imprensa e o futebol. Não pretendemos constituir a história do futebol em Juiz de Fora, um trabalho que necessitaria de outros tipos de fontes. Procuramos sim, através de significativos periódicos locais, observar o processo de introdução e absorção de alguns elementos constituintes da Modernidade, dentre eles as práticas corporais. Além disso, através das análises desempenhadas acerca dos jornais locais foi possível identificar a gênese e o desenvolvimento da afinidade existente entre a imprensa e o futebol. Uma relação importante no processo de constituição e estabelecimento deste esporte nos relevados de diversas cidades brasileiras, dentre elas Juiz de Fora.

## CAPÍTULO 1

### OS PRIMÓRDIOS DO FUTEBOL NO BRASIL

*Se Charles Miller que levou a primeira bola de futebol para o Brasil, estivesse vivo hoje, seria não só um fenômeno de longevidade como um bom tema de sociologia.*  
(Luis Fernando Veríssimo)

Atualmente o futebol é o esporte mais popular do mundo. Ele é praticado em quase todos os países do globo, possuindo ligas e confederações. São bilhões de pessoas que torcem pelos seus clubes e por suas seleções nacionais. Um dos eventos esportivos mais lucrativos e esperado do globo é a Copa do Mundo de futebol, ocorrido no intervalo de quatro anos e acompanhada por mais da metade da população mundial. Esse esporte universal movimentava anualmente quantias imensuráveis de recursos, originado pelos lucrativos contratos televisivos e de patrocínios, além do arrecadado com as transações de jogadores.

O futebol, para chegar a tal condição, passou por diversas mutações em seu âmbito institucional, adotando transformações e se adaptando as sociedades contemporâneas a sua prática. Tal mutabilidade talvez seja uma das razões do seu sucesso. Aliado a esse fator está o seu elevado teor democrático, sendo essa característica o sustentáculo de seu sucesso por todo mundo. Qualquer pessoa, independente da sua condição econômico-social, pode praticar futebol. Não há limites espaciais, financeiros e logísticos, basta apenas uma bola e um lugar apropriado para se jogar. Talvez seja uma das instituições mais democráticas, sobrevivendo a guerras, ditaduras, repressões e discriminações. Hoje a FIFA, entidade máxima do futebol mundial, agremia mais representantes nacionais do que a própria ONU. Seja apenas por diversão ou esporte profissional, a prática do futebol sempre se manterá viva na cultura, não só do Brasil, mas em todo o planeta.

Oposto do que se possa imaginar, o caminho percorrido pelo futebol não foi simples. Ele perpassou por um traçado bastante sinuoso até alcançar a sua situação

atual. Por isso, se faz necessário um capítulo deste trabalho destinado à História desse esporte, com a finalidade de pontuar toda a longa trajetória desta atividade, partindo desde as suas raízes, há mais ou menos quatro mil anos atrás, até a sua chegada e assimilação pela sociedade brasileira no século XX. É uma história basicamente narrativa, baseada em diversas fontes de caráter secundário, onde serão descritos os pontos mais interessantes e relevantes acerca do esporte bretão.

O presente capítulo foi dividido em quatro partes. A primeira lidará com a gênese do futebol mundial. Além disso, pontuaremos também como ocorreu à introdução e o desenvolvimento da assimilação dos exercícios corporais na cidade do Rio de Janeiro. Este item trabalhará com recortes temporais e espaciais bastante amplos. Partiremos da gênese do futebol, ocorrido, com base na fonte adotada, a 2500 a. C. e seguindo até a virada do século XIX para o XX. Neste momento perpassaremos o continente asiático, transitando pelo europeu até alcançar a cerne do trabalho que é o continente americano, mais especificamente o Brasil.

Na segunda parte lidaremos basicamente com a transferência das modalidades esportivas, mais especificamente o futebol, da Europa para ao Brasil. Buscaremos analisar e pontuar, através das fontes consultadas, quais foram os meios responsáveis pela introdução das mesmas em território brasileiro. Aspectos que envolvem educação, modismos e a vinda de trabalhadores estrangeiros nortearão esta parte do capítulo.

Continuando o momento da introdução de práticas esportivas no Brasil, procuraremos, na terceira parte, trabalhar com o papel da imprensa no processo de introdução e consolidação do futebol. Este veículo de comunicação era deveras presente na sociedade brasileira transição do século XIX para o XX. Lidaremos, especificamente, com os jornais oriundos da cidade do Rio de Janeiro. Pontuaremos como, com o passar do tempo, o esporte bretão foi galgando espaços cada vez mais generosos nos periódicos desta cidade.

A última parte e não menos importante lidará mais especificamente com a gênese da popularização do futebol no Brasil. Procuraremos analisar como o esporte bretão deixa os espaços próprios das elites para ganhar os campos de várzeas do Rio de Janeiro. Neste momento delinearemos os momentos considerados primordiais para a transformação do futebol, que inicialmente se apresentava elitista para se tornar um esporte de massas. Enfim, analisaremos como ocorreu o processo de difusão do futebol em terras tupiniquins.

## 1.2 Os primórdios do futebol

O futebol é praticado há mais de quatro mil anos. Mas é errôneo pensar nesta prática esportiva como aquela que é apresentado hoje, com suas regras, organizações e torcidas. O primeiro equívoco está por conta da própria denominação do esporte. Futebol é um termo que foi aportuguesado do inglês “football”, que significa chutar a bola, sendo introduzido na Inglaterra em meados do século XIX (MENDES, p.5, 2001). Então, chamar de futebol qualquer atividade que se executa com os pés antes deste período é cometer um anacronismo histórico. Segundo equívoco está relacionado com o alcance deste esporte. Atualmente ele se apresenta bastante diferente em relação a sua gênese, onde a prática do futebol era algo extremamente restrito, destinado somente a membros da nobreza. Pesquisadores identificaram uma atividade que de longe se assemelhava ao futebol. Em seus primórdios o futebol estava longe de ser uma atividade democrática, pois era praticado por círculos extremamente fechados, destinado somente aqueles pertencentes à elite dirigente da sociedade. Esse espírito exclusivista dificultou bastante os estudos acerca dos primórdios deste esporte.

A origem da atividade, que segundo autoridades no assunto, se assemelha ao futebol, é um ponto de discussão. Um grupo de pesquisadores defende a tese de que os chineses, há 2500 anos a.C. atrás, praticavam algo parecido com o futebol (Op. cit., p.1). Outra vertente afirma que a brincadeira onde o objetivo principal era controlar com os pés um objeto cilíndrico data-se de 4500 a.C. e era praticado no Japão. Existem alguns estudiosos que identificaram uma atividade parecida na Grécia Antiga e também localizaram algo parecido na Roma e no Egito Antigo (Op. cit.).



“Futebol” praticado na China

A vertente chinesa, depois de uma análise prévia das fontes secundárias, é a mais trabalhada no meio acadêmico. Conforme os pesquisadores, o jogo na China era conhecido como Ts’uchu e praticado somente pela alta corte (Op. cit.). Segundo essa linha, o “futebol” teria posteriormente abarcado em terras japonesas. A bola, uma esfera “de cor com crina de cavalo”, era também executado exclusivamente pelos nobres. A elegância no domínio da bola era objetivo principal deste jogo, onde ainda não havia sequer resquícios de marcações no campo, de balizas e de muito menos os gols (Op. cit.). Essa linha de pesquisadores identificou em suas análises que o primeiro enfrentamento entre duas civilizações foi uma partida entre China e Japão. Talvez tenha sido o primeiro confronto ocorrido de forma pacífica entre essas duas nações, já que, durante toda a história, os dois países colecionam diversas agressões mútuas.

Essa forma de jogar futebol teria se alastrado para o ocidente séculos depois. Não encontramos fontes que relatam como procedeu essa transferência, mas tem-se notícia de uma atividade, praticada na Europa durante o século XIII, que se assemelhava ao futebol. Esse esporte havia se tornado algo popular, perpetrado por camponeses, tomando ares diferentes daqueles praticado no extremo oriente (Op. cit.). Estudiosos identificaram, por volta do século XIV, uma medida que proibia a prática desta nova “brincadeira” em quase toda a Europa. Nesta época, o futebol, ou algo parecido, caracterizava-se como extremamente rude, cercado por diversas

exibições de violência, como socos e pontapés. As monarquias, neste momento, incentivavam a prática de outros “esportes”, como o arco e flecha e a esgrima, atividades que, além de servirem como passa tempo, também serviriam como uma forma de preparar a população para defender militarmente o reino quando necessário. Apesar de continuar proibido até 1547, os jogos de bola, seja ele praticado com as mãos ou com os pés, continuaram sendo exercido, longe dos olhos das autoridades. Somente durante o reinado do Henrique VIII que os praticantes desta “brincadeira” ganharam alguma liberdade.



“Futebol chega ao continente europeu”

O futebol, passados mais de dois séculos, começava a se desenvolver com mais intensidade no continente europeu, tendo o território italiano como um dos principais centros “futebolísticos” da época. Nada de revolucionário, mas o futebol por aquelas regiões começava a aproximar-se da forma como é visto hoje em dia.

Em Florença, grande centro econômico da época, promovia, por volta de 1580, diversas partidas de um esporte parecido com o futebol atual (PEREIRA, 2000, p. 25). Durante este período, a Cidade-Estado esteve ocupada por tropas do príncipe de Orange. Para tentar contornar esta incômoda situação, forças políticas florentinas tentaram resolver o impasse com a realização de um jogo de bola. Assim nascia a chamada Era do Cálcio Fiorentino, onde as partidas entre Florença e Holanda ocorriam anualmente, sempre no dia 24 de junho, dia de São João, padroeiro da cidade. Essa partida é disputada até os dias atuais. Além disso, o futebol na península itálica é atualmente denominado de Calcio.

### 1.1.1 Gênese e consolidação do esporte bretão

Foi somente após o século XVII, no reinado de Carlos II (Op. cit., p.4), que o futebol se reabilitou perante os olhos da monarquia inglesa. Durante esse período, a prática desse esporte ganhou *status* e passou a ser largamente executada por todo o reino. O próprio rei organizava e patrocinava diversos *matches*. É consenso entre os estudiosos considerar esse período como um embrião do futebol jogado atualmente.

Na Europa, as preocupações da comunidade científica, desde meados do século XIX, se voltaram para o melhoramento da saúde dos seus habitantes (VIGARELLO, 2008). As práticas corporais seriam instrumentos ideais para essa finalidade. Com esse intuito foram surgindo diversas modalidades que procuravam trabalhar o corpo e torná-los sadios, como o ciclismo, tênis e o futebol. Este último já era utilizado para auxiliar nas disciplinas dos alunos dos colégios ingleses desde o século XIX (Op. cit.). Além disso, os exercícios físicos auxiliavam em no desenvolvimento do raciocínio, do controle e da força física.

Com relação ao futebol, surge em 1848, um movimento que visava criar corpo próprio para o esporte praticado pelos ingleses (PEREIRA, 2000, p.25). Até então, não existiam regras claras e coesas com relação a sua prática. Os códigos e a forma de jogar variavam conforme região e cidade onde se realizavam as partidas. Essa comoção tinha como principal objetivo reunir os principais representantes da Inglaterra para regimentar e definir um código de regras que seriam respeitados por todos os praticantes do futebol pelo país. Esse movimento de uniformização do esporte britânico teria implicações importantíssimas na difusão do esporte não só pelo *fields* ingleses, mas também pelos gramados de todo o mundo.

Foi somente em 1863 que o futebol ganhou *status* comparado como o que se observa atualmente. Nesta data foi fundado a *The Football Association*, órgão existente até os dias atuais, que visava regulamentar e dar maior autonomia ao esporte (Op. cit.). Esse órgão tinha como objetivo fiscalizar o crescente número de agremiações futebolísticas que vinham brotando por toda a Inglaterra. Além disso, esta instituição tinha como finalidade padronizar o futebol praticado em terras inglesas, criando regras que seriam utilizados por todos os praticantes. Esse movimento de uniformização do esporte serviria também para tentar coibir a crescente violência que dominava os relvados ingleses, evitando novamente uma possível proibição desse esporte, como ocorrera no século XIV. Todos os

pesquisadores especializados no assunto consideram este momento como primordial para criação de um esporte altamente competitivo e aceitável (Op. cit.).



Futebol antes do *Football Association*

A criação da F.A. foi de suma importância não só para o futebol, mas também para a sociedade inglesa. Além de contribuir para uma rápida proliferação deste esporte pelo mundo, a *The Football Association* foi uma das responsáveis pela coesão entre os operários ingleses. Conforme já foi dito, a instituição de regras facilitou bastante a prática do futebol pelo país, gerando uma rápida popularização desse esporte, que logo se alastraria entre as parcelas mais amplas do operariado. O convívio com o esporte, através da própria prática do futebol ou em conversas de bar, criou nestes trabalhadores um vínculo de fraternidade, organização e unidade.

Essa semelhança entre eles fez com que o jogo tornava-se, na década de 1880, uma espécie de religião pagã para os ingleses de origem proletária. Esse movimento de união foi um dos elementos marcantes na construção da identidade operária no período (PEREIRA, 2000, p.26).

A partir deste momento de afirmação, o futebol ganharia o mundo. Em 1885 o esporte bretão, que há pouco havia criado a primeira federação, ganharia o seu primeiro órgão internacional. A *International Football Association Board*, “pretendia orientar e uniformizar não só o futebol inglês, mas em outros países na qual ele se espelhava” (PEREIRA, 2000, p.25). Esta instituição persiste até os dias de hoje. É

dela que são definidas as modificações ou manutenção das regras do futebol atualmente.

Mas o futebol praticado no resto do continente europeu ganhava ares diferentes daquele praticado no Reino Unido.

[...] nesses outros países (da Europa) o jogo estava longe de servir de elemento de identidade operária – sendo, pelo contrário, restrito aos jovens estudantes e aos técnicos especializados das companhias inglesas. Praticado principalmente nas escolas européias, de onde saiu os principais clubes do continente, o jogo ganhava uma marca muito diferente daquela que assumia em seu país de origem. (Op. cit.)

A fundação da F.A. foi de suma importância para a caracterização do futebol como é praticado atualmente nos relevos em todo mundo. A organização e disciplinalização do esporte bretão foram elementos essenciais para a difusão desta prática. A *The Football Association* foi responsável indireto pelo surgimento de diversas agremiações futebolísticas por todo o globo. Estes clubes, por sua vez, criaram uma legião de torcedores que passaram a acompanhar os seus times com afinco, ajudando a disseminar o espírito não só futebolístico, mas o esportivo por todos os cantos.

### 1.1.2 Rio de Janeiro: terra dos *sports*

E o *football* chega ao Brasil. Depois de percorrido de forma sucinta a trajetória deste esporte pelo mundo chegamos a um dos pontos mais culminantes deste capítulo: a introdução e o estabelecimento do futebol em terras tupiniquins. Neste momento realizaremos, como já foi dito, uma contextualização do futebol, baseado na simples narração dos fatos mais relevantes na constituição do esporte bretão no Brasil.

Mas, o nosso enfoque estará voltado para a constituição do futebol na cidade do Rio de Janeiro. Não estamos abnegando a importância de outras regiões na constituição deste esporte pelo Brasil afora. Mas, a cidade carioca, por ser a então capital federal e por estar intrinsecamente vinculada a Juiz de Fora, recorte espacial deste trabalho, será o ponto central das análises desenvolvidas neste capítulo.

Mais adiante pontuaremos, de forma mais abalizada, a penetração não só do futebol em terras brasileiras, mas como e porque ocorreu a introdução de diversas modalidades esportivas oriundas do velho mundo. Estes fatos estão intrinsecamente ligados com o contexto político, social e cultural do Brasil, mais especificamente a cidade do Rio de Janeiro, na virada do século XIX para o XX.

### 1.1.3 Contexto histórico

É importante contextualizar, antes de pontuarmos os momentos vividos pelo futebol no seu contado com o território brasileiro, a conjuntura social e econômica presenciada por aquela sociedade na transição do século XIX para o século XX. Segundo a historiografia tradicional, este esporte foi introduzido por uma elite que estava vinculada aos principais clubes esportivos, que se caracterizavam como espaços de sociabilidade compartilhados por pessoas importantes, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Durante este período, foi observado um forte processo de industrialização acompanhado por um intenso movimento de urbanização. Esses momentos foram provocados principalmente pela inserção do capital proveniente do ramo cafeeiro nas grandes cidades. Esse setor buscava, em última instância, diversificar a sua estrutura econômica (WINTTER, 1982, p.78).

Foi presenciada também, além deste espírito progressista que acompanhava a sociedade urbana, uma forte valorização da cultura estrangeira, principalmente advinda do Reino Unido. A ascensão da produção cafeeira e o conseqüente aumento na exportação do produto inseriu o Brasil no *hall* dos países atuantes no comércio mundial. Esse fato propiciou a adoção de práticas essencialmente burguesas, características de economias progressistas.

Além disso, a sociedade brasileira buscava um caminho para o fortalecimento da nação, procurando inseri-lo no grupo dos países desenvolvidos (SHIRTS, p.81). A simples cópia de hábitos e de costumes culturais característicos das matrizes do velho mundo seria, para essa elite urbana, o único caminho possível para modernizar a nação. Ou seja, naquele momento “ser moderno é ser estrangeiro” (MASCARANHAS, 1999). Portanto, para esse extrato da sociedade brasileira o desenvolvimento do país deveria estar calcado na repetição de elementos

característicos da civilização européia. Novos conceitos urbanísticos, culturais e sociais foram a tônica do Brasil na virada do século XIX para o XX (MELO, 2001, p.70, 71).

As reformas impetradas não estavam apenas ligadas ao progresso econômico e industrial da nação. Atrás desta era de inovações está uma nova elite que ambicionava também a constituição de um novo imaginário social para a cidade do Rio de Janeiro. Essa ação foi importante, pois buscava equacionar os problemas enfrentados por esta cidade, tais como a ausência de planejamento urbano, a falta de infraestrutura, saúde e educação, dificuldades que foram acentuados com o aumento considerável da população (Op. cit., p. 71).

A elite, estando na vanguarda da modernidade, buscava também um controle maior sobre os corpos dos brasileiros, principalmente daqueles que compunham a mão de obra. Neste aspecto, a busca de uma saúde perfeita vai estar alinhada ao melhor tratamento corporal. Seguindo o modelo europeu, este aprimoramento só seria obtido através dos exercícios das práticas esportivas. Inicialmente, estas modalidades, ao serem desembarcadas nas grandes capitais, estariam a cargo somente das elites locais, praticadas em espaços exclusivos e limitados. Este extrato não tinha a intenção de semear tais práticas esportivas. Portanto, a elite não busca apenas o controle econômico, ela procurava exercer a sua hegemonia também sobre controle do corpo, procurando reservar para si uma forma de obter um corpo sadio. Mas, como veremos mais adiante, esta forma de exclusão não perdurou por muito tempo.

A preocupação com a saúde da população era essencial para a constituição de um Estado moderno. Ela também estaria ligada no âmbito das relações de trabalho. Buscava-se um aprimoramento físico da mão de obra utilizada. Para alcançar tal objetivo, a constituição de um corpo saudável deveria estar concomitante com a modificação das concepções estéticas do corpo. No Brasil essa transformação ocorreu de forma gradual. Até a proclamação da República, o corpo brasileiro se apresentava como franzino, onde se evitava esforços, pois a comunidade científica da época acreditava que eram nocivos a saúde. Quase não se praticava ginástica.

A geração que vai proclamar a República, exceção feita dos homens que seguiam a carreira das armas, era uma geração de fracos e

enfesados, de lânguidos e de raquíticos, sempre enrolada em grosso cachê-nez de lâ, a galocha no pé e um guarda-chuvas de cabo de volta debaixo do braço. (EDMUNDO, 1957 apud MELO, 2001, p. 48)

Mas a entrada de novos ares oriundos do velho continente modificou o padrão corporal brasileiro. Os tipos fortes, mesmo que lentamente, começaram a ser copiados e estimulados (MELO, p. 48). Segundo Vigarello (1996), as mudanças com relação às concepções corporais estão intrinsecamente ligadas aos aspectos de higiene e saúde.

Existe, portanto, um imaginário do corpo, e este imaginário tem a sua história e os seus sentimentos. (...) É mesmo preciso que as imagens do corpo mudem para que os constrangimentos possam mudar também. (VIGARELLO, 1996, p.31)

Neste mesmo momento a cidade do Rio de Janeiro passou por acentuadas mudanças urbanísticas. Em 1904, a capital federal estava em ebulição. Rodrigues Alves assumiu a presidência da jovem república em 1902, permanecendo no cargo até 1906. O seu governo ficou marcado pelas suas medidas consideradas modernizantes (MELO, p. 71), que modificaram a vida das pessoas que residiam naquela cidade. Ele foi o responsável pela reurbanização da capital federal, baseado nos conceitos racionais e sanitários, buscando dar-lhe uma nova configuração.

Em meio ano botou abaixo quinhentos pardieiros e abriu três avenidões em forma de U. Muita gente temeu que as novas artérias, formando correntes de ar, matassem o povo de pneumonia [...] Ao contrário. A cidade virou de frente para o mar, Flamengo, Botafogo, Copacabana [...] Ficou alegre, piadista e esportiva. Nos espaços agora abertos começaram a deslizar os primeiros automóveis, nasceram os primeiros cinemas. E os primeiros campos de pelada. (SANTOS, 1981, p. 25)



Avenida Rio Branco, fruto da reforma urbanística no Rio de Janeiro, realizada no início do século XX.

Esse movimento de renovação da capital federal criou uma enorme convulsão. O “bota abaixo”, apelido utilizado pelo então prefeito carioca Pereira Passos para referenciar a execução do movimento de reurbanização, enxotou milhares de pessoas nas ruas. Muitos desses despejados, devido a forte recessão econômica que o país atravessava durante os anos 1903 e 1904, haviam perdido os seus empregos (CARVALHO, 1987, p. 92). Esta situação de descontentamento, aliado a outros fatores de caráter político, produziram um clima favorável para uma revolta popular. Esse momento ocorre paralelo a um programa de vacinação obrigatória. Os descontentes com a reforma urbana e partidários de uma revolta utilizaram esse programa de vacinação obrigatória como o estopim para implodir um alvoroço social. Por isso, a historiografia oficial classificou esse momento como a Revolta das Vacinas (Op. cit.). O Estado respondeu de maneira energética, abafando o levante em poucos dias, punindo todos os “anarquistas”. Após os incidentes, o Estado responsabilizou tanto as lideranças políticas contrárias ao seu governo, pela organização do movimento, quanto aos capoeiras, responsável pela retaguarda física da revolta (Op. cit.).

A intervenção estatal foi culminante para a execução do processo de modernização que atravessava a capital federal. Tanto o presidente Rodrigues Alves quanto o prefeito Pereira Passos foram figuras essenciais para colocar em prática os ideais provindos da Europa. Aliás, a atuação deste último foi assaz importante para a proliferação das práticas esportivas pela capital federal, destacando os esportes náuticos, como as regatas. Segundo Melo (2002, p. 102) “[...] Foi ele (Pereira Passos) que identificou que o esporte poderia ser uma eficaz estratégia para a difusão de imagens e a construção de um novo imaginário para a cidade”.

O Brasil, até a virada do século XIX para o XX, não tinha qualquer tradição em práticas esportivas. A elite era totalmente avessa a qualquer atividade que necessitasse de qualquer esforço físico (LEVINE, 1982, p. 23). Como foi dito linhas atrás, durante o período escravista, havia uma grande rejeição as atividades que exigiam esforço físico e fizesse transpirar. Quanto maior era o número de escravos que viessem a realizar atividades que exigissem esforço extremo, maior era o *status*

desse membro da fina camada. Por isso que a cultura não-esportiva era bastante sólida na sociedade brasileira anterior a virada do século XIX para o XX.

A elite letrada via com certa indiferença a prática esportiva. Talvez esse desprezo esteja pautado na forma como era apresentada tais atividades. Até o último quartel do século XIX as práticas corporais no Brasil eram vistas mais como uma forma de diversão, sem qualquer apego a saúde. Eram executadas apenas como uma forma de passar o tempo, como uma atividade lúdica, sem valor prático (PEREIRA, p. 43).

Além disso, perturbações ocorridas em algumas práticas esportivas colaboravam para solidificar a aversão das elites. No século XIX, os diversos clubes que surgiam no Rio de Janeiro desempenhavam funções distintas daquelas apresentadas hoje. Inicialmente, eram espaços criados para o encontro das elites, onde se reuniam os cavalheiros (MELO, p. 61). Entre diversas atividades desenvolvidas nos clubes estavam às apostas. Essa forma de diversão foi amplamente utilizada em corridas de cavalo. Aos poucos essa prática, com os diversos casos de manipulação de resultados divulgados pela imprensa da época (Op. cit. 168), foi perdendo adeptos. Esse momento foi deveras negativo não só para o desenvolvimento do turfe, considerado até hoje mais como um jogo do que um esporte propriamente dito, mas danoso para as práticas esportivas em geral, que passou a ser rejeitada por uma grande parte das elites.

Esse sentimento de aversão a qualquer esporte físico começou a declinar logo no início do século XX. Interessados em educação física da época, depois de realizados diversos estudos, traçaram uma relação entre atividade física e desenvolvimento da nação. Chegaram a conclusão de que os exercícios físicos seriam um meio bastante eficaz de diminuir a relação de inferioridade da “raça brasileira” perante a “raça européia”, estando estes em um estágio muito mais avançado no que dizia respeito à valorização das práticas corporais. Higenistas, denominação dada a este grupo de pessoas, defendiam que não existe país desenvolvido sem robustamento físico, e a prática esportiva, seja ela qual for, era de suma importância para desenvolver uma sociedade que fisicamente se equiparia a européia. Para eles, esse seria o primeiro passo a ser dado em direção a inserção do Brasil no bloco das nações de primeiro mundo (MORORO, 2006).

Chamo toda a atenção da ilustre corporação municipal, para o fato de que este divertimento, por meio de espetáculos públicos, se generaliza prontamente nos seios de todas as classes sociais, contribuindo poderosamente para o desenvolvimento das forças físicas e sendo ao mesmo tempo um excelente exercício higiênico. (PEREIRA, p. 46)

É neste momento que partidários desse movimento pela educação física desenvolvem o axioma no Brasil de *“mens sana, in corpore sano”* (Op. cit. P. 44). O esporte seria, além de um como caminho para o robustamento da nação, uma excelente atividade ligada ao melhoramento psico-motor. A prática de atividades físicas livraria o homem, segundo os higienistas, das perturbações características das sociedades urbanas.

Depois dessa intensa mobilização pela prática de exercícios físicos, houve uma inserção de diversas modalidades esportivas, principalmente na cidade do Rio de Janeiro. Atividades como turfe, luta romana, remo, velocipedia, futebol, ginástica e até touradas (Op. Cit. P. 47) irradiavam por toda a cidade. O esporte, que até poucos anos atrás era visto com desprezo, passou a ser moda entre os membros da elite. Todos imbuídos na tarefa de colocar o Brasil em situação equivalente, pelo menos fisicamente, aos países desenvolvidos.

Mas, esse processo de introdução de práticas esportivas não foi um movimento simplório. O desembarque destas atividades ocorreu de forma bastante lenta e gradual. No próximo sub item analisaremos, de forma mais aprofundada, como se deu a transferência destas modalidades esportivas do velho continente para as terras tupiniquins.

## 1.2 O futebol chega ao Brasil

Procuramos, no sub capítulo anterior, contextualizar historicamente o Brasil, e mais especificamente, a cidade do Rio de Janeiro, durante o período transitório dos séculos XIX para o XX. Neste momento constatamos, de uma forma geral, o anseio das elites locais em constituir uma nova nação, adaptando-a conforme aos padrões sociais, culturais, científicos e urbanísticos apregoados pelos países europeus, considerados como referenciais do momento.

Neste item lidaremos mais especificamente com o advento do futebol nos relevados brasileiros. Procuraremos, através das fontes analisadas, apontar algumas hipóteses que ocasionaram a chegada deste esporte em nosso país. Neste momento buscaremos identificar como e quais os caminhos percorridos por este esporte, saindo do continente europeu, até alcançar terras tupiniquins.

Não é objetivo desta parte do nosso trabalho identificar as raízes da prática futebolística no Brasil. Nós não compactuamos com a busca insensata por uma data ou momento exato da introdução deste esporte em esfera local. O objetivo desta parte do trabalho é procurar identificar como, os meios e porque o futebol, definido como uma prática institucionalizada como regras e padrões bem definidos, aportou em território brasileiro.

Este exercício de identificação das formas como o futebol penetrou em nossos relevados é extremamente importante para construção do nosso trabalho. Através deste momento será possível observar mais atentamente a relação entre o contexto histórico do país com a introdução de algumas atividades esportivas no Brasil, mas especificamente a chegada do esporte bretão. Iremos observar que o domínio econômico, e conseqüentemente, o político, foi primordial para a transferência de diversos hábitos característicos da cultura inglesa. Neste país, a familiaridade com as práticas esportivas foi alcançada durante o século XIX, principalmente após a Era Vitoriana<sup>2</sup>. A execução de tais práticas seria uma forma de reviver e atenuar o sentimento saudosista dos ingleses em relação a sua pátria mãe.

Mas como veremos a seguir a transferência do futebol não ficou a cargo de alguns representantes do agressivo capitalismo inglês. Os modismos locais, o contexto econômico mundial da época, o regresso dos alunos brasileiros após um período de estudo em escolas européias (inglesas) e ação curricular implantadas em

---

<sup>2</sup> Era Vitoriana foi o período no qual a Rainha Vitória reinou sobre a Inglaterra, no século XIX, durante 63 anos, de junho de 1837 a janeiro de 1901. Vitória deu início a uma prolongada etapa de progresso pacífico, conhecida como *Pax Britannica*, sustentada pelos ganhos obtidos com a difusão do empreendimento colonial da Inglaterra Imperialista no exterior, e pelo ápice da Revolução Industrial, que propiciou a criação de novas técnicas engenhosas. Este avanço deu impulso ao desenvolvimento de uma camada social média e ilustrada. Foi, portanto, no auge da industrialização e da política colonial que o Império Britânico se transformou na mais importante empresa planetária, provendo os centros globais com suas produções industriais.

alguns colégios brasileiros tiveram a sua cota de contribuição para o estabelecimento do futebol no Brasil.

### 1.2.1 Formas de transferências

Com base nos estudos desenvolvidos até o presente momento, o ingresso do futebol no continente latino-americano se deu basicamente por quatro vias: no primeiro caminho este esporte está relacionado ao momento econômico característico da transição do século XIX para o XX.

Para Vitor Melo, pesquisador do tema, o quartel final vivenciado pelo país apresentou um clima favorável para implementação de práticas esportivas. A intenção de modernizar o Brasil e adequá-lo concomitante ao estilo Europeu se estabeleceu após o aporte da família real em 1808.

[...] Desde a chegada da família real portuguesa, e principalmente após a “independência jurídica” de Portugal, paulatinamente começou um processo de busca de consonância e identificação com os países da Europa. Preconiza-se a necessidade de “civilizar” o Brasil, tornando-o “moderno” e aceito no rol das grandes nações do mundo”. (MELO, p. 114)

Durante a introdução do futebol, por volta da década de noventa do século XIX, o Brasil passava por profundas mudanças. Foi o tempo da abolição da escravidão, da proclamação da República e de outros acontecimentos que modificaram o modo de viver e pensar dos brasileiros. O Estado nacional, fruto dessas profundas mudanças, almejava diversificar a sua estrutura econômica, buscando diminuir a sua extrema dependência em relação ao café. Para que ocorresse uma maior dinamização da economia, era necessário fomentar e desenvolver um parque industrial, que visasse, no primeiro momento, atender às necessidades básicas de consumo da população.

Para tal tarefa, o Brasil contratou e adquiriu serviços e maquinários ingleses. Sobre este momento é profícua a argumentação elaborada pelo Leonardo Afonso Pereira (2000). Segundo ele, a expansão do capital e de tecnologia britânica propiciou a introdução do futebol no Brasil. Juntos com os produtos ingleses vieram

também os profissionais especializados. Essas pessoas, após estabelecerem residência no novo continente, cultuavam uma série de elementos culturais característicos da sua terra natal. Neste instante, entre o chá das cinco e uma partida de *cricket*, aparece um novo e desconhecido jogo, denominado *foot-ball*. (PEREIRA, p. 27)

A segunda forma de transferência do esporte bretão para os relvados tupiniquins também se relaciona com o movimento de “europeização” da cidade do Rio de Janeiro nos anos finais do século XIX. A necessidade de instaurar uma nação moderna na América Latina fez com que, como já citado, fossem importados hábitos oriundos da Europa, como o cuidado com o corpo e conseqüentemente a prática de modalidades esportivas. (MELO, p. 23)

Segundo Melo, alguns fatores favoreceram a transferência de costumes genuinamente europeus para terras brasileiras. Neste momento ele destaca a ação dos imigrantes que aqui se instalaram. Segundo o pesquisador, a atuação de profissionais oriundos do velho mundo, como artistas, arquitetos, engenheiros e trabalhadores das lavouras de café tiveram papel decisivo na transferência e aclimação dos hábitos europeus (Op. cit., p. 24). Entre esses costumes estão incluindo diversas práticas esportivas, como o remo, velocipédia e o futebol.

Evidente que a transposição de modelos oriundos do velho mundo pelos brasileiros não ocorreu de forma passiva. Esses modismos foram diversas vezes adaptados para estarem condizentes com a realidade brasileira. Melo ainda destaca que essas reelaborações foram baseadas no ecletismo apresentado pela sociedade brasileira. Segundo Melo (2001, p. 26):

[...] mais do que uma idéia de dominação cultural, seria mais adequado compreendermos a cultura brasileira a partir da idéia de circularidade e influência múltipla entre distintos padrões culturais.

A terceira e a derradeira forma de transferência do esporte bretão para o Brasil se relacionam com o universo educacional do país. Desde os primórdios, onde ainda se constituía como colônia, era de praxe que as famílias com situação financeira favorável enviassem os seus filhos para se instrumentarem em colégios e universidades no exterior, principalmente européias. Mesmo após a instauração de diversos espaços educacionais em solo brasileiro, provenientes tanto do período monárquico quanto do republicano, foram incapazes de inverter e cessar essa antiga

tradição. O futebol teria vindo, segundo o pesquisador Leonardo Afonso (2000, p. 27), “nas bagagens de diversos estudantes de famílias abastadas, que durante a estadia na Europa, tiveram o contato íntimo como o esporte bretão”. Essa última asserção vem reforçar a abordagem tradicional acerca da introdução do futebol no Brasil, onde pesquisadores consideram Charles Miller, ex estudante de um colégio inglês, como o patrono do futebol no Brasil.

Em 1894, retornando ao Brasil, Miller trouxe na mala alguns itens de sua adoração: um livro de regras do association football e uma camisa do Banister School. Mais, duas bolas, uma bomba para enchê-las e um par de chuteiras. (SANTOS NETO, 2002, p. 27, 29)

O autor José Moraes dos Santos Neto (2002) analisou a atuação destes estudantes na transferência do futebol para o Brasil. Para o autor, os colégios ingleses sempre incentivaram a conversão de ex alunos de suas instituições em espécie de embaixadores deste esporte, denominados de “Old Boys”. A principal função destes personagens seria a divulgação do futebol, algo ainda incipiente, por todo território inglês. Conseqüentemente, alunos provenientes de outras nações do mundo e que ali se abastavam das péssimas condições educacionais de suas localidades, tiveram como dever, após deixarem tais instituições, de estabelecer e difundir o esporte bretão em suas terras natais (Op. cit, p. 23). Esse papel foi seguido de forma exemplar pelos senhores Charles Miller em São Paulo no ano de 1894 e Oscar Cox no Rio de Janeiro em 1896, considerados, pela historiografia tradicional, os introdutores do futebol no Brasil.

Ainda sob a análise sob o ponto de vista educacional destacamos outra forma de inserção deste esporte no Brasil. Até o último quartel do século XIX, a educação brasileira passava por uma grave crise institucional. Visando equacionar esse problema, o então deputado Rui Barbosa em 1882, encarregado do assunto pelo Dom Pedro II, propõe uma profunda reforma curricular nos colégios brasileiros. Com essa proposta buscava modernizar, para os padrões da época, o ensino local. Para tal, a educação local deveria estar concomitante com os currículos pregados pelas principais potências européias. (Op. cit., p. 13, 14)

[...] A realidade brasileira era dramática, no recenseamento de 1872, apenas 15,8 % da população brasileira era alfabetizada, e o panorama pouco iria de alterar no recenseamento de 1890. O ensino de qualidade estava restrito a pequenas ilhas de excelências,

colégios em sua maioria religiosos, que tinham como objetivo formar os filhos da elite brasileira. (Op. cit., p. 14)

Para a elaboração desta nova moção para a educação foram enviados diversos embaixadores ao velho mundo. Dentro da expectativa da educação física nas escolas, buscava-se um esporte que se adequava as necessidades do momento. Rui Barbosa defendia a introdução de exercícios ao ar livre. Para ele, a atividade ideal para implementação nos currículos dos colégios brasileiros deveria ser “racionalmente variado, de maneira em que todos os músculos funcionassem harmoniosamente, enquanto as lições morais do espírito esportivo seriam absorvidas por meio de jogos divertidos e recreativos” (Op. cit., p. 14). Com a atuação destes embaixadores pela Europa o futebol tornou-se uma opção para o Brasil.

No Estado de São Paulo, umas das escolas já havia se destacado pela introdução das práticas ao ar livre em seu currículo. O colégio São Luiz, localizado em Itú e fundado em 1861, serviu como uma espécie de exemplo para a reforma curricular implementada por Rui Barbosa. Lá estavam abrigados alunos provenientes das elites paulistanas, paulistas e brasileiras.

Em 1881 o colégio paulista enviou os seus próprios embaixadores para a Europa para obter melhores conhecimentos em relação às práticas físicas realizadas em suas instituições educacionais. Os jesuítas do colégio de Itú tiveram contatos com a prática do futebol executado em escolas na França e na Inglaterra. Na primeira visitaram o padre Du Lac, que implementou o esporte bretão no Colégio de Vannes (Op. cit., p. 18). Esse personagem defendia a prática desta atividade para os seus alunos, pois, a seu ver, ela reunia, ao mesmo tempo, “virilidade e moral na medida certa, formando jovens saudáveis e bons cidadãos”. (Op. cit.)

Segundo Santos Neto a volta dos jesuítas embaixadores de Itú trouxe diversas novidades para o desenvolvimento das práticas educacionais do colégio São Luiz. A implementação de mudanças no currículo da instituição, ainda segundo o autor, ocorreu de forma ligeira e antecipando as reformas impetradas pelo deputado Rui Barbosa. Entre as atividades introduzidas estão exercícios militares, malha, ginástica alemã, corridas e o próprio futebol. Segundo o diário de atividades, o colégio pregava:

[...] onde não folga o corpo e não se distrai o espírito, reinam o aborrecimento, o enfado, o desanimo, a preguiça e outras condições favoráveis ao relaxamento e prejudiciais a moralidade; os exercícios corporais de movimentos e impõe como condição física e moral, o objetivo e revigorar, virilizar e aguerrir o corpo dos meninos e dos moços. (Op. cit., p. 19)

Mas as primeiras partidas executadas no São Luiz não se compara com o futebol praticado atualmente. Ainda neste momento, não foram adotadas as regras da *F.A. (Football Association)*, órgão inglês, fundado em 1863 e responsável por gerir e institucionalizar o futebol na Inglaterra. Inicialmente, padres e alunos praticavam juntos, sem haver limites de jogadores, onde o objetivo era jogar a bola entre duas marcações feitas em paredes opostas, simulando o gol. Somente em 1894 que o esporte bretão assume um perfil oficial no colégio de Itu. Com a chegada de um novo reitor, familiarizado como o futebol praticado na Inglaterra, no período de 1890 a 1900, esse esporte deixa de ser apenas um passatempo de chutes para se aproximar do jogo no qual conhecemos, com times composto por 11 jogadores e uniformizados de formas distintas (Op. cit., p. 22, 24). Mas o objetivo desta prática permanecia a mesma: um recurso pedagógico assaz eficiente para enraizar o espírito da moralidade e do controle entre os seus alunos.

É interessante ressaltar que o colégio São Luiz não reproduziu somente a forma como os ingleses praticavam o futebol. Ainda segundo Santos Neto, nesta instituição escolar também era característico as figuram análogas aos “Old Boys” ingleses. Os alunos, ao retornarem para as suas terras natais, tinham como missão enraizar e disseminar as diversas práticas esportivas entre os seus conterrâneos, entre elas o futebol. (Op. cit., p. 23, 24)

Para finalizar é importante ressaltar novamente o objetivo deste item em nosso trabalho. Não compactuamos com o mito das origens, onde se procura definir, a todo custo, a origem de diversos extratos do conhecimento inerentes ao ser humano. Não desejamos, com esta parte da nossa pesquisa, definir quem foi o principal introdutor e conseqüentemente quem mais influenciou as práticas futebolísticas no Brasil. Nossa intenção é bastante clara: analisar o perfil histórico do país durante a transição do século XIX para o XX, indentificando as influências deste momento na transferência e na configuração do esporte bretão nos relvados tupiniquins.

Deixamos claro o conhecimento da existência de algumas esparsas partidas de futebol realizadas no Brasil em período anterior ao analisado neste item. Isso ocorreu quando alguns marinheiros ingleses, ao desembarcam neste país, procuravam praticar o esporte como forma de passar o tempo, a espera da data do desembarque. Mas essas atividades, como a desses navegantes, são atos isolados, logo, descompromissado em enraizar tal atividade no Brasil. Analisamos, portanto, somente formas de inserção onde tiveram influência na configuração e estabelecimento do esporte bretão nos relevados brasileiros.

Ao descrevermos as quatro formas de transferência do futebol em terras brasileiras identificamos algumas similaridades entre elas. Ambas, como já foi comentado, se relacionam com o momento histórico do país e foram frutos deste período. Mais especificamente, elas se desenvolvem dentro de dois aspectos: a educação e a economia. Como vimos, a reforma educacional impetrada pelo Rui Barbosa, com a instituição da Educação Física nos colégios e o envio de emissários para as instituições educacionais na Europa contribuíram de forma incisiva para o aprofundamento de diversas práticas corporais, entre elas futebol. Ainda inserido neste ramo, observamos a atuação dos “Old Boys” e do Colégio São Luiz na divulgação e no enraizamento do esporte bretão pelo Brasil. Com relação a influência da economia, podemos destacar a procura pela inserção do país no grupo de nações desenvolvidas. Essa internacionalização foi a responsável pelo advento de profissionais provindos da Inglaterra e que naquele momento ocupava o cargo de potência mundial. Juntamente com os britânicos estavam diversas práticas costumeiras em seus cotidianos, como o ritual do chá e prática de algumas modalidades esportivas, entre elas o futebol.

Ainda sob o aspecto econômico podemos ressaltar a busca pela europeização do Brasil. Outra alternativa de inserir o país no rol das nações desenvolvidas estava na transposição de alguns hábitos advindo das potências européias. Dentro dessa cópia de valores estariam introduzidos diversos aspectos, como a forma de se vestir, falar, em projetos urbanísticos e com o tratamento do corpo. Este último seria obtido, dentre outras formas, através da prática de exercícios físicos, tais como o remo, *cricket*, natação e o futebol.

Além do melhor conhecimento do contexto histórico do país esse item foi essencial para demonstrar o anseio das elites em modernizar a nação. Tanto no aspecto econômico, político e cultural, esses momentos analisados nos demonstram

a tentativa de tentar equacionar a condição de nação atrasada perante as matrizes européias. As diversidades nos modelos transferência do futebol para o Brasil elucidam bem este momento: foram possibilidades que, sob um olhar mais clínico, demonstram um país se transformando em uma nação mais dinâmica em relação a seu passado monárquico.

Após analisarmos a relação entre o contexto histórico e o estabelecimento do esporte bretão no Brasil passaremos para etapa seguinte. No próximo item, após transcrevermos as formas de transferência deste esporte, lidaremos com o estabelecimento do futebol nos relevados brasileiros, tendo como recorte espacial a cidade do Rio de Janeiro. Mais especificamente analisaremos a atuação do mercado editorial como um instrumento bastante eficaz no estabelecimento deste esporte no território brasileiro.

### 1.3 Futebol e imprensa carioca

Nesta parte do trabalho buscaremos trabalhar o desenvolvimento do futebol na sociedade carioca no desabrochar do século XX. Após analisar as formas de transferência deste esporte, buscaremos agora estudar de que forma ocorreu a sua apropriação através dos principais periódicos presentes na então capital federal.

Este momento se caracterizará por uma simples elucidação da relação entre o futebol e jornais na cidade do Rio de Janeiro. São análises baseadas essencialmente em fontes secundárias, onde procuraremos pontuar a evolução do esporte bretão sob o ponto de vista dos periódicos. Veremos a seguir que este esporte era, até a virada do século XIX para o XX, sonogado pelos desinformados jornalistas e com o passar do tempo tornou-se assunto principal nos principais jornais da época.

Mais adiante, precisamente no capítulo 3, essa temática será abordada de forma mais aprofundada. Neste momento transportaremos as elucidações sobre os jornais cariocas para a cidade de Juiz de Fora. Procuraremos estabelecer uma relação entre os periódicos destas duas cidades, traçando pontos em comum e observando situações adversas. Neste momento realizaremos um estudo mais

abalizado acerca da relação entre o esporte bretão e os jornais locais, utilizando como fontes primárias os periódicos *Pharol* e o *Jornal do Commercio*.

Esta parte do trabalho é necessária, pois busca elucidar questões como a apropriação e o desenvolvimento desta atividade na capital federal. Como veremos mais adiante, os jornais da época foram instrumentos essenciais para um incipiente movimento de popularização das práticas futebolísticas, onde deixaria de ser um esporte praticado exclusivamente nos espaços compartilhados pelas elites cariocas para ser acompanhado e posteriormente praticado pela massa excluída da cidade.

Neste breve espaço de tempo as notícias sobre o futebol foram aos poucos galgando espaços nos jornais. Este veículo de informação foi um instrumento assaz importante para a diversificação social e um brutal incremento nos números de pessoas que passaram a acompanhar o recém instalado foot-ball.

### 1.3.1 Relação entre mercado editorial e o futebol no Rio de Janeiro

Antes de entrar na questão jornalística acerca do futebol é necessário contemporizar o momento a ser tratado. Os primeiros bate-bolas desenvolvidos no Rio de Janeiro e São Paulo não eram dignos de notas dos jornais, que alegavam falta de tempo e espaço para a cobertura do *foot-ball*. As suas páginas esportivas estavam voltadas para os esportes da moda do início do século XX, como o turfe e o remo (PEREIRA, 29). Talvez pelo seu caráter estritamente restrito, o futebol não se fazia presente nos diários da época. O que se pode notar é que havia, neste momento, um aparente descaso da imprensa com relação ao futebol.

Charles Miller, em entrevista a Tomás Mazzoni, afirmava: “Calculem os senhores que quando efetuamos o primeiro jogo interestadual solicitei jornais de então que dessem curso a notícia do prélio realizado. Pois a resposta de O Estado de São Paulo, A Platéia e Diário Popular, foi uma só: Não nos interessa semelhante assunto”. (WINTER, 1982, p. 79).

Mas, apesar deste aparente descaso, o futebol não passou completamente em branco nas páginas dos grandes jornais da época. Inicialmente os diários dedicavam, em suas notas, mais relevância para o caráter formal do jogo e as

celebridades presentes do que para a prática do futebol em si (Op. cit.). Conseqüentemente, essas ainda esparsas notícias, não apresentavam um caráter informativo dos jogos, como a publicação dos resultados e palpites para o tal. Esta situação pode ser demonstrada nos relatos dos próprios jornalistas que trabalhavam nos *matches* realizados, onde a falta de familiaridade com o jogo pode ser notada nos jornais. Alguns jornalistas confundiam o nome do jogo, chegando às vezes chamá-lo de boof-ball ou de foat-boal, retratando o total despreparo destes profissionais com relação esporte bretão (PEREIRA, p. 31). Mas essa situação estava com os seus dias contados.

Tanto os jornais quanto os futebolistas sabiam da relação reciprocidade que ambos compartilhavam. Mas, mesmo com o princípio descompasso entre o futebol e a imprensa, os praticantes desta modalidade sabiam da importância dos periódicos para o seu processo de afirmação e popularização. E os jornais eram conscientes do seu poder de influência. Essa paridade já havia acontecido em coberturas aos outras modalidades esportivas, como o remo (MELO, p. 192).

A crescente prática futebolística e o conseqüente aumento no número de admiradores fizeram com que os jornais da época revissem as suas posições. Esse novo público, emergido das práticas esportivas, principalmente do futebol, reivindicavam cada vez mais da imprensa uma cobertura maior sobre o desenrolar dos acontecimentos esportivos. Por sua vez, a imprensa escrita, ao enxergar nesses admiradores um mercado a ser explorado, passou a dedicar espaços consideráveis a notícias provenientes dos esportes. (MORORÓ, 2006)

Desde o último quartel do século XIX os jornais procuraram utilizar as diversas modalidades esportivas como uma forma de alavancar a venda de exemplares. Com a crescente realização de diversos páreos de turfe e competições de Remo, esses periódicos enxergaram nestas práticas como uma forma assaz eficaz para agremiar novos leitores. Na virada do século, com o estabelecimento de diversas modalidades esportivas no Rio de Janeiro, notou-se a constituição de um grande e crescente mercado em torno de tais práticas. Com isso, os jornais lucravam duplamente: inicialmente com o incremento considerável do número de vendagens dos mesmos e conseqüentemente com a venda de espaços destinados ao mercado publicitário. (MELO, 190)

Ao dedicarem maior espaço para as notícias relacionadas ao futebol, os jornais estariam contribuindo, de maneira indireta, para disseminação do esporte

pelo Rio de Janeiro. Esses meios de comunicação despertaram a sociedade para a o futebol. Elas foram essenciais para a difusão do esporte bretão, pois as seguidas notícias sobre esse evento atraíram a atenção de diversos leitores, até então poucos ávidos por esportes. Conseqüentemente, alguns destes acabaram se tornando praticantes desta modalidade. Então, pode-se dizer que a busca de novos mercados consumidores levaram os periódicos da época, de forma despropositada, a conquistar tanto leitores quanto esportistas. Essa dupla relação foi essencial para a formação e o estabelecimento do futebol nos relvados brasileiros. (FRANZINI, 2003, p. 51, 52)

Mas a utilização da imprensa como um instrumento de divulgação do futebol poderia estar limitado devido ao expressivo número de pessoas instrumentadas. Naquele momento, dados do censo davam conta a existência de um elevado número de analfabetos, chegando ao altíssima proporção de 85 % da população. Na virada do século essa situação de penúria, principalmente entre a população de negros libertos, parece não ter se modificado.

Mas, segundo o pesquisador Vitor Mello (2001), havia artifícios que procuravam equalizar essas questões de cunhou educacional. Apesar do alto número de analfabetizados, sempre havia um forma de se inteirar das notícias que transcorriam pelos periódicos cariocas. O autor identificou duas possibilidades utilizadas por estas pessoas: primeiro, era comum pagar alguém para que lessem o jornal. Para os desprovidos financeiramente, requeria-se para que uma pessoa alfabetizada realizasse a leitura do mesmo. Formavam-se grupos, onde os analfabetos ficavam instruídos dos acontecimentos ocorridos na cidade, principalmente acerca dos eventos esportivos. Esse momento foi deveras importante não só para a popularização das práticas esportivas em geral, mas para a sociedade como um todo, pois além de agremiar um maior número de leitores, favorecendo a indústria editorial, ele também foi responsável por tentar inserir nestes grupos de desfavorecidos, até então esquecidos, a sensação de pertencimento a aquele grupo urbano.

Aos poucos o futebol, juntamente com os jornais, estava conquistando um número maior de adeptos. Neste instante surgem diversas agremiações por toda a cidade. Um número tão elevado que gera, em 1906, a organização do primeiro campeonato da *Liga Metropolitana de Foot-Ball*, entidade que passou organizar a atividade no Rio de Janeiro. Agora os jogadores dos times recém criados não

lutariam apenas por esparsas vitórias, mas sim almejavam incessantemente a busca pela taça. Os jogos do recém criado torneio atraía aos estádios um público cada vez mais crescente, que para os cronistas da época, seria a prova evidente da aceitação desse “salutar exercício”. (PEREIRA, p. 65)

Os periódicos, atendendo ao mercado que estava em franca formação, passa a dedicar maiores espaços para as modalidades esportivas, em especial, o futebol praticado na então capital federal. Esse momento é evidenciado quando um famoso jornal carioca, a *Gazeta de Notícias*, passa a valorizar os esportes, trocando a sua parca seção esportiva para transformar em a “Gazeta dos Sports”, onde passou a destinar duas colunas inteiras. Logo, esse periódico ganharia o título de *órgão oficial da Liga Metropolitana de Foot-Ball*’. (Op. cit.)

Após massivos estudos em jornais cariocas, o pesquisador Leonardo Pereira (2001) nota uma mudança de hábitos nos meios de comunicação. Com a disseminação, ainda na primeira década do século XX, do futebol entre as massas e as elites, esses periódicos foram, aos poucos, destinando espaços cada vez mais generosos para a atividade. O autor destaca que o desleixo apresentado em anos anteriores se tornou passado, ao ponto que, ao ser interrompida a seção de esportes devido aos festejos do carnaval, os editores chegaram pedir desculpas diversas vezes ao público devido à ausência da coluna diária. (Op. cit., p.73)

Esse crescente desenvolvimento do esporte bretão na primeira década do século XX levou a realização de diversos *matches* entre paulistas e cariocas. Essa rivalidade intermunicipal foi transplantada para dentro dos relvados. As coberturas jornalísticas sobre essas partidas foram desenvolvendo gradativamente, de acordo com o crescente interesse do público, que ainda conservava as suas origens fidalgas. O crescimento desta atividade ocorreu de forma tão abrupta que em 1913 já é possível localizar páginas inteiras de jornais dedicadas sobre uma única partida. Mas, somente em 1928, quando o futebol já havia atingido as classes mais populares, surge o primeiro diário exclusivamente esportivo, denominado de *Gazeta Esportiva* (Op. cit., p. 52) e gerenciado pelo jornalista Thomas Mazzoni.

As fontes jornalísticas são importantes instrumentos para a realização do trabalho do historiador. Através da confecção dos questionamentos elaborados pelo pesquisador poderemos atingir respostas que podem elucidá-lo para as diversas questões inerentes a sociedade onde o objeto de estudo está inserido. Através destas o pesquisador possa alcançar uma noção parcial do contexto social,

econômico, político e cultural do recorte temporal utilizado como referência na pesquisa.

A coleta de dados dos periódicos é uma atividade bastante trabalhosa. Esse exaustivo trabalho se deve a dois motivos: primeiro pelo próprio trabalho em si, onde são dedicadas horas de esforço vasculhando milhares de números de jornais para encontrar somente o necessário para a realização de um trabalho. Além disso, ao ter estes como fonte, os historiadores precisam tomar certa cautela. O pesquisador tem que procurar, na medida do possível, confrontar a fonte jornalística com outro tipo de conteúdo referente ao contexto analisado, pois nem sempre a independência e a exatidão dominam o conteúdo editorial (LUCA apud PINSK, 2010, p. 116). O historiador tem que estar atento as questões básicas deste tipo de fonte, como o grupo responsável pela publicação, os principais colaboradores, o público destinado, procurar identificar as fontes de receita e analisar todo o material conforme a problemática escolhida. (Op. cit., p. 142)

[...] a discussão de problemas desta natureza pouco tem preocupado os historiadores da imprensa no Brasil. Eles se limitaram sempre à exata ou inexata narração dos periódicos e jornalistas que desde os tempos da independência formaram ou expressaram a opinião pública. (Op. cit., p. 142)

Vimos nesta parte do trabalho a evolução dos espaços dos periódicos destinado ao futebol. Iniciamos desde a aversão deste veículo de informação até a criação de um jornal exclusivamente de esportes. Esta evolução ocorreu devido a absorção do futebol pelas camadas mais abastadas. Isso gerou um enorme incremento no número de pessoas que ansiavam acompanhar esta modalidade através das páginas dos jornais. Estes, por sua vez, observavam que, com o aumento no número de vendas, as rendas destes veículos se tornam cada vez mais crescentes. Este significativo incremento foi oriundo tanto das vendas dos periódicos quanto na comercialização do espaço destinado a mercado publicitário. Por isso podemos afirmar que o futebol e os jornais andaram e ainda caminham de forma recíproca e convergente.

No próximo item do trabalho será uma continuação desta parte. Nela abordaremos os caminhos e quais os momentos em que a prática futebolística se tornou em um esporte essencialmente popular, saindo das bagagens de membros das elites letradas para invadir os campos de várzeas da cidade do Rio de Janeiro.

#### 1.4 A popularização do futebol

O futebol, apesar da multiplicação dos esportes durante a transição do século XIX para o XX, ganhava mais notoriedade, não só entre os novos esportistas, mas como também pela imprensa da época. O esporte bretão era muito mais do que um bate-bola entre diversas pessoas. Ele correspondia, segundo observadores da época, aos anseios da educação física, onde o corpo é resultado de uma mente sã, conforme o adágio apregoado na época *mens sana in corpore sano*. Segundo Leonardo Pereira (2000, p. 51):

Ao ver nele [futebol] uma modalidade de atletismo, tirava-lhe o caráter de disputa para colocá-lo na linhagem de práticas esportivas, cujo objetivo principal seria o desenvolvimento higiênico da sociedade. O modo pelo qual ele fazia isso era, no entanto, revelador: sem poder competir com o remo e com a luta romana no que dizia respeito ao desenvolvimento da força, os foot-bollers exaltavam a coordenação de movimento exigida pelo novo jogo, que garantiria seu efeito útil para a saúde e faria o futebol um exercício apreciável.

A coordenação de movimentos não era a única bandeira defendida pelos que advogavam em favor do futebol. Além de ser uma excelente atividade física, o esporte bretão contribuía também para o desenvolvimento do caráter dos seus praticantes. O futebol, além de exigir um elevado comportamento disciplinar, demanda também um elevado espírito de decisão, iniciativa, solidariedade e abnegação. “Mais do que dar formas a corpos mais fortes e robustos, o futebol geraria [...] a formação de indivíduos com um maior desenvolvimento moral (Op. cit.)” O futebol encaixava perfeitamente nas teorias higiênicas da época, onde o físico e o intelecto são duas esferas indissociáveis. Os jogadores de futebol se tornaram verdadeiros *sportmens*, resultado da perfeita simbiose entre força e inteligência. (MORORÓ, 2006)

Apesar desta relativa importância, o futebol, em seus primórdios, se caracterizou pelo seu elevado caráter elitista (WINTTER, 23 e 24). Foi um fato presenciado não só em São Paulo e Rio de Janeiro, mas presente em todo lugar

onde inicialmente o futebol tenha se disseminado. Era praticado em espaços fechados, longe do conhecimento da maioria da população. Eram esportistas que, em sua grande maioria, ocupavam o extrato máximo da sociedade. Tanto jogadores quanto os torcedores eram muito bem trajados e marcados pelo elevado cavalheirismo. Faltava popularidade, faltavam torcedores, mas nada disso preocupava os primeiros futebolistas. O esporte bretão tornou-se um evento social da moda no momento, transformando em ponto de encontro e confraternização das principais famílias da sociedade. Era uma verdadeira festa, porém, extremamente restrita. O futebol foi o que o golfe é hoje, um esporte extremamente elitista. (MORORÓ, 2006)

Essa fase, denominada pelo Leonardo Afonso Pereira como momento fidalgo do futebol brasileiro (p. 21), era marcada pelo seu alto grau de amadorismo. Eram em sua maioria trabalhadores ingleses altamente especializados. Existia também uma forte presença das elites locais. Os jogadores ou praticantes não recebiam qualquer tipo de ordenado. Além disso, eram também responsáveis pela manutenção dos clubes, custeando todas as suas despesas, desde a manutenção dos campos até a compra de material esportivo, que era todo importado. Algumas agremiações tinham um quadro assaz restrito de sócios, que através de polpudas contribuições mensais, custeavam também o dispêndio do clube. Diferente dos padrões atuais, onde a maioria dos praticantes do esporte bretão utilizam-no como um instrumento de ascensão social, a prática do futebol em seus primórdios apresentava-se apenas como uma atividade recreativa para as elites do período. A maioria dos clubes tinha estatutos com conteúdo altamente excludente, para não dizer discriminatório. Muitos não permitiam a inserção de pessoas negras em seus quadros de sócios, mesmo aqueles que tinham a capacidade de arcar com os altos custos de praticante e sócio das agremiações. Eram impedidas também aquelas que exerciam, em seu trabalho, qualquer atividade braçal. Todas essas “características” citadas eram uma forma da nata da sociedade assegurar para si o monopólio da prática futebolística (Op. cit.), tentando evitar assim qualquer forma ou lampejos de popularização desse esporte. Mas essas medidas alcançaram êxito por um escasso espaço de tempo.

[...] em 1904, o clube de Oscar Cox (Fluminense) realizava assembleia para o aumento da jóia de ingresso paga pelos novos associados (...) para controlar o ingresso de rapazes que não são

dignos. (...) No Botafogo essa situação fica mais clara: além de cobrar mais caro pelo ingresso de novos sócios, o clube ainda definia em seus estatutos que um dos requisitos para tal seria o de não ser e nem ter sido profissional de qualquer serviço braçal. (Op. cit., p. 62, 63)

Apesar de toda essa propaganda voltada para a prática de esportes, principalmente o futebol, o discurso dos higienistas não foi recebido por todas as camadas sociais. Os menos favorecidos socialmente ficaram à margem do espírito esportista que irradiava por todo o Rio de Janeiro. Ainda não foi estudado, ou não é de conhecimento geral, os motivos que levaram a essa exclusão. Mas situações ocorridas nos primórdios do século XX podem nos apresentar algumas respostas. Primeiro, estaria na falta de tempo para a prática de esportes, visto que nesta época o trabalhador exercia o seu trabalho em elevadas cargas horárias, sobrando pouco tempo para o lazer. Segundo, pode estar aliado a ausência de espaços públicos para o desenvolvimento de algum tipo de esporte. Nesta época, início do século XX, os clubes elitistas eram praticamente os únicos locais onde se praticava alguma atividade esportiva. Terceiro, pode estar na falta de incentivo estatal. Em quarto estaria nos interesses das elites em reserva para si a execução de modalidades esportivas, procurando controlar a saúde corporal dos excluídos. Pode ter sido a conjunção, ou a incidência de algum desses fatores, os responsáveis ou o responsável pela exclusão da maioria da população da moda esportiva que vigorava na época.

Não existe uma data específica para criar um marco sobre a popularização do fidalgo *foot-ball*. Relatos de jornais (Op. cit., p. 58) apontam para um público, que sem condições de arcar com o alto preço das entradas e com elevado valor das mensalidades de sócios, buscava formas, muitas vezes precária, de assistir um *match* de futebol. O jogo despertava um enorme fascínio perante aqueles desfavorecidos espectadores, tanto que buscavam praticá-lo em diversos espaços próprios, longe dos relvados da elite. Nessas novas expandiduras eram aceitos jogadores negros, mestiços, mulatos, pobres, enfim todas as pessoas que admiravam o futebol praticado pela elite, mas que não tinham espaços próprios para exercê-lo.

O futebol, no início da primeira década do século XX, exercia um extremo fascínio sobre aqueles que passaram a acompanhá-lo. Longe de ser popular, era desprestigiado com relação aos outros esportes, como a luta romana e o remo.

Bastava olhar para um remador, mesmo vestido, na rua. Vestido na rua destacava-se mais. Todo mundo raquítico, ele estourando de forças: os ombros largos, a cintura fina, o paletó quase não se fechando, estufando no peito. Via-se logo que era um remador. (FILHO, 2003, p. 42)

Além desses atos de exclusão havia também pessoas que procuravam denegrir a imagem do futebol. Muitos esportistas da época tinham preconceitos com relação aos praticantes dessa atividade, disseminado no início do século XX. Segundo cronistas da época (PEREIRA, p. 37), o *foot-ball* era um esporte para moças, pois não exigia a vitalidade e não criava músculos, além de apresentar praticantes muito bem vestidos, o que criava uma imagem de esporte essencialmente afeminado, adverso de outros praticados na época, onde a força física era fundamental para os exercícios destas atividades, produzindo praticantes extremamente musculosos.

Mas em pouco tempo o esporte bretão estrearia em outros espaços na cidade do Rio de Janeiro. Defensores do futebol argumentavam que o esporte era uma arte, longe de ser acessível a qualquer pessoa (Op. cit. p. 37). Além desse fato, ele exercia um fascínio enorme naqueles que o acompanhavam. Diferente de outros esportes como o remo, o esporte bretão tinha extrema facilidade em “produzir” novos adeptos. Segundo Mario Filho, um grande cronista da primeira metade do século XX, o brasileiro tinha a “vocalização” para o futebol. Esse era a grande vantagem que o esporte bretão tinha sobre os outros esportes da moda no início do século passado. O remo é um exemplo, onde o entusiasmo provocado era totalmente diferente. “Terminada a regata, o torcedor não voltava para a casa com vontade de entrar para um clube de remo” (FILHO, p. 50). Fato que diverge do futebol. Ao dar fim a um *match*, ou mesmo durante as partidas, o torcedor já ensaiava os seus chutes. “O jogador chutava, lá dentro do campo, e o torcedor, cá fora, chutava também” (Op. cit.). O fascínio que este esporte despertava entre a população que o assistia era o seu grande triunfo para romper as barreiras da fidalguia e alcançar a sua popularidade. No final da década de 1910, o futebol se vulgarizava por todos os cantos das grandes cidades, principalmente do Rio de Janeiro, onde, segundo Mário Filho (2003) “qualquer preto podia jogar futebol”. O

esporte bretão assumia, apesar dos contratempos impostos pela elite, uma via bastante popular, um caminho sem volta.

Conforme já relatamos, o nosso trabalho não compartilha do mito das origens. Apesar de não haver um marco inicial em que se possa apontar como o início da popularização do futebol no Brasil, é possível notar, através de jornais da época, a comoção criada em torno de uma partida de futebol. A partir disso, é possível apontar um momento chave para a concretização desse processo. Esse tema é assunto de um amplo debate historiográfico, mas para situar o momento da ampliação da base social não só torcedora, mas também praticante, adotamos neste capítulo uma abordagem bastante recorrente, de autoria do Fábio Franzini (2003), presente em seu livro “Corações na ponta da chuteira” editado em 2003. Segundo esse historiador, o torneio sul-americano de futebol, disputado em 1919 no Rio de Janeiro, foi um marco não só para a popularização do futebol no Brasil, como também foi um importante momento com relação à construção de um ideário nacionalista. Em seu trabalho, dedica enorme importância a esse evento. Segundo o historiador, esse foi um acontecimento esportivo que mobilizou não só a capital da república, mas todo o país. Jornais e rádios se incumbiam da função de levar as notícias das vitórias do selecionado nacional para todo o Brasil.

[...] Das Laranjeiras, a euforia ganhou as ruas do Rio e, mediada pelo telefone, chegou às de São Paulo – onde jogavam nada menos que oito dos dez jogadores da seleção, inclusive Friedenreich – e se alastrou de norte a sul do país. Dois dias depois, o jornal carioca *Correio da Manhã* dizia receber telegramas de toda a parte do território nacional, desde as grandes cidade até os mais pequenos lugarejos [...]. (FRANZINI, 2003, p. 15)

O Brasil vence o campeonato depois de uma dramática decisão contra a seleção do Uruguai, tida como uma das melhores agremiações de futebol do momento. As fortes comemorações do título evidenciaram e consolidaram o processo de popularização do futebol no Brasil. Ainda existiam barreiras a serem quebradas, mas o futebol tornou-se algo natural, como se fosse um esporte enraizado e criado pelos brasileiros.

O esporte bretão assume um papel essencial na sociedade brasileira. Ele passou, após o título, a fazer parte dela, um sentimento presente até os dias de

hoje, transformando o Brasil na terra do futebol. O atacante Friedrich foi o principal herói desta conquista ao marcar o gol decisivo que levou o selecionado brasileiro a vencer os uruguaios pelo placar mínimo. Esse jogador era o único mestiço do time brasileiro, formado por brancos membros famílias importantes. Era filho de um alemão com uma mulata brasileira. Tinha características faciais de um mulato, porém com olhos azuis. Conseguiu inserir no selecionado graças a suas excelentes apresentações no time do Paulistano, com sede em São Paulo. Ele foi um dos maiores nomes do futebol brasileiro em todos os tempos, configurando, em média de gols marcados, como o maior goleador brasileiro existente até hoje. Ao assinalar na final da copa sul-americana, Fried, como era chamado, foi bastante aclamado pelos torcedores. Esses, ao verem um mestiço sendo considerado o melhor jogador de um *scrath* constituído por jogadores essencialmente brancos, tomaram a figura deste jogador como um vencedor, como um autêntico representante da raça brasileira. (MORORÓ, 2006)



Friedrich

Na década de 20, com o passar dos anos, os feitos do título de 1919 haviam sido praticamente esquecidos. A prática do futebol competitivo continuou sendo quase exclusivamente branca e elitista. Mas uma marca ficou visível. Com a vitória do selecionado de 19 criou-se uma enorme legião de torcedores, que passaram a selecionar algum time para torcer e acompanhar nos relvados da cidade, no caso Rio de Janeiro. A partir de meados da década de 20, a situação dos praticantes do futebol começou a se alterar. Neste momento, surgem os bônus pelas vitórias, uma espécie de prévia dos salários pagos aos jogadores. Até então, não havia nenhum tipo de pagamento para os praticantes do futebol. Começaram a privilegiar o mérito do jogador, ou seja, a questão racial ficou de lado, jogadores agora têm que ser bons, não importando a cor da pele. Esse movimento foi uma resposta a fortes

pressões exercidas pela, agora, enorme massa de torcedores. A cada derrota em algum campeonato eram cobradas, assim como ocorre hoje, providências instantâneas dos dirigentes.

Foi neste contexto em que jogadores negros, mulatos e pobres começavam a aparecer na prática do futebol profissional. Os campos de várzea do Rio de Janeiro eram recheados destes praticantes. O negro e o mulato eram reconhecidos como os melhores praticantes de futebol, superando os brancos.

O mulato e o preto eram, assim, aos olhos dos clubes finos, uma espécie e arma proibida. Não um revólver, uma navalha. Se nenhum grande clube puxasse a navalha, os outros podiam continuar lutando de florete. (FILHO, p. 120)

Não que a superioridade dos jogadores negros e mulatos esteja na entonação das suas cútis. Segundo o jornalista Mario Filho, a excelência futebolística do mestiço se deve a exaustiva prática do futebol, onde jogavam praticamente todos os dias, levando conseqüentemente ao aperfeiçoamento da sua técnica e do seu preparo físico. Já os jogadores da elite cultuavam o esporte bretão somente nos finais de semana, sem haver qualquer tipo de treino ao longo deste período. A fidalguia, devido a essa reconhecida superioridade dos jogadores negros e mulatos, utilizava todos os instrumentos possíveis para que esses praticantes “privilegiados” não ingressassem em equipes da primeira divisão do campeonato carioca. Mas todo o esforço foi em vão. Em 1923 surge uma agremiação de comerciantes portugueses denominada Vasco da Gama. Era um time do subúrbio carioca e a sua importância se deve ao fato de ser o primeiro *scrath* formado com base no ingresso de jogadores que estavam à margem da elite futebolística, como os negros, mulatos, pobres e imigrantes. O sucesso dessa equipe, que ganhou o campeonato da elite no ano de sua estréia, gerou grande constrangimento. Foi duramente repreendida, com a sua exclusão do campeonato de 1924. Mas o seu pioneirismo tornou, anos à frente, prática recorrente de todas as equipes de futebol do Rio de Janeiro.



Vasco campeão em 1923

A imprensa assumiria um papel crucial nesse processo de popularização do futebol brasileiro. Os jornais começaram a perceber o momento em que o esporte deixa de ser apenas uma atividade recreativa das elites para se tornar uma febre em todo o país. A imprensa começou a encarar o futebol como um produto, uma mercadoria que viesse a suprir a demanda de um público que buscava acompanhar a atividade. Já havia um mercado consumidor, só faltava a mercadoria. A adoção de matérias esportivas nos diários “coincidiu com a circulação crescente de jornais (LEVINE, 1982, p. 25)”. Em diversas partidas, realizadas em 1913, entre o time inglês *Corinthians Club* e os clubes nacionais, demonstraram o enorme potencial que o futebol tinha para o mercado editorial. Foram escritas páginas inteiras nos jornais sobre a visita que o time britânico fez ao Brasil. Foi um sucesso total. A partir deste momento, os órgãos impressos passaram a contratar jornalistas e fotógrafos exclusivos para trabalhar com o esporte, atribuindo mais ênfase ao futebol. Somente no final da década de 20 que o futebol galgaria maiores espaços no mercado editorial, passando a fazer parte tanto de jornais quanto de livros.

Maior participação do futebol no meio jornalístico foi de suma importância para o processo de expansão do esporte bretão por todo território brasileiro. A prática, com o crescente aumento da cobertura jornalística sobre os *matches*, atingiu o interior. A tendência do interior, durante a República Velha, de copiar hábitos culturais das cidades contribuiu para essa expansão (Op. cit.). O futebol nessas regiões procurava transpor toda a estrutura de exclusão presentes nos grandes centros, onde a elite, como foi comentado, monopolizava a prática do esporte. Assim, como nas áreas urbanas, as cidades do interior também sofreram um movimento de popularização do futebol (Op. cit. p). Em pouco tempo surgem

as primeiras “peladas”, onde faltava material esportivo básico, mas sobrava motivação para a prática desta atividade essencialmente inglesa.

Como foi dito no item anterior, tanto a imprensa quanto o futebol são regidos por uma união de mão-dupla (FRANZINI, p. 51, 52). A comunidade editorial pretendia, ao lançar colunas sobre o futebol em seus jornais, acampar mais leitores e conseqüentemente elevar o número de exemplares comercializados, buscando lucra com o esporte. Mas, ao mesmo tempo, esses jornais provavelmente contribuíram para ampliar ainda mais o número de adeptos e de torcedores por todo país.

## CAPÍTULO 2

### AS PRÁTICAS CORPORAIS COMO FENÔMENO DA MODERNIDADE EM JUIZ DE FORA

*"O futebol é um modelo da sociedade individualista. Ele exige iniciativa, competição e conflito. Mas é regulado pela regra tática do jogo limpo."  
(Antonio Gramsci)*

#### 2.1 Breve contexto histórico de Juiz de Fora

Atualmente Juiz de Fora figura como uma das cidades mais importantes do estado de Minas Gerais. Com uma população de aproximadamente de 500 mil habitantes ela se destaca pela sua ampla oferta na área de serviços, desenvolvidos principalmente nas áreas educacionais e comerciais. Além disso, possui um parque industrial assaz desenvolvido, onde se destacam empresas de âmbito nacional e internacional. A sua posição geográfica, próximas das cidades de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, os mais importantes centros populacionais do Brasil, contribuiu para que Juiz de Fora seja um importante centro da Zona da Mata Mineira e umas das mais desenvolvidas do estado.

Mas a realidade atual não se compara com o momento vivenciado pela cidade na transição do século XIX para o XX. Nesta época ela ocupou, por um extenso período, o cargo de principal centro econômico do estado, com destaque para o seu elevado grau de empreendedorismo, principalmente voltado para as áreas industriais e comerciais. Além disso, neste momento, marcado pela fase áurea do café brasileiro, a cidade era o principal produtor deste gênero agrícola em Minas Gerais. O capital obtido desta atividade foi um dos pilares responsáveis pelo alto grau de desenvolvimento presenciado em Juiz de Fora.

Veremos a seguir um panorama histórico da formação do núcleo urbano de Juiz de Fora presenciado principalmente durante a segunda metade do século XIX. Neste momento, trabalharemos com o contexto histórico local, onde procuramos

demonstrar a importância que a cidade tivera dentro do cenário estadual. Pontuaremos diversos momentos vivenciados e que foram culminantes para a transformação, em curto espaço de tempo, de um pequeno ponto de descanso de tropeiros em uma cidade bastante evoluída e moderna para os padrões da época.

Mas antes de pontuarmos o momento áureo desenvolvido na cidade de Juiz de Fora será necessário realizar um trabalho histórico acerca da formação desta comunidade. Inicialmente, veremos que este núcleo urbano se alastrou com base em dois momentos: primeiro, esteve atrelado ao desenvolvimento da extração e do comércio aurífero. Posteriormente, com relação à distribuição de sesmarias por toda a Zona da Mata mineira. Essas duas circunstâncias foram cruciais para o progresso de diversas cidades, entre elas Juiz de Fora

Alguns agrupamentos urbanos do estado de Minas Gerais foram fundados e desenvolvidos atrelados ao período conhecido como o Ciclo do Ouro, ocorrido nos primórdios do século XVIII. Antes deste momento, o desabrochamento de centros urbanos era uma tarefa assaz dificultosa devido a três fatores: escasso contato comercial entre cidades coloniais, diminuta vida cultural e uma rede de transportes e comunicação bastante deficitária (RIBEIRO, 1994).

Para contornar o problema logístico do transporte do ouro das regiões extrativistas até a capital da colônia foi necessário a construção de uma interligação que procurasse aproximá-las. Para atingir este fim, foi inaugurada, em 1703, o Caminho Novo, uma estrada que procurava resolver, em parte, o problema do isolamento comercial entre essas regiões. A elaboração desta foi de suma importância para o desenvolvimento da Zona da Mata Mineira, pois foi responsável direto pelo considerável incremento na circulação de pessoas por estas bandas. Até então, este território se caracterizava como de mata fechada e pouco habitada, ocupada, sobretudo, por índios das tribos Coroados e Puris (Op. cit.).

Para um maior controle sobre o transporte do ouro, a Coroa Portuguesa construiu diversos postos fiscais em toda a extensão da estrada. Apesar desta, circulação de mercadorias era uma atividade bastante árdua. Para atender aos viajantes em suas longas jornadas surgiram diversos entrepostos para o descanso e o abastecimento das tropas. Para atingir esta finalidade, foram desenvolvidas diversas hospedarias e armazéns por quase toda a extensão da estrada.

Destes entrepostos germinaram pequenas comunidades. Essas vilas foram desenvolvendo ao longo do tempo, mesmo após a escassez de ouro provindo de

outras regiões da província. Dentre essas comunidades surge uma localidade denominada Paraibuna, que posteriormente passaria denominar Juiz de Fora.

Além disso, segundo Oliveira (2006), nos anos iniciais do século XVII, foram organizados os primeiros grupos colonizadores na região. Este período coincide com a distribuição de terras (sesmarias) que margeavam o Caminho Novo das Minas. Estas sesmarias tinham pouco valor material, mas conferiam *status* aos seus proprietários diante das autoridades locais. No século XVIII, o território ocupado atualmente por Juiz de Fora se torna um grande latifúndio sob domínio de dois personagens, Antônio Vidal e depois passaria ser propriedade de Antônio Dias Tostes.

Este grande território abrangia a maior parte do arraial de Santo Antônio do Paraibuna. A população deste dedicava-se principalmente a criação de animais e produção de gêneros alimentícios. De acordo com Oliveira (2006), a cultura do café aparece, nas regiões vizinhas, em torno de 1830. Na localidade ela logo se desenvolve devido a alguns fatores, como farta mão de obra disponível, grandes extensões de terras para o plantio e o excelente preço do café apresentado no mercado externo.

O autor também nos mostra que a divisão deste em sesmarias facilitou o processo urbanizador da localidade, principalmente após a construção da Estrada Nova, que unificou a região norte com a porção sul da cidade. Esta obra propiciou a mudança de tropeiros, que antes habitavam somente o lado esquerdo do Rio Paraibuna, para a ocupação também do lado direito do Rio, formando um novo núcleo, que mais tarde se transformou no principal eixo de desenvolvimento do município nas décadas seguintes.

Ainda segundo Oliveira (2006), em 1850, Juiz de Fora é elevada à categoria de vila e deixa de ser parte da administração de Barbacena. Somente três anos depois foi criada a primeira legislatura da Câmara Municipal da futura cidade.

Com base nos dados apresentados pela Christo (1994) perceberemos que o desenvolvimento da cidade processou de forma adversa ao da cultura colonial mineira. Essa evolução ocorreu de forma tão abrupta que em pouco tempo (devido à representatividade, imponência, prosperidade e civilidade) Juiz de Fora, na virada do século XIX para o XX, chegou a ser considerado o maior centro cultural do Estado.

Grande parte deste mérito deve-se principalmente à construção de um sistema viário bastante moderno para a época, que procurava interligar Juiz de Fora

ao Rio de Janeiro. Christo (1994), Oliveira (2006) e Blasenheim (1982) mostram em seus trabalhos que a gênese do crescimento da cidade mineira se deu após 1861 com a inauguração da estrada União e Indústria, considerada a primeira totalmente calçada da América Latina. Nesta pista foi utilizado o macadame<sup>3</sup>, técnica considerada avançada para os padrões da época e que tinha como objetivo facilitar o fluxo das diligências durante as épocas de chuva. Seguindo esse momento, em 1875 foi inaugurada a Estrada de Ferro D. Pedro II, que visava agilizar e aprimorar a qualidade do transporte de cargas que saiam do interior de Minas Gerais com destino a Corte. Estas duas formas de transportes foram responsáveis diretos pelo estreitamento dos laços entre essas duas localidades.

Outro fator relevante para o desenvolvimento da cidade foi o surgimento do capital de giro. Obtido principalmente através das práticas comerciais, ele propiciou o crescimento de um mercado urbano bastante elaborado. Esse capital foi formado com base no crescente consumo exercido por todas as esferas da sociedade local, como trabalhadores, imigrantes, fazendeiros e cafeicultores (SOARES, 2010).

Miranda (1990, p.100) peculiarmente elucida que:

A despeito de todas as carências na infra-estrutura urbana aos poucos a cidade amplia a concentração de fatores indutores das atividades industriais que seria sua marca registrada nas décadas posteriores. Trata-se em primeiro lugar de um sistema viário, já iniciado com a rodovia União Indústria e complexificado posteriormente com a extensão dos trilhos da estrada de ferro D. Pedro II para a cidade integrando-a às regiões próximas, o que ocorreu em 1875. Em segundo lugar a existência de uma base de acumulação de capitais originários da atividade comercial, de imigrantes europeus e da cafeicultura regional. Em terceiro lugar, desenvolveu-se um mercado urbano em potencial tanto em termos de consumo como de mão de obra para a indústria nascente que pode ser indicado pelas cifras supracitadas relativas ao crescimento da população urbana.

Com a construção da Estrada União e Indústria e o incremento da população urbana, os ares cosmopolita oriundos da capital do Império chegavam de forma mais ligeira a Juiz de Fora. A localidade continuou sendo passagem obrigatória dos produtos que eram comercializados entre o interior mineiro e a Corte. Essa aproximação modificou, de forma incisiva, a formação da cidade.

---

<sup>3</sup> O nome deste processo é uma justa homenagem ao seu inventor, o engenheiro inglês John London Mac Adam.

Nesta perspectiva de progresso, Juiz de Fora vivia uma era de grandes transformações. As relações comerciais eram cada vez mais fortificadas e, conseqüentemente, novos personagens deste meio começavam a se destacar. A atividade mercantil traz para a cena urbana da cidade as vitrines que, assim como em Paris e no Rio de Janeiro, eram a nova sensação para os olhos dos consumidores (SOARES, 2010).

As vitrines fascinavam os transeuntes. O objeto de desejo de consumo era, pela primeira vez, colocado próximo aos olhos, mas, ao mesmo tempo distante do toque dos juizforanos, levando-os a consumir pela beleza da vitrine. Para adquirir o produto era preciso entrar na loja e comprá-lo, firmando assim uma relação de consumo não mais permeada pela necessidade e sim pelo belo, pelo impulso, pelo poder.

Além disso, de acordo com Christo (1994), o movimento da cidade era anunciado pelos apitos das fábricas, que marcavam o tempo e direcionava a disciplina dos trabalhadores. Os sinos das igrejas, característicos do interior de Minas Gerais, pareciam não ser ouvidos em Juiz de Fora. O som se confundia com os tamancos dos trabalhadores ao entrar ou sair das fábricas.

Ainda segundo a autora, nos primórdios do século XIX, quando se iniciou o sistema agroexportador, o café abarcava apenas 3% das exportações, dentre as quais as principais eram a pecuária, laticínios e produtos agrícolas. Em apenas 30 anos, a Zona da Mata Mineira passa à condição de principal produtora cafeeira com 45% da produção de café do estado. Destes, 99,7% era para o mercado externo e somente 0,17% da região sul e 0,04 da norte.

Nesse contexto, Juiz de Fora se torna posto de armazenamento, escoamento e venda de café. Este fato possibilitou a acumulação de um capital capaz de auxiliar o desenvolvimento da cidade em vários setores, como o alimentício, o de bebidas e o têxtil. Entre esses se destaca o grande desenvolvimento da indústria têxtil-fábrica, colocando a cidade, no final do século XIX, como o principal núcleo industrial do estado.

Domingos Giroletti (1988, p. 73 Apud MUSSE) distingue, através de seus estudos, dois momentos distintos sobre o processo de industrialização em Juiz de Fora. O primeiro ocorreu durante as últimas décadas do século XIX e houve o predomínio de pequenas fábricas, com baixa produtividade e voltadas para abastecer as necessidades do incipiente mercado local. O segundo momento

ocorreu uma mudança brusca no perfil industrial da cidade. Este foi presenciado nos anos iniciais do século XX e caracterizado pela criação de grandes e médias empresas, onde predominava a produção seriada, com o aparecimento de um crescente contingente operário, com a presença da tecnologia importada mais sofisticada e a utilização da energia elétrica como força motriz em suas fábricas.

[...] no momento em que a Mata Mineira, já no final do século constituiu-se como importante centro industrial, tendo a cidade de Juiz de Fora como seu núcleo principal, a produção cafeeira continuava a ocupar papel preponderante na região e, particularmente no município de Juiz de Fora, terceiro colocado na produção estadual (MIRANDA, 1990, p.113).

## 2.2 Projeto Civilizador em Juiz de Fora

Apesar da fundação da cidade ter ocorrido oficialmente em 1850 foi somente na década de 1860 que ela começou a se desenvolver e formar contornos urbanos. A construção de dois meios eficientes de transporte com o Rio de Janeiro, a estrada União Indústria em 1862 e a estrada ferroviária Dom Pedro em 1872, foram primordiais para a constituição e crescimento da cidade mineira. Com a proximidade, a então capital brasileira serviu de padrão para a formação do núcleo urbano de Juiz de Fora.

Assim como foi relatado no primeiro capítulo sobre os esportes no Rio de Janeiro, observamos que, não por acaso, Juiz de Fora, neste aspecto, também se desenvolveu com os olhares voltados para a Corte. De acordo com Christo (1994), a cidade mineira adquire e mantém costumes e hábitos que a aproxima mais de uma identidade carioca do que propriamente mineira:

Sebastiana remexe lá dentro um colherão de pau, gira, gira, Sebastiana dia que tem vontade doida de ir a Minas Gerais, Mamãe diz: mas Sebastiana você mora em Minas Gerais, ué gente, eu pensava que eu morasse em Juiz de Fora [...] (CHRISTO, 1994, apud MENDES, 1968, p.20).

O processo de crescimento econômico da cidade teve reflexos na melhoria da sua área central, obtida a partir de 1876. Segundo Oliveira (2006, apud SOARES,

2010), Juiz de Fora era marcada por epidemias, insalubridade, analfabetismo e entre outros males. Assim, diversas ações foram tomadas para que fossem criadas condições necessárias para o desenvolvimento de uma infraestrutura básica, necessárias para o crescimento local. Dentre essas medidas podemos destacar o progresso das atividades comerciais, agrícolas e manufatureiras. Além disso, procuraram também aproximar dos padrões de salubridade, tecnologia e segurança pregadas prontamente nas principais cidades brasileiras e potências capitalistas européias.

Encontra-se em andamento o calçamento da rua Direita. O material é Mac-adam a quartzo, utilizado também em Belo Horizonte. Foi importada da Inglaterra uma carroça de irrigação para utilizar na pista. (...) Várias ruas da região também estão sendo urbanizadas, com alargamentos e calçamentos (Jornal do Commercio, 05/04/1906, p. 1).

O ideal da elite emergente de Juiz de Fora era buscar um modelo de civilização. Mas para este extrato social civilizar era estar concomitante com os moldes pregados pela sociedade carioca na virada do século XXI para o XX:

Assim, civilizar-se significava estar próximo à vida mundana do Rio de Janeiro, se prendendo nas teias de um “colonialismo interno”; ser “carioca do brejo”, ser um “trecho de terra cercado de piano por todos os lados [...]” (CHRISTO, 1994, p.12).

Oliveira (2006), Christo (1994) e Silva (2006) nos mostram que, por conta dos investimentos e das melhorias que estavam sendo realizadas na cidade, houve um maior aperfeiçoamento dos serviços prestados. Em 1881, damos destaque a Companhia Ferrocarril Bondes de Juiz de Fora. Em 1883 o telefone chega à cidade através da Companhia Telefônica do Brasil. Devido a grande circulação de divisas, dois bancos foram fundados: o Territorial e Mercantil de Minas (1887) e o Credito Real de Minas (1889). O serviço de iluminação pública é impulsionado pela criação da primeira usina hidrelétrica da América Latina, a Companhia Mineira de Eletricidade (1889).

A introdução da luz elétrica talvez tenha sido um dos acontecimentos mais importante para o “projeto” de implementação de uma cidade civilizada. Além de colocar Juiz de Fora em evidência, a energia elétrica modificou substancialmente a constituição da cidade. Segundo a Christo (1994), a iluminação, além do sentido

utilitário, ela “possibilitou o controle sobre o tempo, sobre o espaço urbano, sobre o interior das residências, ou seja, era um claro sinal de civilização”. A execução desta e de outras novidades ocorreu de forma tão abrupta que parte da população local buscava se familiarizar com o elevado número de inovações apresentadas em um curto espaço de tempo.

A inauguração foi procedida a 5 de setembro de 1889 e dizem as más línguas que, na ocasião, o chefe do executivo, que era o nosso Barão do Retiro, sem noção exata do que fosse aquela incandescência, tentou acender numa lâmpada o seu cigarrilho de palha (NAVA, 2005, p. 191).

Mas as doenças, mesmo no fervor do desenvolvimento, não deixavam de assolar o território juizforano. As epidemias eram constantes: febre amarela, cólera, varíola e peste bubônica. Com tantas pestes assombrando a cidade, era difícil estimular a vinda de imigrantes ou até mesmo manter a mão de obra disponível. Essa situação era um limitador para o desenvolvimento das forças produtivas na cidade.

De acordo com Silva (2006) e Christo (1994), em 1889, pautada por ideais sanitaristas e higienistas, foi criada a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora. Esta instituição tinha um sentido utilitário bastante importante para o desenvolvimento local.

[...] inspeção de escolas, fábricas, prisões, asilos, serviços de vacinação e revacinação e a fiscalização do exercício ilegal da medicina. Assim, previa-se uma ampla área de atuação que pretendia a mudança de hábitos, a formação de cordões sanitários, tudo desde que não interferissem caso sua ação representasse restrições ao capital. A intervenção higiênica no espaço privado, em especial nas casas coletivas, começava com a necessidade de licença para construção e posterior inspeção para averiguação das condições de higiene [...] (SILVA, 2006, pg.4).

Desta forma, observamos uma preocupação vigente das autoridades em relação á salubridade da cidade, que se desenvolvia com os olhares sempre voltados para a identificação com o modelo desenvolvido na cidade do Rio de Janeiro.

Juiz de Fora buscava, no contexto cultural, ser uma cidade híbrida. Esta situação se deve a divisão do seu padrão identitário estar dividido entre os valores

oriundos tanto do Rio de Janeiro quanto de Belo Horizonte. Ao mesmo tempo em que procurava se aproximar da modernização e civilização carioca, a cidade procurava também resguardar alguns valores inerentes da “mineiridade” da capital mineira e do interior do Estado.

Mas, de acordo com Christo (1994), as práticas de diversão penderam para um lado neste processo. Apesar deste hibridismo, os juizforanos se identificavam mais com as diversões comuns no contexto carioca do que com as festas barrocas mineiras. Essa população, nos primórdios do século XX, procurava entretenimento nos circos de cavalinho, nos pátios de cervejarias, nos piqueniques e nas apresentações de teatros e saraus.

#### Recreio da Cervejaria Stiebler

Hoje haverá mais um torneio [do jogo da bola]<sup>4</sup> neste local. Funciona diariamente no salão do recreio a bela caixa de música automática. Aos domingos e dias de santos, há sempre jogo de bolas, cavalinhos de peão, etc. Encontram-se bons sanduiches de presunto e peixes em lata (Jornal do Commercio, 21/10/1903, p. 2).

Sobre a instrução escolar, o domínio das primeiras letras era obtido no ambiente familiar e/ou através dos professores particulares. Somente a partir de 1891, como demonstram Crespo e Yazbeck (2003, apud SOARES, 2010), a educação elementar passa a ser responsabilidade de Estado, garantido pela constituição republicana. Diante da necessidade de consolidar a República e de transformar a realidade da educação no estado, onde predominavam a precariedade do espaço físico das escolas e o elevado índice de analfabetismo, no ano de 1906 Juiz de Fora foi selecionada para sediar o primeiro Grupo Escolar do Estado. Essa medida, pautada pela reforma educacional de João Pinheiro, obtida a partir de sugestão e análise de Estevam de Oliveira e também de reformas realizadas em São Paulo e Rio de Janeiro, buscava reverter o estado calamitoso em que se encontrava o sistema educacional do estado de Minas Gerais.

A escola passa a se afirmar perante a sociedade.

O Grupo Escolar tinha uma função social bem definida: fazer bons cidadãos e, acima de tudo, bons trabalhadores. O ensino elementar era concebido a partir de uma missão moralizadora e civilizatória

---

<sup>4</sup> Diferente das concepções atuais, o Jogo de bola da época não se refere ao futebol, mas sim uma espécie de jogo de Bocha, semelhante ao jogado atualmente.

onde o discurso liberal era sobreposto pelos mecanismos disciplinadores – era preciso formar o cidadão submisso aos moldes impostos pela camada dominante. A visão que se possuía da escola se aproximava da visão do funcionamento de uma fábrica: a hierarquia, a obediência, a disciplina, os bons hábitos. (CRESPO e YAZBECK, 2003, pg.668, apud SOARES, 2010)

De acordo com as autoras, em 5 de fevereiro de 1907, foi criado o Grupo Escolar Delfim Moreira e em 23 de março do mesmo ano ocorreu a inauguração do segundo Grupo Escolar na cidade, denominado José Rangel

A educação juntamente com a melhoria da infraestrutura foram fatores primordiais para o desenrolamento do segundo momento da industrialização em Juiz de Fora. Nesta fase observamos o surgimento de diversas escolas de nível secundário e instituições de nível superior. Outro fator primordial para o desenvolvimento de uma esfera educacional assaz eficiente na cidade foi o movimento de proclamação da república. A ruptura entre Estado e Igreja promoveu um movimento de laicalização do ensino, gerando mudanças incisivas nos currículos não só das escolas locais, mas de toda a nação.

De acordo com Christo (1994), o Instituto Granbery, fundado em 1890, teve participação fundamental no desenvolvimento da educação em Juiz de Fora. De cunho Metodista e aliado aos métodos de ensino americano, este colégio, além de se aproximar dos ideais liberais pregados na época, foi responsável pela introdução do ensino superior na cidade. Em 1904 foi fundada a Faculdade de Farmácia e Odontologia do Granbery, cujos cursos duravam cerca de dois anos. Essas ações fizeram parte de um projeto voltado para estabelecer uma Universidade na cidade. Tal iniciativa partiu da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos, onde mantinha uma Faculdade de Teologia e em 1912 criou a Escola de Direito do Granbery.

Ainda de acordo com a autora, a Academia do Comércio (1894), baseada na educação dos métodos católicos, tinha o mesmo objetivo do Granbery. Ambas pautavam os seus currículos para a formação das futuras lideranças de Juiz de Fora. O pioneirismo da Academia estava em seu projeto educacional, que tinha como principal finalidade constituir negociantes, banqueiros, diretores e empregados para a indústria e comércio da localidade.

Além dessas duas instituições, como já citado anteriormente, Yazbeck (2003) nos mostra que os Grupos Escolares também estavam pautados na educação dos

futuros trabalhadores. Em última instância, as instituições educacionais da cidade estavam, de modo geral, voltadas para uma missão civilizadora, moralizadora e disciplinadora.

Nesse momento, o discurso médico impunha suas idéias em prol do melhoramento urbano: secagem dos pântanos, rede de água e esgoto, cemitérios, higiene pública e educação. Essas foram reivindicações que estavam em voga e que foram implementadas naquela época.

Vargas e Cunha Junior (2007), ao analisarem o pensamento dos agentes vinculados a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora sobre as práticas corporais, enfatizam a importância dada à disciplina Educação Física, especialmente os exercícios ginásticos. Este saber passa a ser mais presente nas instituições educacionais da cidade mineira e conta com o apoio da classe médica local, atuando sob a perspectiva da saúde e da higiene.

A revisão da literatura efetuada nos permite perceber a modernidade em Juiz de Fora sob vários aspectos. Entre eles destacamos as mudanças na paisagem urbana, no desenvolvimento do seu comércio e indústria, na abertura de ruas e estradas, no incremento do sistema de transportes, na proliferação de instituições educacionais, no aumento das atividades de diversão e na valorização do exercício corporal via discurso médico.

Esses fatores, como vimos, coincidem de certa maneira com aqueles vivenciados não somente nas cidades européias, mas em algumas localidades brasileiras, destacando-se o Rio de Janeiro. Adiante, nosso estudo irá analisar mais especificamente as práticas corporais e de diversão em Juiz de Fora através dos jornais, em especial, do *Commercio*. Este investimento visa levantar e examinar as práticas divulgadas pelo periódico entre 1904 e 1914.

### 2.3 Modernidade e práticas esportivas em Juiz de Fora: um olhar através dos periódicos

O período conhecido como modernidade compreende, como já foi dito, as décadas finais do século XIX até início do século XX. Este momento, marcado por diversas transformações no mundo ocidental, é tema deveras trabalhado nos espaços acadêmicos. Estudiosos como Walter Benjamin, Zygmundt Baumann,

Marshal Berman, Érick Hobsbawn, Joseph Eugen Weber, Edward Palmer Thompson são alguns personagens que procuraram analisar esse momento. Desta forma Weber (1988, p. 13) diz:

As décadas de 1880 – 1890 testemunharam novidades de importância fundamental para o futuro: novos modos de aquecimento, iluminação e transporte; melhor acesso à água e ao lazer, ao exercício, à informação e aos lugares distantes. Telégrafo e telefones; máquinas de escrever e elevadores; transporte público de massa e esse maravilhoso cavalo individual – a bicicleta; lâmpadas elétricas (quando estudante, namorei num café sedutoramente chamado *A l'Electricité* – tudo conquistas do *fin de siècle*. Talvez tenham ajudado a disfarçar as deficiências da classe política, mas perturbavam os mais austeros que temiam pela fibra nacional. Entretanto, a maioria dos que contemplavam essas maravilhas ou liam a seu respeito não desfrutava seu uso, ou só veio a fazê-lo bem mais tarde. É importante lembrar as condições quase medievais em que muitos franceses ainda viviam; e não menos importante é saber que outras possibilidades estavam, a partir de então, disponíveis – consideradas, cobiçadas, eventualmente obtidas. Se as coisas mudavam com vagar, não obstante mudavam, e de modo significativo. A reação à mudança estabeleceu o caráter do período.

Mas não é nosso objetivo analisar a descrição conceitual sobre modernidade inerentes a cada autor. Para desenvolver um exame acerca deste período utilizaremos o referencial apresentado por Anthony Giddens (1991). Segundo o autor, a modernidade é identificada como um estilo, costume de vida ou organização social que possui características próprias, tais como o ritmo veloz das mudanças e da comunicação, o sistema político do estado nação, a transformação de produtos e serviços em mercadorias, bem como a crença no progresso e no poder da ciência. Com base neste pressuposto desenvolveremos as nossas descrições acerca deste período na cidade de Juiz de Fora

Como já foi relatado, o Rio de Janeiro foi uma cidade modelo para a introdução de um espírito moderno em Juiz de Fora. Na então capital, durante a transição do século XIX para o XX, houve a estruturação de um mercado de diversões, que incluía espetáculos musicais e teatrais, os primeiros momentos de nosso cinema e o crescimento das práticas esportivas, como o remo. Este último se caracterizava como um esporte conduzido e apreciado pelas camadas médias em formação (profissionais liberais, gente do comércio e primeiros industriais).

Nesse processo de modernização, as práticas higiênicas começavam a se difundir, confundidas diversas vezes como esporte. Melo (2001), a partir de uma análise do contexto esportivo no Rio de Janeiro neste período, identificou três grupos de *sports*: os esportes ditos “modernos” que são as corridas de velocípeda, corridas atléticas, a natação e o futebol; os espetáculos que se definem com caráter de diversão como as corridas de cachorro e pombo correio, touradas, brigas de galo, banho de mar, jogo do bicho, cricket e patinação não competitiva e por fim os praticados em instituições bem desenvolvidas e organizadas como é o caso do turfe e o remo.

Para Sevcenko (1993), além de ser um marco moderno, o esporte foi essencial no preparo dos corpos para responder aos novos requisitos exigidos pelo mercado capitalista moderno. A prática esportiva correspondia um sentido utilitarista. Para atender um aumento considerável da demanda, incentivado pelo crescente consumismo, os operários deveriam trabalhar mais para aumentar a sua capacidade produtiva. Além disso, deveriam aperfeiçoar o seu método de trabalho, que seria obtido através do desenvolvimento da velocidade, força, agilidade, destreza e principalmente disciplina. O objetivo de todo esse processo:

[...] era tornar a vida social na cidade estável, predizível, produtiva e, acima de tudo, veloz, já que ela tinha que se adaptar a uma base tecnológica totalmente montada sobre o motor de combustão interna e os sistemas elétricos. Para alcançar este último objetivo, ou seja, para tornarem-se velozes e adaptadas às modernas fontes de energia, as pessoas tinham de ser fisicamente condicionadas e psicologicamente motivadas. Foi para isso que os esportes modernos foram inventados (SEVECENKO, 1993, p. 4).

Acreditamos que em Juiz de Fora fatos semelhantes aos citados sobre as práticas corporais e o lazer no Rio de Janeiro também tenham ocorrido. Esse modelo foi adotado devido principalmente a dois fatores: à sua proximidade com a Capital e pelo momento positivo em relação a expansão urbana e econômica vivenciado pela cidade mineira durante o final do século XIX e início do XX.

Gilmar Mascarenhas de Jesus (1999) afirma que a receptividade da população carioca aos esportes e outras práticas corporais na virada para o século XX foi significativa. Esta atitude se vinculava ao fato destas representarem uma via para a obtenção de uma vida saudável. Além disso, as atividades corporais viriam

atender aos ideais capitalistas e, sobretudo “ao fato de constituírem um elemento civilizador do ideário burguês importado da Europa, numa conjuntura em que ser moderno era desejar ser estrangeiro” (JESUS, 1999, p. 20).

Em Juiz de Fora as práticas esportivas se desenvolveram, em grande parte, permeando aos acontecimentos ocorridos na cidade carioca. Com base nas coletas de dados realizadas nos periódicos locais, *O Pharol* e o *Jornal do Commercio*, observamos que no período analisado, de 1896 até 1915, houve uma profusão de notícias acerca de diversas práticas corporais e culturais ocorridos na cidade. Corridas a pé, velocipedia, apresentações de teatro, festas populares, foot-ball e outras diversas modalidades e apresentações foram a tônica das páginas dos jornais. Acontecimentos que, guardados as proporções, comprovariam o movimento de transposição de certos aspectos inerentes a modernidade presente no Rio de Janeiro.

A evolução e o aumento considerável de notas sobre apresentações teatrais e práticas corporais foram observados nas análises desenvolvidas com base no *Jornal do Commercio*, um dos principais meios de comunicação da cidade durante a virada do século XIX para o XX. Quando o periódico começou a circular, em 20 de novembro de 1896, nota-se uma escassez de notícias acerca do desenvolvimento de modalidades esportivas e culturais em suas páginas.

Em sua primeira edição o *Commercio* explicita em suas páginas a ausência de opções destinadas para diversões em Juiz de Fora. Dentre as raras alternativas estaria o *Theatro*, identificado apenas como ex-Noveli e que se localizava na Rua Espírito Santo, aonde se promoviam operetas, bailes e kermesses. (COMMERCIO, 1896, p. 2). Inicialmente, na coluna diária “Onde Se Diverte” estava composta por atividades voltadas para a diversão da população juizforana em geral. Anúncios de apresentações teatrais, presença constante de espetáculos circenses e partidas mensais de danças são os principais elementos anunciados pelo periódico até julho de 1897.

Neste breve período são praticamente inexistente artigos ou anúncios relacionados as práticas esportivas em Juiz de Fora. As exceções estão em dois pequenos anúncios. O primeiro diz respeito a uma apresentação de ginástica em uma instituição de ensino de Juiz de Fora.

Sala acanhadas, com poucos convidados. Festa com apresentação de coro. [...] provocou comoção a apresentação de exercícios gymnásticos, por meninos e mocinhos, sob a direção da diretora Miss Perkenson. Presença da diretora as Associação das Senhoras da Igreja Metodista no Brasil (COMMERCIO, p. 3, 1897).

Apesar de pouco documentada, essa nota nos relata que alguns alunos do Colégio Mineiro estavam voltados para a prática da ginástica. Com base na informação sobre a presença da diretora da Associação das Senhoras da Igreja Metodista é possível especular que esta prática era um exercício regularmente executado e que vinha sendo praticado em Juiz de Fora, portanto, não sendo apenas uma apresentação esporádica. Além disso, é importante salientar a atuação das Instituições Metodistas no desenvolvimento das práticas corporais. Veremos no quarto capítulo que o colégio Metodista Granbery foi marcado pelo pioneirismo na disseminação das práticas corporais em Juiz de Fora, incluindo o futebol. A simples presença desta autoridade, que representava os colégios metodistas do Brasil, é um claro indício da importância da ginástica e de outros exercícios corporais dentro deste espaço escolar.

Outro anúncio desenrolado no jornal diz respeito à prática ciclística na cidade. Apesar de não ter sido identificadas informações acerca de passeios ou disputas envolvendo bicicletas em Juiz de Fora até o mês de agosto de 1897, encontramos notas provenientes deste período que são assaz intrigantes: além de dois anúncios de vendas de bicicletas da marca *Monarch*, com molas para homens e mulheres (COMMERCIO, p. 2, 25/03/1897), deparamos também com um anúncio oferecendo aluguel de bicicletas, destinadas principalmente a aquelas pessoas que desejavam aprender a controlar o aparelho (Op. cit., p. 2, 27/07/1897). Sobre esse fato apresentamos dois apontamentos: inicialmente, como veremos adiante, esta nota apresenta um incipiente movimento de popularização desta prática em Juiz de Fora, buscando talvez acompanhar o Rio de Janeiro, onde, no final do século XIX, o ciclismo era bastante desenvolvido (SCHETINO, 2008). Além disso, o segundo anúncio denota a precariedade de parte da população em adotar algumas novidades provenientes da modernidade. Não temos informações mais precisas sobre a realidade econômica dos habitantes locais neste período. Mas, com este simples dado, podemos incitar que grande parte dos juizforanos não tinham condições materiais para adquirir uma bicicleta e por isso é ofertada o aluguel da mesma,

propiciando condições para que os desfavorecidos financeiramente possa desfrutar de tal prática.

Mais adiante um anúncio comprova a primeira evidência apontada sobre a gênese em torno do movimento de popularização do ciclismo em Juiz de Fora. Apesar de não haver dados consistentes, a construção, em 1897, de um velódromo na cidade atesta o momento vivenciado pela prática. Ela evidencia o movimento de crescimento em relação ao número de praticantes da velocipédia na Manchester Mineira.

#### Velódromo Mineiro

Pedem licença para a construção de um velódromo na cidade os senhores Alfredo Amaral e Carlos Alberto Nunes Leal. A mesma terá duas pistas para patinação e velocipédia e duas bancadas para o povo. [...] será realizado na rua São João Nepomuceno. Todo o material foi encomendado do Rio de Janeiro, tendo chegado parte dele (COMMERCIO, p.2, 19/08/1897).

A Construção da nova arena de esportes da cidade não demandou muito tempo. Na coluna diária “Onde se Diverte” aparecem os primeiros comentários deste novo espaço:

Foi muito concorrido a inauguração do velódromo. Com a apresentação de banda de música e animada pelo espetáculo de fogos de artifícios. O espaço conta com espaço para a patinação diária. As corridas acontecerão aos domingos. O espaço conta como iluminação a gás (Op. cit., p2, 09/09/1897).

O jornal, procurando agraciar os novos adeptos do ciclismo, passou a noticiar a agenda dos eventos a serem realizados na nova arena, publicando o dia e o horário dos mesmos. Os anúncios sobre a realização dos eventos eram quase diários. As corridas eram divididas em páreos, que variavam conforme a distância e a duração da prova. Nos dias após os eventos eram divulgados um breve comentário sobre as corridas, com os seus perspectivas resultados e a movimentação de apostas do espetáculo.

Com base em informações coletadas no *Commercio*, os juizforanos pareciam exaltados com relação à prática ciclística. Além das notas diárias sobre a agenda dos eventos, eram também constantes os anúncios sobre a venda de bicicletas das mais diversas marcas. Em 25 de novembro de 1897, os assíduos praticantes da velocipédia propõem agremiar recursos com o objetivo de fundar um clube para os

praticantes da modalidade em Juiz de Fora. As datas seguintes do jornal não foram dispostas informações sobre o andamento da instalação deste grupo. Mas, a intenção de agremiar os praticantes da cidade é um indício que atesta o sucesso do ciclismo na cidade. Houve também uma significativa expansão dos anúncios acerca de outras modalidades esportivas desenvolvidas na cidade.

Seguindo a onda do desenvolvimento do ciclismo em Juiz de Fora, outras práticas voltadas para a diversão popular foram aparecendo nas páginas do periódico. Concomitante a instalação do Velódromo Mineiro foi inaugurado uma nova praça de esportes na cidade, com o nome de Prado Juiz de Fora. Este espaço estava voltado para as corridas de turfe. Contudo, segundo a nota anunciando a sua fundação, este local seria multiuso, onde poderia desenvolver atividades como corridas de bicicletas e corridas a pé. Esta nova arena estaria localizada no pátio da Cervejaria Weiss, uma importante fábrica do ramo de bebidas. (COMMERCIO, 22/10/1897).

Mas, de imediato, apesar da inauguração do Prado, ainda não havia ocorrido às esperadas competições. Nos meses seguintes, na coluna “Onde se Diverte”, foram vinculados diversos anúncios sobre o período de matrículas dos animais para uma futura corrida. Depois de diversos adiamentos, devido principalmente as intempéries do tempo, o evento inaugural foi marcado para um domingo, no dia 16 de janeiro de 1898. Segundo o jornal do dia 13 de janeiro do mesmo ano, a estréia era “aguardada por grande ansiedade pela população local”.

Como aconteciam com as corridas realizadas no Velódromo Mineiro, os eventos ocorridos no Prado Juiz de Fora recebiam atenção por parte do *Jornal do Commercio*. No dia 17 de janeiro de 1898 foi publicado o nome dos ganhadores e o volume de apostas coletadas no primeiro páreo realizado neste local. Na mesma semana os organizadores marcaram uma segunda corrida, que ocorreria no domingo próximo, no dia 23 de janeiro do mesmo ano. Em nota, o jornal relatava que eram esperados jóqueis de São Paulo. Além disso, o periódico evidencia a participação de um personagem ilustre, o *sportman* Thomas Loreiro (Op. cit., 1898, p. 1). Não temos referências precisas sobre esse indivíduo. O termo *sportman* esteve bastante em voga nos jornais cariocas. Era uma nomenclatura utilizada para designar as pessoas que eram aficionadas pelas práticas esportivas, procurando desempenhar diversas modalidades que estavam em moda, como o ciclismo e

corridas a pé. Elas procuravam seguir as regras do *fair play*, ou seja, acompanhando de modo cavalheiresco a leis ou regras que regiam cada esporte.

Concomitante aos páreos turfísticos e ciclísticos foram publicadas notas referentes à ocorrência de outras modalidades esportivas. Em 6 de julho de 1897, na seção “Onde se Diverte”, localizada na página dois do periódico, foi mencionado um pequeno torneio onde seria praticado o Tiro ao Alvo. Este evento seria realizado no primeiro dia do mês de agosto e organizado pelo *Club* dos Fanáticos Carnavalescos, um grupo recém formado que procurava agremiar fundos para manter as suas atividades, principalmente em épocas dos festejos carnavalescos. A disputa iria ser realizada, assim como o Prado Juiz de Fora, na Fábrica de Cerveja Weiss, que além de ceder espaço iria premiar o vencedor com um “lindo” relógio prateado. Na edição do dia 2 de agosto não foi divulgado o resultado do Tiro ao Alvo, mas foi publicada uma nota, na mesma seção da divulgação, fazendo um comentário sobre a realização do evento, onde “ocorreu de forma muito animada”. Somente no dia 7 de janeiro de 1900, cinco meses depois, foi relatado pelo jornal, na página 2, outro torneio de mesma envergadura, mas agora disputado em outro local, no bilhar *High Life* e promovido pelos senhores Cordeiro e Leal. Em 16 do mesmo mês saiu uma nota sobre o resultado do torneio: “resultado do torneio de Tiro ao Alvo. O campeão foi Júlio Penna, que como premiação pelo seu êxito recebeu uma carabina Flambert” (COMMERCIO, p. 2, 16/01/1900). Após este acontecimento, segundo as páginas do *Jornal do Commercio*, o evento foi seguidamente realizado. Os organizadores utilizavam o periódico para divulgação das datas, dos locais e dos respectivos vencedores.

Nas folhas do *Commercio*, além desses eventos, surgem, no final do século XIX, entidades voltadas para a prática de modalidades esportivas. No dia 4 de agosto de 1898 o jornal publica a fundação do *Club Cynegético* Mineiro, localizado na Rua Direita, número 107. Além desses aspectos sobre a fundação do clube a mesma nota informa que a entidade “fez a aquisição de todos os aparelhos necessários no gênero deste *sport*” (Op. cit., 04/08/1897, p. 2). Depois, somente no dia 19 de dezembro surgiu outra nota divulgando a convocação dos diretores do clube. Após esse fato não foram publicados pelo jornal quaisquer atividades relacionadas a este espaço.

Com base no *Commercio*, notamos que, caminhando juntamente com a onda das práticas esportivas, desenvolveu-se um incipiente mercado de diversões voltado

para atender as necessidades da população juizforana. A partir deste momento a coluna “Onde se Diverte” esteve repleta de anúncios acerca de apresentações circenses, com exposições de animais e espetáculos com ginásticas, como o apresentado pelos circos Amazonas (Op. cit., 27/09/1897), o Circo Atlântico (op. cit., 29/09/1897) e com o *High Life* (op. cit., 06/08/1898, p. 02). Também havia anúncios relacionados a presença de seções de cinematógrafo na cidade (Op. cit., 25/07/1897), que nesta oportunidade se apresentavam no *Theatro* Juiz de Fora e foi descrito por um jornalista não identificado como “um aparelho realmente muito curioso”. Além desses acontecimentos ocorreram também inúmeras apresentações de óperas, festival de touradas, quermesses, partidas mensais de clubes de danças e ocorrências de outras práticas que tinham como objetivo entreter a população da cidade mineira.

Todos esses movimentos em torno do mercado de diversões e principalmente com relação a desenvolvimento de um espírito voltado para a prática esportiva nos denota que a cidade procurou estar consoante com os valores pregados tanto pelas nações européias quanto pelas principais cidades do Brasil, dentre elas o Rio de Janeiro. Como comentado no capítulo anterior, as práticas corporais modernas foram desenvolvidas após a segunda metade do século XIX e fortemente estimuladas durante a transição do século XIX para o XX. Estas atividades foram essenciais no projeto de formatação de uma sociedade baseada nos princípios da modernidade no Brasil.

Percebemos, através do *Jornal do Commercio*, um abrupto desenvolvimento de diversas modalidades atualmente extintas ou ocultas em Juiz de Fora. Estes dados não nos permite indicar qual parcela da população foi favorecida ou influenciada pelo discurso moderno com relação a adesão às práticas corporais. Mas, a publicação frequente de notícias referentes a ocorrência de diversas práticas culturais e esportivas nos revela um ponto crucial. As diversas modalidades e apresentações artísticas nos remetam ao ponto defendido pela Christo, onde as lideranças que residiam na cidade buscavam meios para modernizar Juiz de Fora em diversos aspectos, tais como um novo plano urbanístico, investimento na mão de obra local através da instalação de diversos espaços educacionais, na preocupação de questões higiênicas e, seguindo esta plano, na constituição de uma população voltada para o adágio “*mens sana corpore in sano*”, onde as práticas corporais seriam um meio bastante eficaz para a obtenção de um corpo moderno e preparado.

A evolução com relação à organização dos espaços destinados as notas sobre diversões em Juiz de Fora sofrem modificações em um curto espaço de tempo. Desde a inauguração do *Jornal do Commercio*, em 20 de dezembro de 1896 e até o dia 1º de fevereiro de 1898, o periódico colecionava todas as notícias com relação ao mercado de diversão como teatro, circo e opera juntamente com a apresentação de modalidades esportivas, como corridas de bicicletas e turfe. Todas elas eram publicadas na coluna “Onde se Diverte”, que majoritariamente aparecia na página dois. Pois, com o passar das edições e com alvoroço das notas sobre os dois temas, o periódico foi obrigado a criar uma nova seção, denominada *Sports*. Nesta, também localizada na página 2, estariam inseridos as informações acerca das modalidades esportivas desenvolvidas na cidade. Inicialmente este novo espaço foi ocupado por informações oriundas do Velódromo Mineiro, com comentários, programação dos páreos, premiações e algumas reclamações. A seção também estava voltada para corridas de cavalos, passeios ciclísticos, touradas e inauguração de espaços voltados para o desenvolvimento das práticas esportivas em geral. A coluna “Onde se Diverte” ficou encarregada das notícias acerca de atividades voltadas para o entretenimento em geral, como cinematógrafos, teatros, circos e operas.

Essa rearticulação do espaço do jornal evidencia um processo de adesão de parte da população local em torno das modalidades esportivas. O aumento no número de esportes praticados e conseqüentemente de esportistas incrementaram o número de notas, fazendo com que o jornal articulasse outro espaço específico para as notícias oriundas das diversas atividades esportivas executadas na cidade. Os leitores e praticantes buscavam estar inteirados acerca das práticas comuns as sociedades contemporâneas, buscando um estilo de vida concomitante com a modernidade pregada na época. O desenvolvimento deste mercado de diversões e das atividades corporais são provas cabais que comprovam, em última instância, a presença de um “projeto moderno” em Juiz de Fora.

## CAPÍTULO 3

### AFINIDADE ENTRE A IMPRENSA E O FUTEBOL

*“Pareço tão redondo a ti quanto tu a mim  
que como uma bola me chutas assim?  
Tu me chutas de lá, e ele me chuta para cá,  
Se eu continuar nesta labuta, deverás revestir-me de couro.”*  
(William Shakespeare)

As preocupações com o corpo ocupam lugar de destaque na sociedade contemporânea. Atividades físicas ganham o cotidiano de grande parte da população por motivos variados: saúde, estética, socialização, ludicidade, entre outros. Academias de ginástica e natação, clubes esportivos, instalações de rua para caminhada e exercícios analíticos, os campos de futebol e as quadras das escolas são exemplos de espaços que hoje são comuns na vida das cidades brasileiras.

Atualmente, os esportes, principalmente aqueles relacionados ao alto rendimento, estão em estágio muito superior ao apresentado no início do século XX. Adverso aqueles tempos, as atividades físicas estão enraizadas no cotidiano de quase toda a sociedade contemporânea. Hoje, as maiores entidades representativas do planeta estão envolvidas diretamente com a organização esportiva – como o COI (Comitê Olímpico Internacional) responsável pelos esportes considerados olímpicos e a FIFA (Federação Internacional de Futebol) entidade reguladora da prática futebolística. O grau de representatividade é deveras elevado. Ambas são autoras de dois feitos consideráveis: a existência, em seus quadros, de mais filiados que a ONU (Organização das Nações Unidas) e por promoverem as duas maiores festas/competições mundiais: os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de futebol. Ambos são responsáveis por atrair uma gama imensurável tanto de espectadores quanto de volume de capital.

Todavia, esse sucesso não seria possível sem a participação do seu principal ator: o público. Para mantê-lo bem informado foi necessário o desenvolvimento de diversas formas de comunicação. Esse processo sofreu constantes modificações no decorrer do tempo. Apesar disso, os canais de comunicação procuraram sempre manter o seu principal objetivo: a de fornecer informações relacionadas desenvolvimento esportivo ao seu público alvo. Atualmente, tanto a mídia impressa, televisa e eletrônica são responsáveis por prover esse crescente e lucrativo mercado. Este, por sua vez, é abastecido por diversas frentes, oriundos tanto dos tradicionais jornais, revistas, rádios e canais de televisão exclusivos quanto das mídias contemporâneas, como blogs, twitter, facebook, torpedos e sítios da internet, todas fornecendo informações on-line e de forma quase instantânea. Atualmente, ambos os meios operam de forma conjunta, buscando sempre manter bem informado os seus “seguidores”, ávidos por notícias relacionadas aos esportes.

Mas, o sucesso dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo não foi alcançado de forma simples e natural. Tais empreendimentos esportivos conquistaram elevado patamar devido principalmente ao seu envolvimento com a imprensa em geral. Não queremos se deterministas, ao afirmar que esse meio de comunicação foi o único elemento que colaborou para tal sucesso. Fatores como apoio Estatal, discurso científico, organizações clubísticas e desenvolvimento militar também tiveram o seu grau de participação no desenvolvimento e popularização das práticas corporais. Porém, sob nossa concepção, a imprensa teve papel primordial no fomento da prática esportiva na sociedade ocidental.

O início desta relação entre imprensa e práticas corporais remontam após a segunda metade do século XIX. Atualmente, existem no mercado editorial diversos periódicos que tem o esporte como principal tema de trabalho. Mesmo os outros diários, que lidam com diversos temas, dedicam boa parte dos seus espaços a matérias relacionadas a este tema. Mas, esta construção, tão natural atualmente, foi constituída após vários embates. Sob a nossa concepção ela é resultado da ação de três personagens: o jornal, mercado publicitário e o leitor. A junção destes três elementos foi (ainda é) aspecto primordial na configuração atual da relação entre esportes e imprensa.

A seguir veremos como se estabeleceu a consolidação dos esportes no meio jornalístico. Explanaremos, nas linhas seguintes, o desenvolvimento da afinidade entre periódicos e práticas corporais. Nelas, procuraremos trabalhar, através das

fontes consultadas, a gênese desta relação em âmbito mundial. Posteriormente, partiremos para análise das estratégias utilizadas pelos jornais, durante a transição do século XIX para o XX, para atrair uma gama maior de leitores aficionados por notícias acerca das práticas corporais. Adiante, estudaremos também como se desenvolveu a relação imprensa/esporte nos periódicos brasileiros, onde o nosso foco estará voltado para o aparecimento de notas sobre o esporte bretão. Neste momento, procuraremos descrever como o processo de surgimento de notícias relacionadas ao futebol em duas localidades: Rio de Janeiro, por ser, naqueles tempos, a sede administrativa e onde, juntamente com São Paulo, a prática desse esporte obteve grande aceitação, Belo Horizonte, por ser a capital de Minas Gerais. Neste trabalho de coleta procuraremos, em linhas gerais, identificar dois momentos: quando os jornais começam a destacar notas sobre o futebol e como este utilizou o meio jornalístico como forma para expandir as suas atividades nestes dois locais.

O recorte temporal presente deste capítulo é baseado em dois momentos marcantes da história do futebol nos relevados brasileiros. Pautaremos as nossas análises utilizando a primeira década do século XX, quando são identificadas as primeiras notas sobre este esporte nos periódicos consultados. Este período foi também essencial para a configuração deste esporte, onde sofreu uma profunda alteração com relação ao nível social dos seus praticantes. Foi neste momento em que esta modalidade, reconhecida como estritamente elitista, se transforma em uma prática corporal essencialmente popular.

### 3.1 - Jornalismo esportivo no mundo

O surgimento do jornalismo esportivo no mundo tem aproximadamente mais de 150 anos. De acordo com Fonseca (1997), os primeiros registros de que se tem notícia sobre um veículo impresso dedicado aos esportes apareceu na Inglaterra em 1854. Este jornal, denominado *Le Sport*, tinha como principal tema crônicas voltadas para as diversas modalidades que começavam a se destacar na época, como canoagem, natação, boxe, bilhar, caça, turfe entre outras práticas.

A primeira área esportiva a receber uma cobertura mais elaborada dos veículos impressos foi o hipismo, em meados do século XIX, na França. A grande imprensa só abriu espaço em 1875, num momento de mudanças sociais e de crescimento dos esportes populares, pois, até então, só se registravam notas sobre o boxe, iatismo e esgrima. Por isso, os pioneiros do jornalismo esportivo surgiram nos jornais populares. (FONSECA, 19987)

Evidente que determinar uma data precisa sobre a origem do jornalismo esportivo é uma atividade bastante dificultosa. Na segunda metade do século XIX existiam milhares de jornais espalhados pelo ocidente, principalmente no mercado editorial das nações européias. Determinar uma data e um veículo como pioneiros é um exercício extensivo e deveras complicado. Além disso, como dissemos anteriormente, não compactuamos com o “mito das origens”, onde pesquisadores buscam, a qualquer custo, cravar a origem exata de um determinado produto, conhecimento ou atividade. Mas, o dado sobre o aparecimento do *Le Sport* mostra-se bastante interessante quando analisamos o seu contexto, onde as práticas corporais modernas estavam entrando em evidência na sociedade ocidental, estimulada principalmente pela valorização do culto ao físico, seja ele por motivos bélicos, industriais, medicinais ou por lazer

Até meados do século XIX as práticas corporais eram exercidas principalmente por membros das classes menos afortunadas. Devido a este aspecto, o esporte era considerado tema de pouca relevância para os jornais que circulavam na época (GONÇALVES E CAMARGO, 2007). As notas sobre essas atividades só ganharam relevância em periódicos da época quando as atividades físicas passaram a ser praticadas ou patrocinadas pelos membros representantes da elite.

Inicialmente, a imprensa esportiva era marcada mais pelo seu caráter didático do que informativo. Esses periódicos buscavam abastecer os seus leitores com explicações sobre como realizar os movimentos necessários e característicos com relação a uma determinada modalidade esportiva. Quando assumia um traço informativo, esses periódicos se interessavam mais pela estirpe dos praticantes e da assistência, ambos já membros da elite, do que reportar o desenrolamento da própria prática em si, ficando esta em segundo plano (Op. Cit.). Mas, apesar deste ponto restritivo, o desenrolar de notas ou crônicas sobre esportes, seja ele com intuito didático ou reconhecido como evento social, as notícias presentes nestes

periódicos contribuíram de maneira significativa para a expansão das práticas corporais.

Os jornais da virada do século XIX para o XX sofreram modificações substanciais com relação à organização e caracterização das suas notícias relacionadas aos esportes. O aparecimento de notas sobre exercícios físicos nestes periódicos não seguiram um padrão. Com o passar do tempo, as notícias acerca das práticas corporais foram assumindo formatos distintos, seja ela na configuração do seu tamanho, na escolha da página, na seção onde serão apresentadas ou no grau de utilidade apresentada por elas. Todos esses fatores configuram como primordiais e são modificados conforme o interesse dos jornais, que levam em conta também aspectos relacionados à publicidade e o perfil de seus leitores.

Os jornais esportivos, ou os que desenvolveram essa temática, passaram por mudanças substanciais quanto à apresentação e escrita de notas ou crônicas acerca das práticas corporais. Os periódicos, na virada do século, fase inundada por aspectos provenientes da modernidade, como a proliferação de modalidades esportivas e conseqüentemente de praticantes, enxergavam esse público, ávidos por notícias relacionadas aos esportes, como um mercado consumidor assaz próspero. Para atingi-lo, alguns jornais da época modificaram a forma de narrar os fatos desenrolados na execução das atividades. Relatos esparsos e superficiais, onde o foco é o público presente, dão lugar a notícias mais elaboradas, com comentários e narrações que buscavam não apenas entreter o leitor, mas também deixá-lo inteirado sobre as mais diversas modalidades, com informações relevantes, principalmente para aqueles que acompanhavam o esporte.

Vigarello (2007), em suas análises sobre a forma como eram apresentados os jornais no início do século XX, percebe uma mudança na forma de descrever as competições. Neste momento, houve uma modificação na forma de reportar o esporte. As notas passaram a ser constituídas por narrações mais dinâmicas e concisas, com enredos que procuravam atribuir ares dramáticos no desenrolar das modalidades. Sendo assim, a imprensa esportiva do início do século se torna uma página de episódios sucessivos: a escalada de “um declive a pique” (...), os fracassos inesperados de alguns favoritos, a insensível arrancada de “Ragueneau”, antes da sua vitória nesse mesmo cross” (Ibidem, p. 454). Esses modelos de narrações, presentes em grande parte dos jornais atuais, apresentavam dois

objetivos básicos: atrair e prender a atenção dos leitores e a transformação dos esportistas em mitos, passando ser considerados como heróis.

Com base nesses pressupostos, os jornais, ao retratarem as competições da época, se especializaram em um estilo literário que tem como marca principal a confecção de um cenário dramático. Passam a narrar aspectos não perceptíveis aos espectadores, transformando simples competições em batalhas épicas, onde uma mera partida ou etapa de quaisquer modalidades se mostra como um desenrolar heróico, constituído de diversos fatos. Esse modelo fica claro quando o jornalista Desgrange procura narrar à primeira etapa da Volta da França ocorrida em 1904, no trecho percorrido entre Paris – Lyon. Essa parte da competição desenhou-se sem fatos digno de notas, onde o favorito Garin, primeiro vencedor em 1903 toma todas as atenções do articulista:

A noite é uma verdadeira matilha, ataca-o sem tréguas, tenta-o, espreita suas falhas”. Formigam episódios reais ou supostos. O artigo orienta a admiração e certas vezes, fixa-a. É ele que aponta a façanha. Garin, nessa aventura lionesa, passa a ser um ente excepcional: “o pequeno limpador de chaminés italianos” que se naturalizou francês, e ganhou a corrida em 1903, é qualificado como “soberbo animal de combate”, “ciclista hercúleo, um gigante. (VIGARELLO, 2007, p. 457)

Observado o sucesso, demonstrado através de aumento significativo no número de vendas, os jornais procuraram elaborar outros artifícios que contribuísse com o êxito das suas publicações. Além das narrações com características míticas, buscando criar heróis, os periódicos franceses da época passaram a patrocinar alguns eventos esportivos. Esses meios de comunicação observavam o retorno positivo dos seus leitores em relação às notas acerca das competições e, frente a esse abrupto sucesso, passaram a organizar e patrocinar diversas disputas. Essa foi uma estratégia bastante eficaz, que aumentou consideravelmente as vendas dos seus diários. Além disso, essas festividades esportivas passaram a gerar outra fonte de renda, essencial para a manutenção dos jornais: os anúncios. Enxergando o aumento significativo no número de vendas, o mercado publicitário passa a não somente aumentar o espaço ocupado nos periódicos para divulgação de seus produtos, mas como também a patrocinar eventos esportivos, buscando, através destes expedientes, uma roupagem moderna,

aliando aspectos como beleza, força e juventude em suas mercadorias. (Op. Cit., p. 456)

O projeto é claro: o diretor do L'Auto (...) propõe uma competição "grandiosa", simplesmente para aumentar as vendas do diário e derrotar o concorrente, Le Vélo. A dureza da extensão (2400 km) dessa primeira corrida por etapas são feitas para tocar a imaginação. A tentativa é bem sucedida: a prova seduz o público, a tiragem do diário triplica em poucos dias (de 20.000 para mais de 60.000 exemplares), enquanto o Le Vélo perde os seus leitores. (Ibidem)

Vimos que o fomento da relação entre esportes e imprensa no mundo, mais especificamente na França, foi um processo delongado. Demoraram-se quase cinquenta anos para que os periódicos dedicassem importância às notícias acerca das práticas corporais. Foi relatado também a atuação de um crescente mercado publicitário. Este fenômeno comercial juntamente com o significativo aumento no número de vendas foi essencial para a transformação da relação imprensa/esporte. A seguir, aprofundaremos essa afinidade: o papel dos jornais no processo de introdução e afirmação do futebol nos relvados do Rio de Janeiro.

### 3.2 - As primeiras notas no Brasil

Buscando estar concomitante com as novidades oriundas do velho mundo, o desenvolvimento de crônicas e de notas sobre as práticas esportivas no Brasil ocorreu, em alguns aspectos, de forma análoga em comparação aos diários franceses. Até a segunda metade do século XIX, os jornais locais publicavam poucos comentários sobre atividades corporais em suas páginas. As poucas notícias, quando saíam, eram destinadas, pelo menos no Rio de Janeiro, ao turfe (MELO, 2008, p. 30). Diferentemente dos diários atuais, ainda "não eram observadas o uso de equipamentos esportivos em outras esferas cotidianas", ou seja, a prática corporal era ainda pouco difundida na sociedade carioca (Op. Cit.). Além disso, o número de praticantes era ínfimo, o que contribuía significativamente para o desleixo dos periódicos nacionais da época em relação aos esportes.

Mas, esse quadro alterou de forma significativa a partir do último quartel do século XIX. O interesse dos jornais sobre esses eventos aumentava conforme se estruturava algumas modalidades, como a prática turfística. A atuação da imprensa foi essencial para a difusão deste esporte no Rio de Janeiro. Este meio de comunicação sempre procurava noticiar a realização de páreos realizados nos hipódromos da cidade, mesmo quando o turfe se mostrava apenas como uma curiosa prática (MELO, 2001).

Na última década do século XIX, agora mais estruturado, as atividades relacionadas a este esporte galgaram espaços cada vez mais consideráveis nos periódicos cariocas da época. A maior organização fez com que surgissem clubes destinados a prática turfística. Não tar[dou, estas entidades, buscando maior número de assistência em suas atividades, passaram publicar nas seções pagas dos jornais a realização dos diversos páreos que se desenrolavam pela cidade. Desta forma, os periódicos se tornaram o principal meio de comunicação em relação às competições realizadas. Este expediente foi responsável pelo surgimento de um mercado publicitário vantajoso não só para os organizadores das competições, que arrastavam o público para as suas arquibancadas, mas como também para os jornais da época, que encontraram nestes anúncios um instrumento de arrecadação bastante valioso e necessário para a manutenção das suas atividades.

Segundo Victor Melo (2008), com relação às práticas esportivas anunciadas, nota-se, com o passar dos anos, a presença de anúncios de diversas modalidades, que variavam conforme a estruturação e conseqüentemente a popularidade dos mesmos. Em um período de 40 anos as notas relacionadas as práticas esportivas em jornais cariocas sofreram uma significativa transformação, seja ela no espaço ocupado quanto em relação ao número de atividades anunciadas. Entre 1860 a 1870 são encontrados, ainda que tímidos, anúncios voltados quase que exclusivamente para a prática do turfe e de regatas. No período delimitado entre 1880 a 1890 observa-se uma mudança substancial com relação à quantidade de anúncios, além da presença de novo esportes, entre eles o ciclismo e as corridas a pé (MELO, 2008, p. 31). Essas transformações observadas, presentes no final do século, são oriundas da modernidade, comentada anteriormente, onde buscavam-se uma melhor saúde física e moral, obtida principalmente através das práticas corporais, que foram transpostas de suas matrizes estrangeiras, principalmente européias.

Apesar da familiaridade com relação ao desenvolvimento das notas e jornais esportivos, os periódicos brasileiros mostraram alguns pontos destoantes em relação à imprensa francesa. Inicialmente, em seus primórdios, não há notícia acerca da participação efetiva dos periódicos cariocas em relação ao patrocínio direto de eventos, onde, como vimos, foi uma estratégia bastante positiva utilizada para alavancar as vendas dos diários franceses. A imprensa local enxergava tanto o aumento dos anúncios quanto a profusão de novas modalidades esportivas como um mercado assaz promissor. Em meio a este período de efervescência esportiva, surge um mercado publicitário, que buscava associar o seu produto a uma modalidade ou esportista da época. Apesar de alguns pontos destoantes, tanto os jornais franceses quanto os cariocas, compartilhavam os mesmos objetivos: lucrar com o mercado publicitário em torno dos esportes e aumentar significativamente o número de vendas.

Essa busca pela associação com o esporte, que já existia com o turfe, tornou-se mais intensa na transição do século XIX para o XX, quando algumas empresas passaram a fazer uso do remo. Neste mesmo momento, pode-se nota um grande número de anúncios de produtos medicinais (tônicos elixires, extratos, xaropes, etc.), algo relacionado ao crescimento das preocupações com a saúde e com o corpo, ocorrência que teve relações com o aumento dos cuidados com a beleza e com o incremento da popularidade da prática esportiva. (MELO, 2008)

Além desse aspecto mercadológico, os periódicos nacionais, em sua fase embrionária, não desenvolviam comentários ou notas acerca de quaisquer modalidades esportivas. Estes eram bastante excludentes e se designavam a reportar somente práticas corporais desenvolvidas em espaços próprios (clubes), frequentados pelas elites. Devido a este aspecto excludente e a falta de jornalistas especializados, que necessitava de um maior conhecimento das modalidades esportivas em geral, os periódicos do início do século XX tratavam os acontecimentos esportivos mais como um mero evento social, onde a sua páginas ilustravam mais a composição do público do que a própria prática em si. (MALULY, 2004). Este traço, bastante comum nas primeiras notícias acerca dos esportes em geral no Brasil, foi um expediente assaz característico, como veremos mais adiante, das notas desenvolvidas acerca do esporte bretão praticado na cidade do Rio de Janeiro.

Nestes sub-capítulos procuraremos desenvolver análises acerca do desenvolvimento de notas, crônica e jornais que lidassem com esportes de uma forma geral. Situação adversa com que presenciamos hoje, onde os diários são abastecidos constantemente com notícias e reportagens acerca de diversas modalidades esportivas, estando envolvido em um desenvolvido mercado editorial, a imprensa do século XIX dedicava pouco espaço em relação às práticas corporais. Porém, com a inserção de aspectos inerentes a modernidade, que dominava boa parte da civilização ocidental, incluindo o Brasil, a valorização do corpo, da saúde e conseqüentemente a profusão de modalidades esportivas foram primordiais para que gerasse um aumento significativo no número de “*sportmens*”, contribuindo consecutivamente para o surgimento de clubes organizado. Esses elementos foram essenciais para a mudança na configuração dos periódicos na transição do século XIX para o XX. Os jornais encararam estes fatores como um mercado assaz promissor em relação à elaboração de estratégias que desencadeassem em um aumento de vendas. Além disso, esse meio de comunicação procurou também aproveitar do incipiente mercado de anúncios, não só dos eventos, mas também de produtos que se relacionavam com a manutenção da saúde. Em terras cariocas, o desenvolvimento de notas esportivas, apesar de alguns pontos conflitantes, se desenvolveu de forma análoga aos diários europeus. Com o passar dos anos e a maturação de algumas modalidades, as notícias acerca destas práticas foram galgando maiores espaços nos jornais cariocas.

Mais adiante analisaremos o desenvolvimento das notas acerca do futebol nos periódicos oriundos do Rio de Janeiro. Com base em estudos desenvolvidos por alguns autores, procuraremos demonstrar como ocorreu a evolução de notícias acerca do esporte bretão, partindo do desleixo até se configurar, em poucos anos, em um dos principais temas abordados pelos jornais durante a primeira década do século XX.

### 3.3 - Jornalismo esportivo no Rio de Janeiro

Após discorreremos de forma sucinta sobre a evolução da imprensa esportiva no plano mundial e local, abasteceremos as nossas atenções para o

desenvolvimento das primeiras notas acerca do futebol em jornais cariocas. Escolhemos esta cidade por ser, juntamente com São Paulo, o local onde o esporte se estabeleceu de forma significativa, com o surgimento de diversos clubes e campeonatos durante a primeira década do século XX. Além disso, essa localidade desenvolveu neste período um grande apego as práticas corporais em geral, todos proveniente do espírito modernista apregoado e vigente na época, onde parte da população, como já relatado, buscava o culto ao físico, perseguindo o adágio “*mens sana, corpore in sano*”.

Inicialmente, durante a virada de século, são parcas as notícias acerca do desenvolvimento do esporte bretão nos relvados cariocas. Historicamente, o futebol já se encontrava enraizado desde a última década do século XIX, mas sem haver qualquer menção da imprensa na época. Este meio de informação, em estágio ainda embrionário em relação as notícias sobre o esporte, voltava as suas atenções para o turfe e principalmente o remo, práticas bastante difundidas no ambiente carioca (MELO, 2001, p. 25). Somente ao decorrer da primeira década do século XX que o futebol ganhará atenção da mídia impressa carioca (SANTOS, 2008, p. 7)

As primeiras notícias sobre o futebol em jornais da cidade do Rio de Janeiro remontam ao período inicial do século XX. Mas estas eram completamente diferentes ao que é apresentado pela imprensa atual, pautada em informações minuciosas sobre o acontecimento de uma partida. Naquele tempo, as pessoas responsáveis em elaborar notas sobre o futebol demonstravam completo despreparo sobre este esporte essencialmente inglês, ainda pouco praticado nos relvados cariocas (MELO, 2001, p. 192). Isso fica claro nas dificuldades em relação ao reconhecer e nomear certas posições e jogadas características do esporte jogado naquele momento, adotando termos basicamente estrangeiros. Essa falta de familiaridade pode ser explicada pelo caráter restrito assumido pelo esporte bretão, presente e praticado somente por uma ínfima parcela da elite dominante na então capital federal. (PEREIRA, 2000, p. 31).

Segundo o pesquisador Leonardo Pereira (2000, p. 24), a primeira notícia acerca do futebol apresentada pelos jornais cariocas foi identificada no dia 01 de setembro de 1901. A nota, publicada pelo jornal *O Paiz*, foi referente a uma partida disputada entre brasileiros e ingleses residentes no Rio de Janeiro, todos sócios do *Rio Cricket*, um distinto clube carioca. O periódico destaca somente a pequena assistência apresentada para esta disputa, relatando haver “mais jogadores do que

público”, não dando importância para a prática em si, não publicando o resultado da partida. Outro veículo local, denominado *Correio*, noticia, em sua coluna *Sport*, esse mesmo encontro, com apresentação mais completa sobre a partida, onde foi possível detectar o resultado do evento, tendo terminado empatado em 1 a 1. O colunista responsável por cobrir o jogo se mostra decepcionado com o placar sem vencedores, pois ainda estava habituado com os resultados obtidos tanto do turfe quanto do remo, aonde as disputas sempre apresentavam um vencedor. A sua frustração inicial sobre o futebol não deve ter alterado, pois houve, segundo o mesmo jornal, mais três partidas de desempates, onde coincidentemente terminaram com resultados idênticos (Op. Cit., p. 25)

No mesmo ano, outra disputa foi alvo de comentário de outro jornal carioca. Em 19 de outubro de 1901, o *Jornal do Commercio* transcreveu uma nota oriunda de um periódico paulista, noticiando a intenção de promover uma partida envolvendo praticantes do futebol do Rio de Janeiro e de São Paulo. O resultado parece também não ter empolgado esse cronista. A partida terminou em um empate sem gols (Op. Cit., p. 27). Ao todo, foram realizados dois encontros e ambos terminaram com resultados iguais. Mas apesar dos seguidos empates, o cronista destaca, após a realização deste encontro, o desempenho dos cariocas, que, apesar da aparente superioridade dos paulistas, conseguiram igualar as partidas disputadas. Além disso, a nota também destaca a presença de distintas famílias que acompanhavam o *match*. Esse encontro, apesar dos seguidos resultados, parece ter chamado atenção dos cariocas para a prática desta modalidade, pois o mesmo foi digno de nota também no *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*, importantes meios de comunicação presentes naquele momento (Op. Cit., p. 28).

Apesar deste incipiente processo de valorização do futebol, os jornais da época se mostravam ainda criteriosos em relação à presença nos *matches* realizados e o tipo de informação passada ao leitor. As reportagens sobre os esportes tinham, de uma maneira emblemática, suas torcidas quase sempre representadas por cenários elegantes e representativos. Era a descrição do que era mais belo e moderno naquela sociedade, composta por membros que compunham da chamada “*high-life*” carioca. Assim, os periódicos se importavam mais em reportar a presença de tais figuras do que o desenrolar das partidas em si.

[...] as confortáveis e elegantes arquibancadas do “ground” da rua Guanabara encheram-se “do ground complet” do que há de mais fino na sociedade carioca. (“Sport”, jornal do Brasil, 14 de maio de 1906, Apud SANTOS, 2008, p. 4)

Inicialmente, as notas sobre os resultados das partidas disputavam espaço com os comentários sobre a caracterização dos espectadores. Aspectos formais do jogo, como táticas, posições e jogadas se configuram como ausentes nestas primeiras menções jornalísticas. Os responsáveis por reportar estes encontros voltavam as suas atenções para a caracterização social do público que o acompanhava, “sempre muitos finos e elegantes” (PEREIRA, 2000, p. 34). Esta modalidade, propagada pelos agentes da modernidade, representada neste momento pela elite econômica, estava fazendo do futebol a sua própria marca.

Apesar da eminente empolgação gerada pelas partidas entre cariocas e paulistas, o futebol ainda sofreu com o desinteresse dos jornais. Mesmo após a criação do *Fluminense Foot-Ball Club*, fundado pelo Oscar Cox, um dos participantes daqueles encontros, parece não ter inflamado os periódicos da época, onde, durante os primeiros anos do século XX, eram feitas apenas menções esparsas sobre o esporte. Alguns veículos argumentavam que faltava espaço para notas relacionadas ao esporte bretão, sendo, a seção responsável pelo esporte, quase toda ocupada por notícias referentes à prática do remo (Op. Cit., p. 29)

Segundo Leonardo Pereira, em 1902, ainda sem alarde, aparece algumas notas referentes ao futebol na imprensa carioca. Esta modalidade era ainda caracterizada como apenas mais um dos esportes apresentados pelos ingleses residentes em terras brasileiras, onde desembarcaram também o *low tênis* e o *cricket*, exercícios que garantia aos seus praticantes o desenvolvimento físico e moral. Parece que a “moda” da modernidade em relação ao apego as práticas corporais, presente na então capital federal na virada do século, garantiu uma maior sobrevida ao futebol.

O ano de 1903 parece ter sido o momento da virada com relação à atenção dada dos jornais ao esporte bretão. Neste mesmo ano apareceu uma nota bastante intrigante, onde, um cronista, animado pelo desenvolvimento pelo “gosto do futebol” na cidade, afirmava ser “um dos primeiros exercícios de atletismo ao ar livre”.

O atleta precisa estabelecer a coordenação dos músculos e da vontade; a um só tempo ele precisa de um golpe de vista e conhecer

e planejar o seu jogo e, com a vontade, ordenar os músculos e o sucesso obtido causar-lhe-á um real prazer. (Foot-ball, O Malho, 19 de agosto de 1903, Apud PEREIRA, 2000, p. 51)

No ano seguinte, o mercado editorial do Rio de Janeiro começa a enxergar nestes esportistas uma grande oportunidade de alavancar as suas vendas. Em 1904 começam a ser publicadas revistas especializadas em práticas corporais. Nestas, aparecem artigos sobre diversas práticas esportivas, contendo também manuais de como praticá-las. Pesquisadores da época defendiam que o aprimoramento físico necessitava de um meio concreto de efetivação e que fosse aplicável em rapazes e moças da época. Buscava-se criar neles o hábito do exercício. Em uma tese, de autoria de Álvaro Reis e defendida em 1904 na Faculdade de Medicina da Bahia, explicita a utilização da prática esportiva como um exercício necessário ao aperfeiçoamento orgânico.

Todo exercício deve ser acompanhado, para não ser monótono e enfadonho e ser satisfatoriamente realizado, de uma nota de prazer e interesse com um caráter recreativo. Por isso os jogos e os sports são de grande vantagem no aperfeiçoamento orgânico, na educação física, principalmente da mocidade. (Álvaro Borges dos Reis, 1904, p. 57 Apud Op. Cit., p. 44)

No mesmo ano de 1904 o futebol, como prática esportiva, começa a ganhar notoriedade entre a imprensa carioca. Apesar de ainda incipiente, principalmente em relação ao remo, as notas começam a aparecer com certa periodicidade no meio editorial, seja ele em revistas especializadas ou em próprios jornais locais. Nesse mesmo ano, uma publicação mostra que o futebol vinha se tornando popular não só na capital brasileira, mas por diversas cidades brasileiras, chegando a substituir os esportes aquáticos, até então os mais praticados.

O foot-ball está em ordem do dia, multiplicam-se os clubs, aqui, em S. Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, e o ponta pé inglês, traduzindo para o brasileiro, tem neste momento as honras do Sport atraindo, dia a dia, novos e entusiasticos projetos e causando entre a mocidade sadia a nobre emulação da destreza e da força. (Sport – Foot-ball, Kosmos, ano 1, n. 8, agosto de 1904 Apud Op. Cit., p. 46)

Nesse curto espaço de tempo, de 1901, data das primeiras notas, até o ano de 1905, o futebol passou a ganhar grande atenção por parte da imprensa. Segundo

Leonardo Pereira, a partir desta data, as notícias sobre o futebol sofreram sensíveis modificações, fruto do eminente processo de popularização presenciado pelo esporte, que apesar de restrito a clubes da elite, começava a ganhar espaço entre os *sportsmens* do Rio de Janeiro. Em 1905, o *Jornal do Commercio* noticiava o entusiasmo dos jovens com o esporte bretão, relatando a ocorrência de um jogo realizado envolvendo ingleses e brasileiros, atraindo a atenção de mais de 1500 espectadores (PEREIRA, p. 36). Apesar deste crescimento vertiginoso, os jornais locais, ainda poucos familiarizados com relação às regras ou prática da modalidade, ressaltavam apenas o perfil social da assistência. Para este mesmo jogo, o jornal destacou a caracterização do público, onde todos são da mesma estirpe apresentada tanto nas disputas turfísticas quanto nas peças de teatro, ou seja, membros da fina camada da sociedade carioca.

O apego ao futebol parece ter feito parte de um movimento maior. Em meados da primeira década do século XX, as notícias sobre práticas esportivas ganharam bastante notoriedade no meio editorial. Diversas modalidades disputadas no ambiente carioca passaram a ser destaque nas edições impressas. Para atender ao crescente número de praticantes e simpatizantes das novas modalidades diversos jornais como *Gazeta de Notícias*, *Correio da Manhã*, *O Paiz* e o *Jornal do Brasil* aumentaram consideravelmente a sua coluna responsável por notícias oriundas da prática esportiva. Estas, a partir deste momento, não eram mais compostas somente por notas sobre o turfe e o remo, mas também passaram a noticiar o desenvolvimento de outras práticas corporais, como a velocipedia, apresentações de ginastas, touradas, corridas a pé e até mesmo sobre o futebol (Op. Cit., p. 47).

A função da imprensa em relação ao esporte bretão extrapolava o limite das quatro linhas. Ela cumpria um duplo sentido com relação à prática esportiva. Além de considerar os praticantes como um mercado bastante atraente para o incremento das suas edições, os jornais da época desempenharam outro papel bastante considerável. As notas faziam com que os leitores, praticantes ou não, no desenrolar sobre as emocionantes disputas e os seus respectivos “heróis”, se mobilizarem em torno de tais práticas. Esse aspecto, aliado aos ares da modernidade presente naquele momento, que cultuava o desenvolvimento corporal através da atividade física, contribuíram significativamente para o aumento progressivo do público aficionado

pela atividade física. Esses periódicos tiveram papel crucial no processo de popularização presenciado por diversas modalidades, entre elas o futebol.

Com relação ao esporte bretão, ainda em 1905, os jornais cariocas apresentavam diversas informações acerca desta modalidade. Estas notícias não se abastavam apenas com os desenrolamentos inerentes a uma partida de futebol. As menções publicadas pelos periódicos cariocas passaram a noticiar outros aspectos relacionados ao desenvolvimento do esporte, como as constantes fundações de clubes, a publicação de membros que participariam da sua organização e os locais onde seriam realizados os *matches*. Além disso, surgiram matérias que passaram a defender o futebol como uma prática essencial para o desenvolvimento da mocidade do Rio de Janeiro, pois ele, segundo a revista carioca *O Malho* do mesmo ano, “desenvolve a disciplina, inteligência, o desprezo pelo perigo e o espírito de solidariedade” (PEREIRA, p. 52).

As notícias oriundas da prática futebolísticas, foram, aos poucos, ocupando espaços cada vez maiores nas páginas dos jornais cariocas. Ainda em 1905, a *Gazeta de Notícias* destaca que o futebol estava superando a sua faceta de novidade. Segundo o colunista deste jornal, esta modalidade, com o passar dos anos, foi galgando notoriedade perante a massa esportista da cidade carioca, passando a condição de “*Sport triunfante*” (Op. Cit., p. 56)

Apesar deste vertiginoso crescimento, alguns membros da sociedade científica estavam dispostos a conter os ímpetos oriundos do movimento de popularização do esporte bretão. No jornal carioca *Correio da Manhã*, de 1906, um cronista publicou a sua preocupação em relação à prática do futebol, que se espalhava rapidamente pelos campos do Rio de Janeiro. Segundo ele, esta modalidade é uma arte e só poderia ser praticado por pessoas iniciadas em seus segredos, pois como vinha sendo praticado, sem organização tática e regras definidas, estava se tornando um simples “ponta pé”. Para tentar amenizar o problema, nesse mesmo ano, o periódico publica um guia de *Foot-ball* (PEREIRA, p. 36). Neste período, o jornal *O Paiz* também divulga em suas páginas ilustrações que procuram instrumentar os novos e poucos familiarizados com a prática do esporte bretão.

Mas, esse movimento de “contenção” da popularização estava buscando outro objetivo além da sua faceta didática. As publicações de manuais eram, de certa maneira, um instrumento de exclusão. Através deles, os seus autores

buscavam garantir o domínio da prática futebolística para membros da elite carioca. Em última instância, os integrantes da fina camada carioca procuravam assegurar para si a organização e a execução do esporte bretão, procurando, sobre várias formas, breçar e desarticular qualquer meio de expansão desta modalidade nos relvados cariocas, principalmente para aqueles pertencentes a periferia do Rio de Janeiro.

Porém, o ímpeto restritivo com relação à popularização do futebol nos relvados cariocas parece não ter sortido o efeito desejado pela elite local. Os periódicos deste mesmo ano divulgam extensivamente a profusão de times no Rio de Janeiro. Uma coluna do jornal *O Paiz*, o mesmo das ilustrações didáticas, em julho de 1906 divulgou em suas páginas o surgimento de um possível primeiro clube de futebol pertencente ao subúrbio, localizado no Méier. Dias após esta publicação, um leitor, em resposta a esta nota, tenta trazer para Bangu o pioneirismo da prática do esporte bretão na periferia carioca, pois esta agremiação teria sido fundada em 1905 (Op. Cit., p. 56). Segundo o *Correio da Manhã*, do dia 3 de maio de 1906, foi criado em Pedregulho mais uma instituição futebolística. Esse mesmo jornal publicou, em 2 de agosto do mesmo ano, o surgimento da agremiação *Sport Club Mangueira*, também destinada ao futebol (Op. Cit.). O crescimento e a expansão ocorreram de forma tão efêmera que no final de 1906 foram contabilizados, com base nos periódicos locais, a criação de mais de 30 clubes e no ano seguinte surgiram mais 40 só na cidade do Rio de Janeiro (Op. Cit., p. 72). Essa atmosfera positiva em relação à prática futebolística foi capturada por um cronista do *Correio da Manhã* de 1906, onde destacava o futebol como “o mais vigoroso da árvore atlética brasileira”.

Para tentar organizar o eminente movimento de crescimento do futebol foi criado, no ano de 1905, a *Liga Metropolitana de Foot-ball*. Com base na revista *O Malho*, de 7 de outubro de 1905, esta entidade foi gerada para organizar o desenvolvimento desta modalidade, tendo o seu primeiro campeonato realizado no ano de 1906 (PEREIRA, p. 63). Esta entidade reunia, em seus primórdios, agremiações pertencentes aos clubes associados à elite carioca. Sendo assim, esse extrato da sociedade pretendia com este ato garantir para si a hegemonia desta prática esportiva. Mas, apesar desta faceta, a inauguração da entidade foi bastante comemorada pelos praticantes locais, sendo maciçamente noticiada pelas crônicas esportivas dos periódicos do Rio de Janeiro.

Adverso as pretensões presentes pela elite da então capital federal, a criação da Liga contribuiu de maneira incisiva para a popularização do futebol. O surgimento desta entidade, que passaria organizar o esporte bretão no Rio de Janeiro, auxiliou no processo de inserção deste esporte nos jornais locais, galgando espaços cada vez mais generosos, condizentes com elevado número de clubes e praticantes. Um exemplo da transformação do mercado editorial com relação ao crescimento do esporte bretão no Rio de Janeiro está na diagramação na *Gazeta de Notícias*, importante veículo de informação presente na época. Após esse movimento de criação da Liga, a sua pequena seção dedicada a relatar os acontecimentos esportivos cariocas transformou-se em *Gazeta dos Sports*, agora apresentado diariamente e ocupando duas colunas deste periódico, aonde grande parte deste espaço seria dedicado ao futebol. Essa metamorfose contribuiu para que publicação se tornasse o órgão oficial da *Liga Metropolitana de Foot-ball*, onde seriam publicados os jogos dos torneios, amistosos e notícias referentes a esta entidade (Op. Cit., p. 64).

A organização de todo o futebol do Rio de Janeiro não ficou a cargo somente da Liga. Apesar de ser reconhecida como a entidade que oficialmente controlaria a modalidade, ela sofreu bastante concorrência. Clubes da periferia, como vimos anteriormente, eram a maioria no universo futebolístico carioca. Mas, apesar do seu elevado número, não participaram dos campeonatos promovidos pela Liga, que, como vimos, buscava representar somente agremiações pertencentes à elite. Segundo Leonardo Pereira, para contornar essa exclusão, as equipes menos afortunadas criaram ligas congêneres por toda a cidade, que, atraíam, assim como os jogos realizados pela Liga Metropolitana, uma grande assistência em seus estádios (*Gazeta dos Sports*, *Gazeta de Notícias*, 22 de maio de 1907 Apud PEREIRA, p. 69). O sucesso destas entidades teve como consequência direta a abertura de novos espaços para a prática do jogo por toda a cidade. Distante do monopólio pretendido pela Liga, o futebol estava se alastrando por diversos bairros e grupos da cidade.

Como relatamos anteriormente, apesar da sua faceta discriminatória, a criação da Liga Metropolitana contribuiu de forma incisiva para a mudança de postura de diversos jornais com relação à prática futebolística. Após a *Gazeta de Notícias*, houve uma multiplicação de jornais esportivos, que traziam o futebol como assunto principal. Mesmo os periódicos de grande circulação procuravam relatar, em

suas páginas, a ocorrência de diversas partidas desenroladas nos relvados cariocas. Uma postura bastante diferente se comparada a alguns anos atrás, onde tais veículos demonstravam total desleixo com relação ao esporte bretão.

O movimento de popularização não ficou restrito aos meados dos anos 10 do século XX. Este processo perdurou por bastante tempo, ultrapassando a primeira década. Uma nota do *Jornal do Brasil* de 1911 (Apud SANTOS, p. 5) mostra que, apesar do elitismo apregoado com relação ao futebol, diversos clubes se formavam em espaços não pertencentes ao extrato mais alto da sociedade carioca. Este fato mostra que, ao contrário do pregado e pretendido pela Liga, a modalidade havia se estabelecido nos cantões do Rio de Janeiro, fugindo assim do controle desta instituição.

Mesmo os jornais do início do século, apesar deste eminente movimento de popularização do esporte bretão, ainda se mostravam despreparados para cobrir esta modalidade. O futebol ainda era visto, mesmo perpassado o primeiro decênio, como um evento social, onde cronistas voltavam as suas observações para as descrições acerca da assistência envolvida, preocupados com o nível social e a vestimentas utilizadas tanto pelo público quanto pelos jogadores. Diferentes com o que ocorre atualmente, ainda eram ausentes jornalistas dedicados e entendidos acerca da prática esporte bretão. Esse fato contribuiu para que as notas sobre esta modalidade se constituíssem como totalmente superficiais, onde eram relatados apenas os locais dos certames, com os seus respectivos resultados e características dos indivíduos envolvidos no desenrolar destes jogos.

Entendemos que a valorização por parte dos jornais cariocas do *status quo* dos envolvidos nas partidas de futebol contribuiu para que estes veículos relevassem a participação de outros extratos social aquém dos representantes da elite local. Devido a este aspecto, apesar da expansão da modalidade pelos campos do Rio de Janeiro, a imprensa da época pouco ou nada publicava sobre a participação dos negros ou representantes das classes inferiores. As classes menos abastadas, quando lembradas, eram representadas numa posição de simples espectadores. A atenção deste meio de comunicação estava centrada somente na participação da elite carioca.

No futebol, esta ausência também é clara, mais ainda, as distinções são visíveis, sobretudo quando verificamos que ao lado das

luxuosas, seletas e elegantes arquibancadas, os menos favorecidos costumavam assistir aos jogos em cima do muro, telhados ou de qualquer maneira que os possibilitassem apreciar aquele esporte ainda tão bretão (SANTOS, p. 5)



Curiosos divertiam-se do lado de fora dos campos, espremidos em cima de muros. (O Malho, 20 de outubro de 1906 Apud PEREIRA, p. 58)

Nesta pequena parte do capítulo dedicamos as nossas análises acerca da evolução do futebol na imprensa do Rio de Janeiro. Percebemos que este meio de comunicação contribuiu de forma significativa para expansão desta modalidade nos gramados cariocas. A situação de desleixo, verificado nos anos iniciais do século XX foi superado, tendo conquistado, em pouco tempo, espaços consideráveis em alguns diários, que por sua vez enxergavam nessa nova modalidade a oportunidade de alavancar as vendas de exemplares. Veremos adiante qual o papel deste meio de comunicação na organização do futebol em Belo Horizonte. Neste momento, procuraremos comparar, através dos periódicos existentes na capital mineira no limiar do século XX, se a participação dos jornais ocorreu de forma análoga ao ocorrido no Rio de Janeiro.

#### 3.4 As primeiras notas em Belo Horizonte

Belo Horizonte sempre esteve atrelada ao desenvolvimento esportivo. Desde a sua fundação, em 1897, sendo construída para ocupar o cargo de capital das Minas Gerais, a cidade procurava estabelecer uma vocação esportiva. O seu plano de construção procurava estar conforme o plano urbanístico vigente na Europa durante a virada do século XX. Neste, tentaram empregar espaços que fossem capazes de articular com as mais recentes formas de produção de riqueza, administração pública e sociabilidade. Seguindo esses padrões, a planta geral da nova cidade constava com locais próprios para o desenvolvimento de práticas corporais, entre elas foram destacadas a previsão de construção de um hipódromo e de um moderníssimo velódromo (RODRIGUES, 2008).

Assim como diversas cidades brasileiras, Belo Horizonte buscava, desde a sua constituição, aderir às práticas consideradas modernas para época, como a execução de exercícios físicos. A sociedade local, através principalmente da imprensa, buscava estar alinhado aos acontecimentos oriundos de suas matrizes nacionais e estrangeiras. Esses modelos orientavam a formação de discursos e de práticas que estavam voltados para os diversos grupos belo-horizontinos que almejavam atingir os ideais de modernidade e civilização (RIBEIRO, 2009, p. 1). A própria atenção que os locais destinavam as práticas corporais, como o turfe, a velocipédia e mais adiante o futebol, evidencia a incorporação, por parte da população local, em torno da adoção de novos hábitos, que também estavam ganhando espaços em outras localidades do país.

Veremos adiante a articulação da imprensa em torno do futebol praticado em Belo Horizonte. Analisaremos o papel deste meio na configuração desta modalidade, que assim como ocorreu no Rio de Janeiro, teve papel fundamental no desenvolvimento do esporte bretão. Pautaremos as nossas observações sobre a gênese e a consolidação do futebol nos gramados da capital mineira, partindo sempre de apontamentos apresentados pelos periódicos locais.

Belo Horizonte, com relação ao desenvolvimento de práticas corporais, se configurou, em alguns aspectos, de maneira distinta em relação ao que ocorreu no Rio de Janeiro. Devido a sua precocidade como centro urbano, a cidade mineira, segundos jornais do início do século XX, não houve uma modalidade que se tornaria pedra angular na incorporação da atividade física em sua população. Até 1904, data da fundação do primeiro clube de futebol, apenas a velocipédia ocupava a atenção de algumas edições da imprensa local. Porém, esta se apresentava de maneira

escassa, com inúmeras interrupções, principalmente após o fechamento do *Velo Club* em 1902 (RIBEIRO, 2007, p. 49). Mesmo depois da inauguração de alguns espaços voltados a prática esportiva, como o *Derby Mineiro* em 1902, sendo destinada ao turfe, a capital mineira ainda não havia experimentado nenhum empreendimento esportivo de longa duração (Ibidem).

Apesar de atitudes efêmeras em relação ao desenvolvimento esportivo, a imprensa local procurava abastecer a cidade com notícias sobre a constituição das mais diversas práticas corporais executadas em diferentes locais. Com esse volume de informações oriundas de outras praças esportivas, a população local procurava está atenta ao desenvolvimento de algumas modalidades que começavam a se destacar no cenário nacional, como o futebol. Neste momento, esta modalidade havia atingindo um considerável grau de desenvolvimento em centros como Rio de Janeiro e São Paulo.

Até 1904, o futebol ainda não havia aparecido de forma consistente nos jornais distribuídos na capital mineira. Apesar de bem abastecido sobre o desenvolvimento do esporte bretão em outras localidades, a população de Belo Horizonte ainda não havia se organizado, pelo menos oficialmente, em torno desta modalidade (RODRIGUES, 2006) Mas, apesar da eminente falta de clubes e instituições esportivas, os cidadãos belo-horizontinos não parecem alheios a prática futebolística. Neste mesmo ano, suscitam nos periódicos locais notas acerca do desenvolvimento desta modalidade em ruas e campos empoeirados da cidade, que ainda não apresentava espaços específicos para esta prática.

Bello Horizonte é uma moçoila maníaca. [...] Agora, porém, vae alcançando vantagens sobre a invencível inconstância de nosso povo, numa firmeza lastimavel de mania, um presente grego, digo, inglez – o *foot-ball*. O magnifico *sport* que, em outras cidades, o povo joga, aqui joga o povo. [...] o mal invadiu todos os bairros, transformando a cidade num vasto campo de exercicio, em que até as pernas ocupadas dos transeuntes servem de *goal*. (PAN d'EGA, 1904, p. 1. Apud RODRIGUES, 2006, p. 155)

Segundo Rodrigues (2008), no ano 1904 o esporte bretão aparece de forma organizada em Belo Horizonte. Com base em informações extraídas de periódicos da época, neste período houve a formação de algumas equipes que buscavam praticar a modalidade conforme as regras oficiais exigidas para execução do jogo.

Apesar de alguns pontos destoantes, a introdução do futebol na capital mineira ocorreu de forma análoga ao sucedido no Rio de Janeiro. A iniciativa pela introdução desta modalidade praticada de forma organizada coube a membros pertencentes à fina estirpe da capital mineira. Entre esses personagens se destacava Victor Serpa, um universitário carioca que veio estudar direito em Belo Horizonte. O seu estreito laço com a então capital federal e a sua estadia em colégios da Suíça, assim como ocorreu com Oscar Cox no Rio de Janeiro, lhe deu bagagem necessária para implementação da prática do esporte bretão na cidade mineira (RIBEIRO, 2008, p. 4). Com base no jornal local *Folha Pequena*, de 10 de agosto de 1904, Serpa e mais alguns entusiastas foram responsáveis pela fundação da primeira agremiação da cidade, o *Sport Club* (Ibidem).

A inauguração desta agremiação, pelo menos em seus momentos iniciais, ocorreu de forma improvisada, sem haver qualquer estrutura montada para a execução do futebol. Com base nas notas cronológicas do ex-narrador radiofônico e memorialista Octavio Penna, do dia 3 de maio de 1904, mesmo antes da formação do *Sport Club*, alguns indivíduos ensaiavam esta modalidade “no Parque, em uma de suas alamedas, à direita do portão da Avenida Afonso Pena”, nas proximidades onde foi construído o Teatro Francisco Nunes (Ibidem). Até a constituição de um espaço próprio para a prática futebolística, esses esportistas promoviam os seus jogos em diversas localidades, como o campo improvisado localizado entre a Rua Sapucaí e a antiga Estação da Central (RODRIGUES, p. 159).

Assim como vimos no Rio de Janeiro, a imprensa teve um papel fundamental na constituição dos primeiros pontapés realizados na capital mineira. Segundo Rodrigues (2006), os primeiros jogos realizados, após alguns treinos, ocorriam aos domingos, quase sempre às 7 da manhã, sendo sempre divulgados com antecedência pelos diários locais. Mais adiante, procurando provocar o interesse do público e de outros jogadores, o próprio *Sport Club* anunciava a realização das partidas, agora na parte da tarde, na seção paga de alguns periódicos.

Sport Club

Secção paga

Todos os domingos às 4 horas da tarde há match (sic) de foot-ball entre dois valentes teans do club.

(FOLHA PEQUENA, 17 set. 1904, p. 2; FOLHA PEQUENA, 24 set. 1904, p. 1 Apud RODRIGUES, p. 160).

Um desses jogos, realizado no dia 2 de outubro de 1904, foi assim noticiado pelo *Minas Gerais*:

Ante-hontem foi disputado mais um match de football no campo dessa notável sociedade, perante tão numerosa quão fina roda de distintos sportmen e gentis sportwomen. Prestou-se graciosamente a servir de referee o sr. Capitão Haas, que se conservou durante toda a partida perfeitamente imparcial e attento, o que grandemente contribuiu para o bom resultado della. Venceu ainda desta vez o team do Sr. Victor Serpa por 2 gols a 1, apesar do denodo e do brilho com que se bateu o do dr. Oscar Americano. Os pontos foram marcados para os vencedores, pelos srs. José Mariano de Sales e Victor Serpa e para os vencidos pelo sr. Joaquim Brasil. A lucta esteve sempre animadissima, o que demonstra que o popular sport está finalmente para sempre implantado em nosso aureo Estado. (SPORT Club. *Minas Gerais*, 4 out. 1904, p. 6, Apud ROGRIGUES, p. 160)

Nota-se a preocupação tanto dos jornais quanto dos membros do *Sport Club* em incrementar a assistência e o número de possíveis praticantes. Isto fica evidenciado em dois momentos: quando as partidas passam a ser sempre anunciadas nos jornais e quando ocorre a mudança de horário do confronto, passando das 7 horas da manhã para o período da tarde, procurando possivelmente não rivalizar com as missas realizadas durante o alvorecer do dia.

Ainda em 1904, com base nos jornais locais, o futebol despertou o interesse da população belohorizontina, principalmente dos *sportmens*. Neste curto espaço de tempo, além de jogadores e aficionados por esportes, diversas pessoas marcavam presença nas animadas disputas futebolísticas.

Nem eu, acreditei. Quando chegamos ao chamado *campo*, fiquei surpreso. Senhoras e cavalheiros lá estavam embevecidos, arriscando comentários, interessados pelo jogo. Bicudo franziu o supercelhos e eu puz-me a observar. Marmanjos e crianças, todos de bonets e calções, as pernas nuas dos joelhos para baixo, calçados com sapatões de turco, atiravam ponta-pés numa bola que andava de Herodes para Pilatos. Momentos depois passou perto de mim um *foot-baller* e eu pude ver-lhe as trruculentas barrigas das pernas com cada mancha assim de sinapismo... Não me contive e chamei a atenção do Bicudo. O insigne mestre ria perdidamente, achando tudo aquilo trágico e cômico ao mesmo tempo, e sem perceber, instintivamente repetiu [...] Neste mundo há cada uma... (SPIRIDIAM, 20 nov.1904, p. 2, Apud RODRIGUES, p. 161).

O jornal Minas Gerais, veículo impresso oficial do Estado, também comentava em suas páginas a presença de um público assistente nas exibições do recém criado *Sport Club*, apesar da ausência de infraestrutura condizente com a prática.

Ante-hontem foi disputado mais um match de football no campo desta notável sociedade, perante tão numerosa quão fina roda de distintos sportsmem e gentis sportswomen. (Minas Gerais, Bello Horizonte, 3 e 4 de outubro, p. 6, Apud RIBEIRO, 2007, p. 54)

A participação dos periódicos não se restringia apenas na divulgação dos locais e dos acontecimentos inerente as partidas de futebol. A partir do entusiasmo apresentado pelos certames disputados, os jornais locais passaram a publicar diversos artigos e crônicas relacionados aos inúmeros exercícios físicos executados em outras localidades, onde o processo de difusão destes se mostrava mais enraizado, como São Paulo e Rio de Janeiro. Além disso, estes veículos disseminavam em suas páginas textos oriundos de revistas internacionais, trazendo informações sobre vários aspectos relacionados ao desenvolvimento esportivo, como saúde, ciência e modelos pedagógicos adotados naquela época (RIBEIRO, 2008, p. 5). Mesmo com andamento do processo de adesão as práticas corporais, os aficionados pela atividade esportiva podiam, a partir da veiculação dos periódicos locais, reunirem uma boa quantidade de informações sobre as mais diversas práticas corporais. Esse aspecto foi preponderante para a construção de representações e consecutivamente de discursos legitimadores em torno da adoção de tais práticas pelos habitantes da capital mineira.

A partir de 1904 a palavra *sportsmen* e foot-ball se tornam recorrente nos jornais de Belo Horizonte. Surgem, para atender os leitores aficionados por notícias acerca do desenvolvimento do exercício físicos, cronistas que se autorreconheciam como especialistas da modalidade. Neste mesmo ano, o jornal *A Ephoca* já publicava em suas páginas um artigo com o título “a mania do foot-ball” (RIBEIRO, 2007, p. 55), onde tentava demonstrar o quanto este esporte estava sendo praticado pela população da capital mineira. Esses periódicos locais buscavam, nos anos iniciais do futebol, construir uma legitimidade em torno desta nova modalidade.

Seguindo essa linha de enraizamento do esporte bretão nos relvados belo-horizontinos, os jornais locais procuravam, através de artigos e crônicas, exaltar a funcionalidade desta prática. Para o jornal *Minas Gerais*, o futebol, além de

promover a saúde, obtida através de uma atividade física, era uma forma de diversão assaz organizada.

Este gênero de diversão esportiva, que ultimamente tanto incremento tem tomado no nosso meio, allia em si o útil ao agradável, pois ao mesmo tempo em que dá força ao corpo, concorrendo assim para a perfeição da espécie, é um elemento de distração para o nosso publico. É de presumir que haverá hoje grande concorrência ao *Athletico Mineiro Foot-ball*. (MINAS GERAIS, 24 nov. 1904, p. 6, Apud RODRIGUES, p. 162)

Sendo assim, o futebol praticado em Belo Horizonte parecia cada vez mais fortalecido perante a população local. A prática iniciada com algumas esporádicas partidas ganhava fôlego. O apoio incondicional da imprensa contribuiu de forma preponderante para a disseminação e fortalecimento do esporte bretão na capital mineira. Prova disso, ainda no ano de 1904, surgiram, com base nos periódicos locais, diversas agremiações destinadas à prática da modalidade. Após a inauguração do *Sport Club*, germinou, a partir de reuniões realizadas nas dependências do *Gymnasio Mineiro*, o *Plínio Foot-ball Club*. Neste mesmo ano apareceram também mais três associações: o *Mineiro Foot-ball Club*, o *Brazil Foot-ball Club* e o *Club Athletico Mineiro*, este último diferente da agremiação homônima existente atualmente (RIBEIRO, 2007, p. 51).

Com base no entusiasmo apresentado em torno do futebol, demonstrado através do forte apoio da imprensa e do surgimento de times, surgiu a necessidade de institucionalizar a modalidade. Diferentemente do observado em São Paulo e Rio de Janeiro, talvez anestesiados pelas notícias sobre a modalidade oriunda de outros locais, os responsáveis pelo esporte bretão decidem montar uma liga voltada a prática futebolística no mesmo ano da introdução desta prática em Belo Horizonte. Diversos aspectos reunidos como a garantia de um campo de jogo, do reconhecimento e de um razoável número de clubes favoreceram a constituição de uma instituição que viesse organizar o futebol praticado na capital mineira.

Reuniram-se hontem à noite, no Grande Hotel, os representantes das sociedades locais de "football", o Sport-Club, Plinio Fottbal CLub e Athletico Mineiro, afim de organizarem nesta capital uma Liga de grêmios sportivos, idêntica as já existentes no Rio e em São Paulo. (Folha Pequena, Bello Horizonte, 10 de outubro de 1904, p. 1, Apud RIBEIRO, 2007, p. 55)

Seguindo tendências observadas em casos nacionais, uma das primeiras iniciativas da Liga foi à organização de um campeonato envolvendo as agremiações locais. Apesar do forte entusiasmo em torno do esporte, o pequeno número de agremiações dificultou a organização de um torneio. Para contornar esse imbróglio, o time do *Sport Club*, constituído por um grande número de associados, deu origem a mais duas agremiações, o *Américo* e o *Vespúcio*, que juntamente com a incorporação do *Mineiro Foot-ball Club*, que até então não participava da entidade, incrementariam a primeira competição futebolística de Belo Horizonte (RIBEIRO, 2007, p. 56).

O campeonato, organizado em outubro de 1904, parece ter despertado a atenção da população local. Assim como a *Gazeta* no Rio de Janeiro, o jornal *Minas Gerais* realizou uma extensa cobertura do torneio. Segundo este periódico, a competição parece ter mobilizado os belo-horizontinos, pois atraiu “numerosos espectadores” e ainda afirmava que “cresceu enormemente o entusiasmo pelo omni-importante torneio nos arraiaes sportivos” (Ibidem). Mas, devido às condições climáticas apresentadas durante o período de passagem de ano e apesar da grande comoção criada em torno do esporte bretão, a parte final deste campeonato não foi noticiado pela imprensa local. Os jornais locais não publicaram em suas páginas o clube que se sagrou vencedor do primeiro campeonato promovido pela recém criada liga.

Os praticantes pertencentes as agremiações de futebol da capital mineira apresentavam um perfil um pouco adverso com relação ao constituído no Rio de Janeiro. Em Belo Horizonte, as equipes buscavam também desenvolver um caráter “fidalgo” em relação ao futebol praticado. Mas, diferente do apresentado na cidade carioca, os clubes pioneiros eram compostos por pessoas que, além de gozarem prestígio na esfera social belo-horizontina, eram representantes de diversas profissões, como cirurgiões, comerciantes, funcionários da imprensa oficial, etc. Além disso, nesses anos iniciais, não são relatados, como ocorreu na cidade carioca, à presença e atuação de imigrantes durante o processo de introdução do esporte bretão nos relvados da capital mineira.

Além dessa distinção social, o perfil econômico dos praticantes do futebol apresentado em Belo Horizonte era bastante parecido com aquele vivenciado no Rio de Janeiro durante a primeira década do século XX. Assim como na capital carioca, os clubes da cidade mineira buscavam também desenvolver mecanismos que

buscassem traçar um perfil elitista em relação a composição social dos seus integrantes. Essas agremiações eram bastante restritivas em relação ao processo de ingresso de novos elementos em seus quadros. Assim, como na então capital federal, as entidades esportivas de Belo Horizonte cobravam dos candidatos a sócio um elevado valor de jóia. Além disso, os futuros membros deveriam passar pelo clivo da diretoria, onde eram levados em consideração o seu perfil social e suas relações de amizade. Essas estratégias, eficientes com relação a composição dos seus filiados, contribuiu para restringir membros indesejados e também garantir a legitimidade da prática futebolística aos representantes da elite social e econômica da cidade mineira.

Adverso ao que ocorreu com o Rio de Janeiro, o futebol em Belo Horizonte se desenvolveu de forma desconexa em relação ao restante do estado. Apesar de se constituir como capital do estado, ela não se destoava das demais localidades mineiras. Ainda vivenciando o seu processo de construção, a cidade buscava se consolidar como referência em frente aos outros municípios representantes desta unidade federativa.

Este aspecto fica claro quando lidamos com a história do futebol mineiro. Diferentemente do que apresentado no Rio de Janeiro e São Paulo, a capital mineira pouco contribuiu para a disseminação do esporte bretão pelos relevos de Minas Gerais. O futebol em Belo Horizonte se desenvolvia de forma autônoma em frente às diversas localidades do estado, exercendo pouca influência sobre o desenvolvimento do esporte na esfera estadual. Existem apenas alguns casos de estudantes oriundos do interior que se envolveram com atividades físicas na capital mineira e que participavam do desenvolvimento desse tipo de divertimento pelas suas localidades de origem. Mas, apesar de alguns episódios esporádicos, o futebol praticado em outras partes do estado se desenvolveu de forma autônoma em relação a sua capital.

Alheio ao seu fraco papel de incentivador, o esporte bretão praticado parece se consolidar no cenário esportivo de Belo Horizonte. Mesmo após o falecimento do seu principal incentivador, Victor Serpa, vitimado por uma gripe após uma viagem ao Rio de Janeiro em 1905, o futebol parecia está enraizado no cenário esportivo da capital mineira. Neste mesmo ano, demonstrando a vitalidade presenciada pela modalidade, os jornais *A Ephoca* e o *Minas Gerais* noticiam o surgimento de diversos clubes, como *Brasil Foot-ball Club*, com seus dois times – *Russo* e *Japonez*

–, *Juvenil Foot-ball Club*, *José de Alencar Foot-ball Club*, *Esperança Foot-ball Club* e *Estrada Foot-ball Club* (RODRIGUES, p. 163).

Apesar deste aparente entusiasmo, os anos seguintes foram de ostracismo para as notícias acerca do esporte bretão praticado em Belo Horizonte. Já na segunda metade de 1905 são escassas as notas sobre o futebol. Em setembro, o periódico *A Ephoca* divulga em suas páginas um fato bastante interessante e que evidencia a queda repentina de popularidade da modalidade perante a imprensa local. Neste, o jornal fala sobre a redução das mensalidades *no Viserpa Sport Clube*, agremiação oriunda da união entre o *Viserpa* e o *Sport*, e da gratuidade na jóia cobrada no ingresso dos futuros pretendentes que já pertenciam ao quadro social de outros clubes. O cronista responsável termina a nota esperando que, com esta atitude, “o foot-ball tome um vigoroso impulso” (Ibidem, p. 164). Esta passagem é um claro indicativo de que o interesse pelo futebol não era o mesmo presente nos anos iniciais. Deve-se também levar em conta o corpo de funcionários que fazia parte da comissão redatora do *A Ephoca*. Um dos membros constituintes e bastante ativo deste diário, que apoiava a publicação de notícias oriundas do *foot-ball*, era Júlio Lemos, o *Capitain* do *Viserpa*, um dos incentivadores da modalidade. (A EPOCHA, 1 out. 1905, p. 1, Apud RODRIGUES, p. 164)

Os anos de 1906 e 1907 evidenciam o ostracismo presenciado pelo futebol em Belo Horizonte. São poucas as notícias acerca desta modalidade. Elas praticamente sucumbiram ao mesmo tempo em que o turfe começava ganhar notoriedade na capital mineira, principalmente após a construção do Prado Mineiro. O *Jornal de Minas*, ainda em 20 de agosto de 1905, havia publicado em suas “*Notas Exparsas*” o crescente desinteresse apresentado pelos praticantes do futebol em Belo Horizonte:

Neste principio de século, do morto romancismo, da agonisante poesia e das crenças mortas, do foot-ball e do cartão postal, de uma guerra e da rapidez, da evolução propositalmente provocada e do progresso material – o tédio impera. (SILVÃES, 1905, p. 2, Apud RODRIGUES, p. 165)

Porém, a ausência de notícias acerca do esporte bretão não significava total desinteresse da população da cidade mineira em torno desta modalidade. A necessidade de ocupação de espaços para a prática do futebol ainda perduravam. Segundo Rodrigues (2008, p. 166), no dia 12 de junho de 1906, através do

requerimento n. 1210, assinado por Nelson Coelho de Senna, Jefferson Darphe Mourão e José Gonçalves, presidente, 1º secretário e tesoureiro do *Sport Club*, respectivamente, foi feito um pedido ao prefeito sobre uma concessão.

(...) definitiva, a título gratuito, dos terrenos ocupados pelo seu campo, no quarteirão 14, da 3a. seccção urbana, que dava para a Avenida Paraopeba, abaixo da Imprensa Official, no qual a sociedade tinha despendido não pequena quantia desaterano-o (sic), nivelando-o e gramando-o, cercando-o de arame.

O pedido não foi aceito pelo prefeito. Uma decisão que demonstra a fase de declínio presenciado pelo futebol em Belo Horizonte.

Como uma modalidade, que se mostrava promissora e que estava em ascensão em outras cidades do Brasil, poderia ter chegado a este estágio de penúria? Esta situação foi alcançada devido à coligação de alguns fatores que, atuando em conjunto, contribuiu para o ostracismo momentâneo do futebol em Belo Horizonte. Inicialmente, vale destacar a atuação (ou não) da Liga. Formada as pressas, logo no ano da introdução do futebol na capital mineira, esta entidade pouco contribuiu para a consolidação do esporte na cidade. A sua atuação se limitou a organização do primeiro campeonato. No ano seguinte, são ínfimas as notas referentes a esta entidade, a não ser na organização de um jogo envolvendo um selecionado de Belo Horizonte contra os representantes da cidade de Barbacena (RIBEIRO, 2007, p. 56). Adverso a atuação da Liga do Rio de Janeiro, que além de organizar campeonatos, procuravam fortalecer e desenvolver o futebol em seus domínios, a entidade mineira teve um papel tímido no processo de consolidação da modalidade na capital de Minas Gerais.

Outro fator responsável pela repentina queda do futebol em Belo Horizonte está ligado ao seu progenitor. O falecimento do jovem estudante de direito Victor Serpa foi substancial para amenizar os ânimos em torno desse esporte. Carioca de nascimento, Serpa era assaz aficionado pela modalidade e, apesar da sua curta trajetória nos relvados mineiros, foi bastante reconhecido durante a sua fase de implementação deste esporte. Segundo Ribeiro (2007), este personagem foi o maior conhecedor de códigos envolvidos na prática deste gênero de esporte. A ligação era tão próxima que o confundiam com a própria modalidade, chegando alguns jornais da época a relatar “o *foot-ball do Victor Serpa*” ou que ele “*parece resumir o medonho foot-ball*”. O falecimento deste ilustre personagem, no início de 1905,

apesar do surgimento de algumas agremiações, fez com que a atmosfera envolvida pela prática do futebol perdesse um pouco da sua pujança.

Aliado a esse infortúnio, a atuação dos clubes, ou a falta dela, contribuiu também de forma incisiva para a queda do esporte. A falta de coalizão e as constantes discussões entre as agremiações provocaram um clima de revanchismo e desunião entre as partes. Os seguidos conflitos, tanto internos, dentro dos próprios clubes, quanto externos, provocados por desavenças entre eles, culminaram para desestruturar o recém formado futebol em Belo Horizonte, contribuindo para a quase inexistência de jogos, provocando desinteresse por parte da imprensa local. O resultado destes constantes conflitos foi a extinção completa das agremiações pioneiras, todas ocorridas até o ano de 1907 (RIBEIRO, 2007, p. 60).

Além do falecimento de Victor Serpa e a desunião entre os clubes futebolísticos, outro fator contribuiu de forma preponderante para a desarticulação do esporte bretão na cidade mineira foi a construção do Prado Mineiro. Inaugurado em 1906, este espaço criou uma nova perspectiva com relação ao desenvolvimento das práticas corporais em Belo Horizonte. A organização de tal empreendimento teve amplo apoio privado, com obtenção de ações, adquiridas inclusive por praticantes do futebol, “além da participação do setor público, que fora a doação do terreno, providenciou melhorias no local, dentre eles o serviço de bonde” (RIBEIRO, 2007, p. 59). A concorrência entre o futebol e o turfe, observado na primeira década do século XX, foi desleal, pois o Prado, desde os seus primórdios, contava com um espaço próprio e apropriado para a realização dos páreos, inclusive com arquibancadas instaladas e com um sistema de transporte que facilitava a ida do público a este local (RODRIGUES, p. 178). Esses aspectos contribuíram para o imediato sucesso da atividade turfística na capital mineira, que passou ocupar amplo espaço nas seções esportivas dos jornais belo-horizontinos.

A curta trajetória do futebol na capital de Minas Gerais não foi um acontecimento inédito na incipiente história da assimilação de práticas corporais. Antes desta modalidade, os habitantes locais estavam eufóricos com a velocipédia, outra modalidade bastante praticada na virada do século. Em seus momentos iniciais, nos primórdios dos novecentos, houve uma enorme comoção em torno desta “novidade”. Os páreos eram praticados de forma organizada, com notas informes nos jornais e espaços apropriados para a prática dos mesmos. Porém, assim como o futebol, passados quase dois anos, a velocipédia desapareceu das

páginas dos noticiários, sucumbindo em favor ao aparecimento do esporte bretão. Não podemos afirmar com exatidão, com base nas fontes a disposição, se realmente uma modalidade esportiva substituiu a outra em relação à preferência dos belo-horizontinos. No Rio de Janeiro, matriz acompanhada pela população da cidade mineira, houve continuação de diversas práticas esportivas, aonde, mesmo após a ascensão do futebol, as regatas continuaram a serem disputadas. A partir dos periódicos locais, notamos que as modalidades desenvolvidas na capital mineira presenciam momentos bastante efêmeros, saindo da obscuridade, tornando-se bastante visado e, após um curto espaço de tempo, retornam ao ostracismo.

Apesar disso, a parca experiência futebolística presenciada em Belo Horizonte não foi totalmente descartada. Alguns expedientes utilizados nesta curta fase contribuíram de forma contundente para o ressurgimento do futebol na cidade. Fatores como a experiência institucional adquirida na formação e organização de entidades esportivas, como a liga e os clubes, a constituição de espaços próprios para a prática da modalidade aliado a construção de um perfil voltado para a prática da modalidade foram elementos essenciais para que o futebol praticado na capital mineira tivesse uma segunda chance perante aos “*sportmens*” locais.

A paralisação em torno do esporte bretão não se abastaria da imprensa por um longo espaço de tempo. Após um breve período, a modalidade retornou as seções dos jornais da capital mineira. Em 1908, os periódicos locais traziam em suas páginas diversas notas acerca do sucesso do futebol praticado em outros relvados, como no exterior, nas capitais brasileiras e até notícias sobre a sua ocorrência no interior do estado. As informações chegavam quase de forma instantânea para os leitores, oriundas principalmente da seção “*telegrammas*”, presentes nos jornais da época e responsável por notícias derivadas de outros cantos (RODRIGUES, p. 182). O sucesso do esporte por essas diversas localidades, contando com aos seus respectivos times e ligas, influenciou substancialmente o ressurgimento do futebol em Belo Horizonte.

Tal profusão de notícias permitia aos adeptos do futebol em Belo Horizonte construir uma visão global do cenário esportivo, facilitando o planejamento de estratégias de organização e a constituição de percepções e discursos sobre a atividade atlética embasados em experiências que se desenrolam em outros centros. (RIBEIRO, 2008, p. 6)

Além dessas informações acerca do andamento da modalidade em outras localidades, a publicação de manuais também teve papel fundamental no retorno do futebol aos relvados da capital mineira. Esse material, presente desde o início do século XX, foi importante no estabelecimento e na popularização desta prática em diversas praças esportivas, entre elas Belo Horizonte. Neste tipo de literatura eram fornecidos diversos tipos de elementos acerca do esporte bretão. Essenciais, principalmente para os iniciantes na prática, estes manuais se encarregavam de apresentar as regras do jogo, indicando a forma correta de praticá-lo, assim como trazia informações adicionais acerca da história e o desenvolvimento não somente do futebol, mas também de outras modalidades.

A grande gama de informações envolvendo o esporte bretão, oriundas tanto das frequentes notícias acerca do seu desenvolvimento em outras localidades quanto das publicações de manuais, foi responsável por criar uma atmosfera positiva em relação ao retorno da modalidade. Um dos resultados diretos deste novo momento vivenciado pelo futebol foi o ressurgimento de agremiações voltadas para a sua prática. Em 1908, depois de quase dois anos de penúria das páginas esportivas, são noticiados a fundação de duas agremiações que alavancaria o cenário futebolístico em Belo Horizonte. O primeiro dessa nova leva se denominaria *Sport Club*. Este novo time seria responsável por promover também outras modalidades esportivas consideradas modernas para a época, tais como o ciclismo, patinação, *tennis*, tiro ao alvo, corrida a pé, esgrima, luta romana e além do *foot-ball* (RODRIGUES, p. 168). Ambas as atividades funcionariam em espaço próprio, em um *rink* destinado a prática destes exercícios. Desta forma, esta nova agremiação, além de introduzir modalidades ainda ausentes na cidade, buscava, através de uma boa infraestrutura, constituir um grupo de sócios numeroso e bastante diversificado.

Um grupo de moços da nossa melhor sociedade está organizando um club de Sport, onde irão tratar de todas as diversões desse gênero, para o desenvolvimento da rapaziada. É uma excelente idéa, que partiu desse grupo, que nos consta, compõe dos srs. drs. Augusto Veloso, Cicero Lopes, Abel Drummond e mais o Sr. José Olynto Ferraz e alguns outros. Aplaudimos francamente tal idéa, e desejamos que seja ella em breve posta em execução. (SPORT Club, *A Gazeta*, 1º abr. 1908, p. 3, Apud RODRIGUES, p. 169)

As atividades deste novo clube passaram a ser noticiada pelos jornais da época, principalmente o *Minas Gerais*. O apoio da imprensa também foi essencial

para esta nova fase do futebol em Belo Horizonte. Além de publicar a realização de partidas, os jornais buscavam noticiar amplamente atividades organizadas pela agremiação, com intuito de auxiliar as equipes a arrecadas recursos suficientes para a manutenção. Apesar de ter em seu quadro membros da elite local, o *Sport* buscava, através da realização de algumas atividades, acumular fundos que seriam destinados ao funcionamento das suas atividades.

O 'Sport Club Mineiro' ahi está forte e encorajado.

E como não ser assim, diante da franca *sympatia* com que foi recebido? Para proval-o, vimos o brilhantismo da primeira festa organizada em seu benefício.

O Chileno regorgitava de famílias e cavalheiros distinctissimos, manifestando com esta gentileza a sua boa vontade para com a nova associação.

Que assim continue, num 'crescendo' animador, e que o *Sport Club*, numa franca prosperidade, possa em pouco tempo compensar o esforço e a animação dos seus fundadores. (DIARIO DE NOTICIAS, Reflexos, 11 abr. 1908, p. 2 Apud RODRIGUES, 169)

Além desse apoio a manutenção do *Sport*, a imprensa local modificou a sua forma de reportar as partidas de futebol. No período anterior, iniciado em 1904, os periódicos se preocupavam apenas em publicar a ocorrência de partidas. Nestas, não estavam incluídas análises dos jogos. Buscavam apenas retratar os resultados e o local onde foram realizadas as partidas. Em 1909, esta relação simplista acerca das notas envolvendo o futebol sofreu uma significativa transformação. A partir deste momento, mais precisamente 3 de junho, foi publicado no *Minas Gerais* a realização de um jogo do *Sport*. Apesar da ausência do outro time, aonde houve apenas uma atividade envolvendo ataque contra a defesa, este veículo de informação não preocupou em apenas divulgar o resultado deste *match*, que desenrolou com a participação apenas desta agremiação, mas buscou incluir em suas páginas análises mais concisas sobre o desempenho dos jogadores em campo.

As 4 e meia horas da tarde foi dado o 'Kick-off' pelos 'forwards' do team 'Branco', os quaes logo conseguiram, em rápidos e bem combinados passes, levar a bola á linha de 'backs', travando-se ahi, durante grande parte do 'half-time', empenhada luta, da qual sahiram vencedorres os 'littles browns' Agenor e Octavio, chotando' para o meio campo.

Depois de alguns 'rushes' dos 'forwards' azues, nos quais se destacaram Nhonhô – Villela e Chico Walter, o 'center' Lelé conseguiu, 'driblando' passar a bola a Carlos que, de uma escapada

, vasa o 'goal' burlando o 'quiet' 'goal-keeper' Dermeval. Seguiu-se um jogo muito disputado, em que, de ambas as partes, as peripecias se sucediam, ate que enfim, Chico Walter recebendo a bola de Mario, também conseguiu fazer um ponto, apesar da boa defesa dos 'backs' Itabirano e J. Ferreira.

O resto da partida foi de pouca importancia, não conseguindo nenhum 'team' fazer mais pontos. Ficou assim empatado o 'match'. (Descrição do jogo realizado no dia 3 de junho e publicada no *Minas Gerais*, citada por João Anatólio Lima, na *Folha de Minas*, [s.d.]. O artigo faz parte do acervo do Abílio Barreto – ABPi 7/061 Apud RODRIGUES, p. 169)

Mesmo adotando o inglês em detrimento ao português em relação ao alguns termos empregado ao futebol, os cronistas do final da primeira década do século XX demonstravam algum conhecimento sobre o desenrolar das partidas. Este momento fica claro na nota redigida acima, onde o jornalista responsável, além de tentar descrever as jogadas ensaiadas, procurou definir os jogadores destaques deste treino.

Os cronistas mineiros daquele período já haviam também assimilado a simbologia das posições do jogo. Na construção gráfica das notas, demonstravam, através de um remanejamento dos jogadores, a sua disposição em campo, distribuídos conforme a formação tática adotada pelo time que jogaria.

Foot-Ball

América infantil 'versus' Santa Cruz.

Realizou-se hontem, a 1 hora da tarde , no *field* do 'Athletico Mineiro' gentilmente cedido ao América pela sua diretoria, um *match* amistoso entre os clubs acima, sahindo vencedor o 1o por 2X0 – o *team* do América estava assim organizado:

Oscar

Luiz – Moura

Robinson – Fiora – Guarany

Dute, Dario, Fauto(sic), Oliveira, Carvalho

Marcaram os *goals* do 'America' Fausto, de um formidável *keck*(sic) da área de *hach* e Oliveira de uma bella extremada Todos do *team* jogaram bem, principalmente Fausto e Carvalho. (ESTADO DE MINAS, 1º jul. 1913, p. 3 Apud RIBEIRO, p. 176)

Outro time surgido neste mesmo período foi o *Athlético Mineiro*. Tendo o seu nome modificado para *Club Athlético Mineiro* em 1913, esta agremiação, assim como o Sport, foi assaz importante para o estabelecimento e o fortalecimento do futebol em Belo Horizonte. A história do *Athlético* está vinculada as peladas jogadas pelos meninos com bolas de meias e praticados campos poeirentos da capital, antes

ainda de 1908. Ao que parece, o futebol, apesar da sua ausência dos grandes jornais, continuava sendo praticado em espaços alternativos, sendo executado sem utilizar as regras oficiais.

O campo improvisado de chão duro, poeirento e enorme, se confundia com a Avenida Afonso Pena, recebendo os primeiros impulsos do progresso. Era um campo de peladas, era em última análise o berço onde nasceria para gáudio da gente mineira, para a grandeza do desporto nacional, um dos maiores clubes do Brasil. O primeiro campo de pelada situava entre a rua da Bahia e a Avenida Álvares Cabral. (ZILLER, 1997, p. 33, Apud RODRIGUES, p. 170)

O número de praticantes destas partidas aumentava com o passar do tempo. Em uma das reuniões, realizada de forma improvisada no Parque Municipal, no dia 22 de março de 1908, foi decidido a criação de um clube, que se chamaria *Athlético Mineiro*. Esses meninos que fundaram a agremiação pertenciam, em sua maioria, a famílias tradicionais da cidade. Eram filhos de médicos, advogados e altos funcionários públicos, que recebiam incentivos dos pais para a prática da atividade esportiva. Inicialmente, de forma improvisada, a sede ficou localizada na casa de um dos componentes e usaram como campo um terreno irregular em suas dimensões, localizado na Rua Guajajaras, entre as Ruas São Paulo e Curitiba (COUTO, 2003, Apud RODRIGUES, p. 170).

Outro ponto relevante em relação ao surgimento destas agremiações representantes da segunda fase é a sua pouca afinidade com a primeira fase. Apesar dos nomes serem parecidos, os clubes *Sport* e *Athlético Mineiro* não tem qualquer relação com as agremiações surgidas ao longo do ano de 1904 e 1905 e que compunham a primeira liga do gênero esportivo em Belo Horizonte. Sendo assim, a grande maioria dos componentes que compunham o quadro social destes clubes são personagens novos no cenário futebolístico da cidade mineira.

Essa segunda fase do futebol praticado em Belo Horizonte não repercutiu apenas na formação de novos times e na modificação do tratamento da imprensa em relação a esta modalidade. O processo de popularização do esporte necessitava apropriar de outros espaços para abrigar o crescente número de praticantes que surgiam na cidade. Os novos locais vão além do Parque Municipal, utilizado de forma improvisada pelas agremiações em 1904. A partir de 1908 o futebol passou a ser praticado em outros espaços, utilizando principalmente as novas dependências

do Prado Mineiro. Essa arena, destinada originalmente ao turfe, procurava atrair um maior número de espectadores e, para atingir tal objetivo, abrigava competições das mais variadas modalidades esportivas, entre elas o futebol. “O *match* de *foot-ball*, realizado, hontem no Prado Mineiro, entre o ‘Sport Clube’ o ‘V. N. Athletic Club’, esteve bem animado, havendo mesmo fervorosa disputa entre os jogadores” (Diário de Minas, 13 de setembro de 1909, p. 2 Apud RIBEIRO, p. 170). Com base nas fontes disponíveis, não foi possível determinar a assistência destas partidas realizadas neste local, mas a estrutura do mesmo, organizados em arquibancadas, com o público acomodado de forma confortável para os padrões da época, pode ter contribuído para o processo de popularização apresentado durante a segunda fase.

Com o passar do tempo o futebol foi conquistando outros espaços que seriam destinados exclusivamente a prática do futebol. O campo da antiga Avenida Paraopebas (atual Augusto de Lima) tornou-se, em 1910, um dos lugares de encontros dos jogadores da cidade mineira. Inicialmente pertencente ao time *Minas Gerais*, este local foi, em 1911, cedido ao *América Mineiro* durante o processo de fusão que reuniu as duas agremiações. Além disso, existia também o campo do *Gymnasio Mineiro*, localizado na Afonso Pena, onde atualmente funciona o Corpo de Bombeiros (RODRIGUES, p. 82). Evidente que, apesar de não ser digno de nota da imprensa da época, o futebol também era praticado em locais inapropriados, como diversos terrenos e ruas da cidade (Ibidem). Aos poucos estes espaços se configuraram como o ponto de encontro do esporte bretão em Belo Horizonte.

Vimos linhas acima a formação e organização do futebol em Belo Horizonte. Apesar de ser construída com a finalidade de se tornar a capital de Minas Gerais, a prática esportiva demorou a se constituir naquela sociedade. O futebol praticado se formou com base na iniciativa de alguns representantes da elite local. Embora se espelhem no desenvolvimento do esporte bretão em outras localidades, principalmente no Rio de Janeiro, o futebol belo-horizontino assumiu alguns traços característicos. Diferente de outros locais, a modalidade não contou com a participação de estrangeiros durante o período de sua formatação. Além disso, a organização das agremiações só ocorreu em 1904, anos mais tarde em relação à capital carioca. Também houve a organização de um liga e conseqüentemente de um campeonato ainda em 1904, momento anterior da organização de uma entidade futebolística no Rio de Janeiro. Mas, apesar deste pioneirismo, a onda em torno desta prática esportiva foi bastante curta, tendo desaparecido da imprensa dois anos

depois, em 1906. Somente em 1908 que a prática voltaria a se constituir nos relvados da cidade mineira e nas páginas dos periódicos locais.

Diferente de outras capitais onde o futebol se desenvolveu, Belo Horizonte não se configurou como exemplo para o desenvolvimento da modalidade em outras regiões do estado, como veremos a seguir com relação ao esporte bretão praticado em Juiz de Fora.

Assim como ocorreu no Rio de Janeiro, a imprensa da capital mineira teve papel destacado na configuração do futebol na cidade. A atuação dos periódicos ocorreu em diversas frentes. Inicialmente, os jornais eram o principal veículo de informação acerca do desenvolvimento de exercícios corporais que estavam se popularizando em diversos pontos do Brasil. Essa transposição de notícias foi um dos elementos responsáveis por gerar na cidade uma atmosfera positiva em torno das práticas corporais, ponto característico da modernidade que vigorava na transição do século XIX para o XX. A imprensa também teve papel destacado na divulgação das partidas. Além de cumprir o seu sentido utilitarista, a de manter bem informado o seu leitor, essas notas contribuíam também para atrair um maior público para os primeiros encontros de futebol, onde, posteriormente, poderiam se transformar em futuros praticantes. Este expediente foi muito utilizado pela turma do Victor Serpa, onde através de anúncios pagos, buscavam o fortalecimento do esporte, obtido com o aumento de *sportmens* interessados pela modalidade.

Observamos também a evolução das notas acerca do esporte bretão nos periódicos belo-horizontinos. Assim como ocorreu com jornais de outras capitais brasileiras, a imprensa da cidade mineira presenciou uma rápida evolução com relação às notas divulgadas sobre o futebol. As primeiras chamadas buscavam apenas relatos simples, onde imperava um caráter informativo acerca do desenrolar das primeiras partidas, com destaque para o local, horário, resultados e perfil da assistência. Na segunda fase, após 1908, os jornais locais demonstraram um maior conhecimento acerca do esporte. Apesar de continuar a empregar termos estrangeiros, os cronistas buscavam, em suas notas, destacar a escalação dos times, distribuídos conforme a formação tática adotada e, após a realização dos jogos, desenvolviam comentários acerca do desenvolvimento deste. Apesar de embrionário, este momento foi crucial para o processo de maturação das notícias não somente do futebol, mas sobre diversas modalidades esportivas. Posteriormente, com o incremento do mercado editorial, este momento

desencadeou o surgimento de jornais e revistas especializadas em notícias sobre as mais variadas práticas corporais.

Até este momento observamos a importância da participação dos periódicos no processo de formulação e fortalecimento do esporte bretão nos relvados do Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Destacamos como os três personagens envolvidos, futebol, imprensa e o leitor se organizaram e contribuíram para a introdução e popularização desta modalidade nestes dois centros. A seguir analisaremos o futebol em Juiz de Fora, procurando caracterizar a atuação da imprensa em torno desta prática. Verificaremos se esse processo ocorreu de forma análoga ao desencadeado em relação às capitais até aqui trabalhadas.

## CAPÍTULO 4

### O FUTEBOL JUIZFORANO APRESENTADO ATRAVÉS DOS PERIÓDICOS (1904 - 1914)

*"Imagine pessoas que estejam se divertindo num campo jogando com uma bola.  
Jogando a bola sem direção no ar, indo atrás umas das outras com a bola.  
O tempo todo estão jogando e seguindo regras infinitas.  
Também não há ocasiões em que jogamos e fazemos  
as regras à medida que seguimos em frente?"  
(Ludwig Wittgenstein)*

Este derradeiro capítulo estará voltando para as análises acerca do desenvolvimento do futebol em Juiz de Fora. Até então, a pesquisa esteve focada na experiência da imprensa esportiva que compunha o cenário jornalístico do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, importantes centros urbanos presentes no início do século XX. Até o presente momento, procuramos relatar o progresso e o amadurecimento do futebol como objeto de matéria jornalística, partindo das tímidas referências até o surgimento de páginas dedicadas a esta prática esportiva.

Tendo como pano de fundo o futebol praticado em Juiz de Fora, abastaremos nossas atenções sobre a relação desempenhada entre essa modalidade e a imprensa local. Nesta parte da pesquisa utilizaremos notícias publicadas no *Jornal do Commercio*.

O jornal do Comércio tinha caráter diário. Foi também um jornal de larga influência e passou pelas mãos de políticos importantes, como Antônio Carlos de Andrada, que liderou a política mineira por muitos anos, João Penido Filho e Francisco Valadares, que tiveram assembléia na câmara federal. Valadares foi o seu último proprietário atuante. Além de Heitor Guimarães teve como redatores chefes, ao longo da sua existência, José Rangel, Augusto Franco, José Maria dos Santos, Albino Esteves, José Paixão, Silva Tavares, Raul Penidos, Francisco Valadares, Francisco Lins e Mário Magalhães, homens, todos eles, de apreciável valor cultural e literário, que mantiveram o "Jornal do Comércio" em nível dignificante e influente. O jornal cessou sua circulação em 1939, quando pertencia, como "O Pharol", à viúva de Francisco Valadares e tinha como redator chefe Jarbas de Lery Santos. (OLIVEIRA, Almir, 1981)

Além do *Commercio*, buscaremos também algumas inserções provenientes de notas extraídas do *Pharol*, outro importante diário presente na cidade no início do século XX. Utilizaremos este último veículo como uma forma de incrementar e abalzar alguns pontos que serão esmiuçados no decorrer desta parte do trabalho.

Não é nosso objetivo constituir um trabalho histórico acerca do desenvolvimento da prática futebolística em Juiz de Fora. Tarefa bastante árdua devido principalmente a escassez de fontes. A nossa intenção neste momento da pesquisa é analisar as notícias decorrentes sobre modalidade e publicadas essencialmente no *Jornal do Commercio*. As observações estarão voltadas para o estudo da cobertura jornalística realizada pelo diário em relação à prática do esporte bretão, buscando, quando necessário, interagir com notas provenientes de outros periódicos locais, como o *Pharol*.

Depois de concluído a coleta de dados, efetuada em arquivos da cidade, foi realizado uma análise minuciosa as notas publicadas pelo jornal em relação ao futebol praticado em Juiz de Fora. Procuramos dividir as nossas observações em dois eixos temáticos: o primeiro trabalha com aspectos visuais característicos do *Commercio*, como a seção responsável por notícias oriundas das práticas corporais, a sua localização, tamanho ocupado, frequência destas notas. Outra parte será responsável pelo desenvolvimento de análises abalizadas sobre as notícias provenientes do jornal, onde trabalharemos com o surgimento das agremiações, aspectos relacionados ao apoio da torcida, a participação das instituições educacionais, a adoção desta prática pela elite local, a relação com imprensa e o surgimento de competições e entidades representativas. Em última instância, estes aspectos abordados contribuem para elucidar e destacar alguns pontos consideráveis acerca do desenvolvimento e enraizamento da modalidade nos relevados locais.

As observações desenroladas não se basearam somente nas notas publicadas pelos periódicos locais. Procuraremos também realizar um trabalho comparativo, tomando como base as análises desenvolvidas no capítulo anterior, onde relatamos a formatação da relação entre o futebol e a imprensa carioca e belo-horizontina. Neste ponto, buscaremos destacar aspectos distintos e semelhantes acerca das menções publicadas tanto pelos jornais das capitais quanto no *Jornal do Commercio*.

O recorte temporal deste capítulo abordará um estágio importante na configuração não somente do futebol, mas para afirmação das práticas corporais em diversos centros urbanos brasileiros. Estabelecemos dois momentos importantes que norteará as nossas análises acerca do esporte bretão juizforano presente no *Jornal do Commercio*. O período analisado tem início em 1904, onde foram identificadas neste periódico, assim como em Belo Horizonte, as primeiras notas acerca da modalidade. Os estudos se prolongaram até 1914, momento no qual foi inaugurada a primeira liga e conseqüentemente disputado o primeiro campeonato da modalidade. Durante este intervalo de dez anos, foi possível perceber a evolução tanto do futebol praticado quanto do aprimoramento do jornal em relação publicação das notícias que norteavam o futebol local.

#### 4.1 A imprensa e o estudo histórico das práticas corporais.

Como vimos anteriormente, as práticas corporais têm impulsionado seu desenvolvimento no Brasil a partir das últimas décadas do século XIX. Identificado como um dos símbolos modernos, o esporte passou a fazer parte do cotidiano das cidades e chamou a atenção da imprensa.

Os jornais começaram a destinar espaços para publicações do gênero esportivo: crônicas, anúncios de competições e propagandas de produtos através do esporte. Residem aqui

As primeiras iniciativas de utilização do esporte como forma de propaganda e as relações que se estabeleceram entre imprensa e publicidade esportiva, já que os jornais e as revistas eram, senão exclusivamente, com certeza o melhor espaço para veiculação de divulgação dos produtos e das iniciativas. (MELO, 1999, p.99)

A imprensa brasileira favoreceu o desenvolvimento das modalidades esportivas e de outras práticas corporais, ao mesmo tempo em que os jornais e revistas, especialmente com relação ao esporte, ajudaram a multiplicar vendas e a atrair anunciantes e produtos.



Anúncio de venda de artigos esportivos  
 Fonte: *O Pharol*, 1902, p.4

É relevante pensar que os discursos dos jornais e revistas impõem determinadas visões, buscam certos objetivos, dão visibilidade a certas práticas e valores, bem como obscurecem outros. Trata-se de discursos ideológicos que visam formar, moldar, educar<sup>5</sup>. Segundo Maria Helena Bastos (2002, p.152):

A imprensa cria um espaço público através do seu discurso – social e simbólico - agindo como mediador cultural e ideológico privilegiando entre o público e o privado, fixa sentidos, organiza relações e disciplina conflitos. Como um discurso carregado de intenções, constitui verdades, ao incorporar e promover práticas que legitimam e privilegiam alguns conhecimentos em detrimento de outros, produz e divulga saberes que homogeneizam, modelam e disciplinam seu público-leitor.

Portanto, a presença cada vez mais intensa das práticas corporais nos jornais, inclusive no *Jornal do Commercio*, deve também ser analisada como um meio eficaz de sua valorização junto aos leitores. De acordo com Rodrigues (2006):

Nos seus espaços de sociabilidade urbana, destaca-se o papel da imprensa que, ao divulgar representações sobre o esporte e sobre as pessoas que nele atuavam perspectiva uma verdadeira educação do corpo para a sua prática (p.296).

## 4.2 Aspectos gerais das notas publicadas sobre o futebol

<sup>5</sup> Cumpre destacar que não consideramos a imprensa e o jornal como veículos produtores de hegemonia, sem considerar as apropriações e as resistências dos indivíduos que os acessam. Este processo de comunicação efetiva-se a partir de tensões e conflitos.

Inicialmente, antes de iniciarmos as nossas análises incisivas sobre as notas jornalísticas voltadas ao futebol, ressaltaremos o contexto histórico presenciado na cidade nos primórdios do século XX. Como trabalhamos no segundo capítulo, esse período foi marcado pela valorização da atividade física. Juiz de Fora não ficou alheio a este movimento. Os jornais locais, assim como os presentes em Belo Horizonte, captaram bem este momento. Antes de 1904, estes veículos de comunicação, mergulhados na Era da Modernidade, buscavam abastecer a população local com notícias referentes a práticas corporais desencadeadas em outros centros. A imprensa, de forma geral, procurava atender aos anseios de seus leitores, que, naquele momento, se encontravam ávidos pela prática de exercícios físicos.

Num grande *match* de 2.500 francos, havido no National-Sporting-Club, de Londres, entre os jogadores de sôcco, Roberts e Smith, este apanhou um murro tão valente do seu adversário, que...foi-se *ad patris*. Os ingleses que apreciam imenso este *Sport* de ventas esmurradas a ponto de levar o diabo um dos lutadores, acham tudo *very good*, mas não admitem corridas de touros, considerando-as diversão barbara. *Very well*, e os selvagens... somos nós! (O PHAROL, 02/07/1901)

Assim como ocorreu na capital mineira, o cenário esportivo em Juiz de Fora presenciou a inserção e valorização de diversas modalidades. Durante o *fin di siècle*, houve uma profusão de atividades corporais. Corridas a pé, turfe e velocipédia são alguns exemplos de práticas esportivas que compunham o quadro esportivo local na virada de século. Esses exercícios são frutos do contexto histórico presenciado na cidade, dominado pelo espírito moderno, onde buscava, através destas práticas corporais, um corpo saudável e condizente com os padrões de estética e beleza vigorantes naquele momento. Algumas destas atividades receberam destaque maior por parte da imprensa local, tornando-se febre entre os *sportsmens* locais. (SOARES, 2010)

Durante a pesquisa realizada no *Jornal do Commercio* presenciamos, no período anterior às primeiras notas sobre o futebol, o predomínio de duas modalidades esportivas: inicialmente as páginas do diário estavam voltadas para o turfe, onde durante o período transitório do século XIX para o XX, foi observado a

publicação de inúmeras notas, presentes tanto na seção responsável pela comunicação de eventos quanto nas seções pagas.

A segunda modalidade presenciada foi a velocipédia. Mais presente do que a prática turfística, as corridas de bicicleta ocupavam quase que diariamente as páginas do periódico. Desde a introdução na cidade, com a inauguração do Velódromo Mineiro em 1897, esta modalidade predominou nas páginas do diário por aproximadamente três anos. O sucesso da velocipedia na esfera esportiva esteve presente nas inúmeras notas e anúncios publicados nas páginas do *Jornal do Commercio*. Na coluna “*Onde se Diverte*” eram quase diárias as chamadas para as corridas. No dia seguinte, após a execução dos páreos, eram impressas informações completas sobre o andamento das mesmas, como comentários, nomes e tempos dos vencedores das corridas disputadas e volumes de apostas. Concomitante a este estrondoso sucesso, desenvolveu um mercado de anúncios favoráveis ao jornal e que estavam intimamente ligados a corridas de bicicletas. Eram constantes, nas seções de anúncios pagos do diário, a comercialização, por parte de lojas especializadas, de diversos modelos de bicicletas, ambas majoritariamente importadas. Também eram presentes os anúncios referentes às oficinas de manutenção e além da formação de grupos de consórcios voltados exclusivamente para a venda deste equipamento esportivo.

Porém, antes de 1904, data da primeira notícia apresentada pelo jornal sobre o futebol na cidade, as notas em relação à velocipedia se tornaram escassas. Os páreos, quando ocorriam, eram esparsos e pouco noticiados. Mas, mesmo com o declínio da atividade, este momento foi essencial para a esfera esportiva em geral, pois a velocipedia auxiliou no processo de despertar dos juizforanos em relação a valorização das práticas corporais, tornando-se aptos e suscetíveis a introdução de outras atividades físicas, sejam elas voltadas para a ludicidade ou para obtenção de um corpo saudável.

#### 4.3 Características das notas sobre o futebol publicadas no *Jornal do Commercio*

Durante o período analisado identificamos alguns elementos padrões apresentados pelas notas sobre o futebol publicadas pelo *Jornal do Commercio*. São

aspectos relacionados às características visuais que se apresentaram frequentes durante quase todas as edições analisadas, tais como a seção ocupada e responsável pelas notícias, a periodicidade em que são anunciadas e o espaço ocupado nas páginas deste importante diário. São elementos que apresentaram certa constância durante os dez anos analisados, tornando-se praticamente um modelo de publicação das menções oriundas do futebol.

Esta uniformidade foi presenciada em relação à coluna ocupada pelas notícias sobre o esporte bretão. Em quase todas as notas identificadas, e que relacionavam com a modalidade, foram encontradas na seção “*Onde se Diverte*”. Esta, presente desde a formatação do diário, era responsável por informar ao seu leitor acerca das mais diversas atividades ocorridas na cidade, voltada principalmente para a divulgação da programação cultural, social e esportiva da cidade. A partição, quase esteve sempre presente na segunda página do periódico, foi o principal meio de comunicação sobre as notas desenroladas acerca do futebol praticado em Juiz de Fora. A coluna *Sport*, voltada exclusivamente para as notícias provenientes das práticas corporais, diferente do que ocorreu na imprensa do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, esteve ausente das páginas do *Commercio* durante o período analisado. A publicação desta coluna no periódico local foi presenciada somente durante os anos de efervescência da velocipedia, ocorrido nos primórdios do século XIX. Esta seção denominada *Sport*, responsável somente por notícias desenvolvidas em torno das práticas corporais, só retornaria as páginas do diário por volta de 1915, após o primeiro torneio futebolístico disputado na cidade.

Com relação à publicação das notas, percebemos uma freqüência temporal interessante. As notícias desencadeadas sobre o futebol eram recorrentes, em seus anos de intensa atividade, somente em alguns meses do ano. Durante o período de dezembro e se estendendo até março do ano seguinte eram quase ausentes menções acerca do desenvolvimento da modalidade em Juiz de Fora, sejam eles informativos sobre fundação de clubes ou de *matches* realizados. As páginas do diário não informam a real causa sobre esse momento de breve penúria acerca das notas sobre o futebol. Mas a experiência apresentada pelos anos áureos da velocipedia nos indica uma explicação aceitável para essas pausas momentâneas. Durante essa mesma época do ano, na era de prosperidade da velocipedia, o *Commercio* divulgava em suas páginas o cancelamento de vários páreos devido aos longos dias de chuva, que atrapalhavam o andamento da modalidade. Talvez as

intempéries do tempo também fosse, com base no período identificado de escassez, marcado pelas chuvas torrenciais de verão, uma das causas para a ausência de notícias oriundas do futebol durante o breve período de quatro meses.

A disposição e o tamanho ocupado pelas notas publicadas sobre futebol e práticas corporais em geral não sofreu significativas transformações durante o período analisado. O local do jornal encarregado pela exibição dessas notícias, como já dissemos, ficou a cargo da seção *Onde Se Diverte*. Esta, por sua vez, nunca chegou ocupar mais do que uma coluna da página dois do *Jornal do Commercio*. Mesmo quando havia uma profusão de informes sobre as mais diversas atividades que viriam ocorrer na cidade, o espaço ocupado não extrapolava para além desta coluna.

Além disso, não identificamos a presença de imagens ou fotografias sobre quaisquer aspectos inerentes a uma partida de futebol, como o local dos jogos, os jogadores, os times e a assistência que comparecia aos duelos. O tamanho da seção e a ausência de ilustrações são aspectos que demonstravam um descompasso em relação ao ocorrido quando analisamos os jornais cariocas.

Todavia, ainda em 1905, quando o futebol na capital estava em pleno processo de popularização, já era registrada a presença de grandes notas que referenciava o esporte bretão. A afinidade entre a mídia impressa e o futebol no Rio de Janeiro era tão próxima que, como relatado no capítulo anterior, segundo Leonardo Pereira (2000) a *Gazeta de Notícias* lança, ainda em 1906, uma folha suplementar direcionada para as informações coletadas sobre os mais variados esportes, com destaque para o futebol. Com relação às imagens, os periódicos do início do século da então capital federal já as exibiam, dando ênfase principalmente ao público *chic* que frequentava os relvados cariocas.

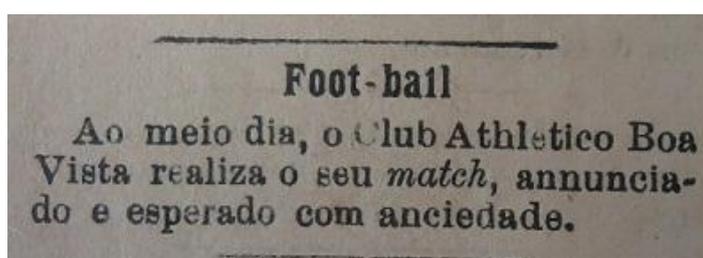
Sobre o jornal juizforano, não temos informações sobre a definição da delimitação do espaço destinado às notícias oriundas das atividades esportivas engendradas na cidade, especialmente o futebol, que normalmente estavam alocadas em uma coluna na página dois do diário. Com relação a este aspecto apresentamos duas hipóteses que procuram elucidar a questão: a primeira poderia estar aliada a uma limitação técnica do jornal, onde as notas destinadas às práticas corporais só poderiam ocupar um determinado espaço, não podendo excedê-lo. Em segundo, estaria aliado à falta de interesse do jornal em divulgar e aprofundar tais informações relacionadas as práticas corporais, talvez procurando não extrapolar

sua linha editorial, que inicialmente buscava um perfil mais econômico, apesar do apego aos valores da modernidade vigentes no período.

#### 4.4 Evolução das notas sobre futebol

Os jornais, principalmente os presentes na capital carioca no início do século XX, procuram enfatizar em suas páginas o aspecto social da assistência presente durante os embates de futebol (PEREIRA, 2000). A imprensa especializada em vigor atualmente, alheia às características da assistência, ao não ser em casos de violência registrada entre aos torcidas presentes, procura estabelecer em seus informes um aspecto mais técnico, fornecendo ao seu leitor, além de dados estatísticos, narrações precisas e pontos de vistas sobre os mais diversos acontecimentos inerentes a uma partida de futebol. São informações completas, que muitas vezes vão além do ocorrido durante uma apresentação futebolística. Os periódicos do início do século XX tinham outro parâmetro informativo. Como veremos adiante, a imprensa voltada para a prática esportiva era caracterizada mais pelo seu aspecto comunicativo do que analítico.

Esse aspecto fica claro quando analisamos as primeiras notas presentes no *Jornal do Commercio*. Os textos que constituíam essas passagens iniciais se apresentam como superficiais. Os elementos abordados nesse momento incipiente do jornalismo voltado para o futebol se mostraram como extremamente curtos e diretos. Estes pontos inerentes a imprensa local nos primórdios do século XX talvez sejam resultados evidentes do despreparo dos profissionais responsáveis por reportar os acontecimentos relacionados à modalidade, uma prática nova e ainda desconhecida por grande parte dos esportistas locais.



Fonte: Jornal Commercio, 25/10/1904, p2

A nota acima demonstra o perfil das primeiras informações desencadeadas sobre o futebol publicadas pelo *Commercio*. Elas se constituem como precárias, se levarmos em conta a ausência de aspectos essenciais para divulgação de notícias sobre eventos esportivos, como o local onde desencadearia o embate, o horário do certame e a privação dos nomes das agremiações envolvidas e as suas consecutivas escalações, além da inexistência tanto de uma análise prévia quanto do jornalista responsável. Também não foram encontradas notícias precisas e informativas acerca da formação e as atividades desencadeadas neste clube futebolístico.

A primeira notícia sobre o futebol demonstrada pelo *Commercio* é relacionada à fundação de um clube, voltado exclusivamente para a prática da modalidade.

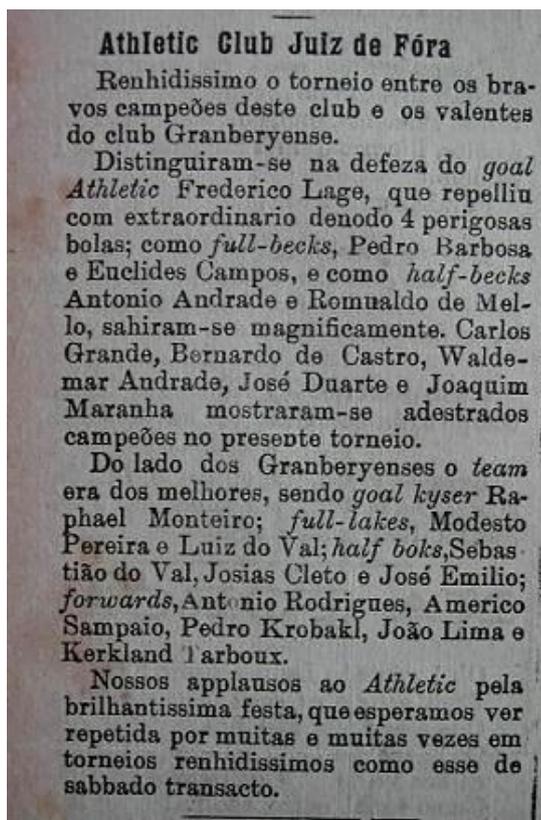


Fonte: Jornal do Commercio, 18/09/1904, p. 2

A menção, voltada para a possível fundação de uma agremiação futebolística em Juiz de Fora, se apresenta, como característica da época, bastante simples e pouco informativa. Além disso, ela informa os nomes dos personagens que ficariam a cargo da confecção do estatuto deste futuro clube. Não temos informações acerca do papel destas figuras no desenvolvimento do quadro futebolístico juiz-forano. Devido também à ausência de notícias *a posteriori* acerca desta atitude, não foi possível concluir se tal iniciativa obteve êxito.

Além do seu aspecto superficial, essa nota inicial nos leva a outro indício interessante. Ela é reveladora em relação ao período inicial da prática futebolística na cidade, pois a notícia da fundação de um clube nos leva a acreditar que a modalidade era praticada na cidade. A simples intenção em inaugurar uma instituição clubística voltada para o futebol seria um indício iminente de um processo de amadurecimento deste esporte em Juiz de Fora. Faltam informações mais concisas em respeito ao futebol jogado na cidade em período anterior a 1904. Mas, a escassez de notícias até este ano não configura em ausência desta prática esportiva nos relvados locais. Veremos adiante a existência de um documento datado de 1893, onde ficou registrada a ocorrência de uma partida realizada nas dependências do Colégio Metodista Granbery. Este fato é relevante, pois demonstra que parte da população local conhecia o esporte essencialmente inglês. Não sabemos as razões, mas as partidas disputadas até 1904 não foram dignas de notas por parte da imprensa local.

No ano seguinte, as notícias acerca do esporte bretão apresentaram uma significativa evolução em relação aos primórdios destas publicações. Uma agremiação da cidade, denominada *Athletic Club*, passou organizar diversas partidas envolvendo equipes de Juiz de Fora. Um desses embates, reunindo este clube e o *Granberyense*, time do colégio Granbery, chamou atenção do *Jornal do Commercio*.



*Athletic Club* pelo Jornal do Commercio

Fonte: Jornal do Commercio, 14/11/1905, p. 1

Essa pequena notícia demonstra uma enorme evolução acerca das menções sobre o futebol publicadas pelo *Jornal do Commercio*. Diferente das iniciais, esta nota articulada sobre um embate envolvendo o *Athletic Club* e o *Granberyense* envolve mais elementos, com detalhes ainda inéditos neste diário. Apesar de apresentar análises ainda superficiais sobre o jogo, o jornalista responsável denota um aparente conhecimento sobre o futebol, demonstrado através da descrição da escalação das duas agremiações. Este procurava dispor os nomes dos jogadores participantes do embate em ordem, informados conforme as suas respectivas posições, sendo os *goal kyser* (sic) o guarda meta, os *full-becks* (sic) os zagueiros, os *half bocks* (sic) responsáveis pelo meio de campo e os *forwards* eram os atacantes. Além disso, a divulgação dos envolvidos, distribuídos conforme a posição ocupada em campo, demonstra o perfil tático adotado por cada equipe, dispostas no sistema 2-3-5.

Apesar da evolução do periódico em relação ao tratamento sobre o esporte bretão, ela ainda apresenta certa superficialidade em relação à imprensa carioca e

belohorizontina presentes neste mesmo momento. Mesmo demonstrando que o vencedor do embate foi o *Athletic*, o jornalista não adicionou o resultado exato desse encontro, relegando também os autores dos tentos marcados. A nota também indica certo despreparo do responsável pela menção, pois além de identificar as posições dos jogadores em inglês, algo corriqueiro nos periódicos da época, elas apresentam erros de grafia, onde o *goal kyser* seria *goal keeper*, o *full-beck* seria *full-back* e *half beck* seria *half-back*. Além disso, em relação ao perfil da assistência, o jornalista responsável não teceu comentários acerca do público presente, aspecto adverso ao publicado nos periódicos tanto da capital fluminense quanto da mineira, onde as notícias sobre algumas partidas procuravam destacar a presença da elite *chic* nas arquibancadas ou as margens dos campos de futebol. Porém, apesar de algumas lacunas, esta nota apresenta aspectos importantes. Ela denota um gradual processo de amadurecimento, apresentado tanto pela cobertura exercida pelo jornal quanto da prática desta modalidade.

A partir de 1906 as notas relacionadas ao futebol aparecem de forma constante nas páginas do *Jornal do Commercio*. O número de notícias relacionadas a esta modalidade apresenta um considerável crescimento. Os dados exatos sobre essas aparições serão esmiuçadas mais adiante. Em grande parte elas estão voltadas para o surgimento de agremiações e anúncios de jogos a serem disputados entre as equipes locais. Com base no periódico, o Granberyense, time que representava o Colégio Metodista Granbery, importante instituição educacional da cidade, era a equipe que destacava no cenário futebolístico juizforano durante os anos iniciais do século XX. Os embates envolvendo a sua participação ganhavam notoriedade em frente ao cenário esportivo local, fato atestado pela imprensa da cidade. Este significativo aumento das menções jornalísticas relacionadas a prática futebolística revela um crescente interesse do meio jornalístico, principalmente do *Commercio*, em torno do esporte bretão.

O time do Colégio Metodista Granbery se destacava frente às outras equipes que compunham os primórdios do futebol em Juiz de Fora. A participação desta instituição em relação ao desenvolvimento desta modalidade nos relvados locais será esmiuçada mais adiante. Mas, alguns confrontos envolvendo essa equipe recebiam maior atenção por parte do meio jornalístico local. A partida envolvendo o *Granberyense* e o *Mineiro Foot-ball Club* foi divulgada de forma interessante pelo *Commercio*. Nesta nota, impressa em janeiro de 1907, o diário procura divulgar a

escalação das duas agremiações de forma inédita: os nomes dos jogadores que iriam disputar o embate apareceram visualmente distribuídos conforme a disposição destes em campo, procurando seguir o padrão tático adotado por cada equipe. Este informe, pioneiro em relação as notícias publicadas sobre a modalidade, divulgou também o local e o horário em que ocorreria o confronto.

Realiza-se hoje as 3 horas, no Gymnasio Granbery um combate de Foot-Ball, conforme abaixo se segue :

*Club Granberyense*

*Goal Kaper*  
Armando

*Full backes*  
Mario e Amaro

*Half-backes*  
Euclides, Italo e Jacyntho

*Fomwards*  
Aragão, Luiz, Emilio, Albert e Adjalma

contra o Club Foot-Ball Mineiro

*Goal-Kaper*  
Iung

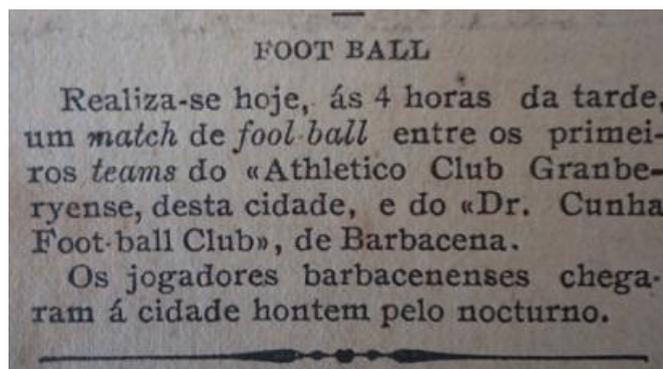
*Full-Backes*  
Vicente e Barroso

*Half-Pull Backes*  
Camillo, Minote e Smith

*Fomwards*  
Alfredo, Raphael, Gervason  
Luiz e Dolores

Fonte: Jornal do Commercio, 12/01/1907, p.2

Ainda em 1907 o *Granberyense* foi protagonista de um momento especial para o futebol local. Neste ano, o time local recebeu uma equipe de Barbacena para disputa de uma partida amigável. Esse embate se configura como o primeiro amistoso intermunicipal apresentado pelo *Jornal do Commercio*, e, ao que leva crer, da história local deste esporte. Além desse fato, a nota apresentada sobre esse embate é mais um indício do processo de amadurecimento da crônica futebolística apresentado pelos jornais locais.



Fonte: Jornal do Commercio, 22/11/1907, p.2

A seguir apresentaremos uma nota articulada pelo *Pharol*, contendo comentários abalizados, oriundos de um amistoso envolvendo as equipes das cidades de Juiz de Fora e Barbacena. O jornalista responsável, além de fornecer informações precisas e inéditas sobre o embate, procura tecer alguns comentários acerca do desenvolvimento do mesmo.

Foot-Ball - Como hontem promettemos, damos hoje uma notícia circunstanciada e minuciosa do rehido *match* de *foot-ball* disputado entre o Club Athletico Granberyense e The Dr. Cunha Foot-ball Club de Barbacena. As 3 horas da tarde, depois de um lauto jantar offerecido pela família do Sr. Dr. Tarboux digníssimo presidente do Instituto Granbery, fizeram os jogadores, acompanhados dos alumnos e banda musical do Granbery, uma excursão a fábrica Weiss. De regresso, apenas chegaram os electricos em frente á Alfândega, os excursionistas saltaram apressados e dirigiram-se para o campo onde devia travar-se se o combate. As 4horas e meia, dado o signal pelo referee Sr. Alfredo Guedes, os jogadores tomaram suas respectivas posições e deram principio ao jogo os *fowards* granberyenses, aos quaes coube por sorte o *kick* inicial. O primeiro ataque foi fortíssimo. Os *fowards* de ambos os lados luctavam com denodo e a bola pairava no meio do *ground*. Em dado momento, Orlando Pires, *center-foward* granberyense toma a bola, passa – a para os companheiros e assim, de passe a passe, levam – na até á boca do *goal*, donde é repelida por um enorme strik dado pelo *goal-kepper* Cobuci do Dr. Cunha Foot-ball Club. Uma prolongada salva de palmas coroou a brilhante defesa. Deram em seguida alguns *dead – balls*, ate que no centro do campo, apoderam – se da bola os granberyenses, levam – na até a linha de *baks*, donde, aproveitando um passe de Luiz Gomes, Orlando Pires shoota – a certamente vasando o *goal* pela primeira vez. Levada a bola de novo ao centro, tocou aos bravos *foot-ballers* barbacenenses o segundo *kick* inicial. Jair Reis e Plínio Palhares, *foward* do Dr. Cunha Foot-ball Club foram levando a bola corajosamente, ate a linha de *back* do inimigo donde, Emilio Gioseppi, com succulento *kick* arremessou a para o lado contrario. Repellida pelo *back* Amadeu Barros a bola permanece por algum tempo no centro do campo, quando, por um feliz stratagem,

Americo Sampaio vara as linhas de *full-back* e *back* e *shoota* certamente vasando o *goal* pela segunda vez. Uma estrondosa salva de palmas se fez ouvir e Americo satisfeito, olha através do *pince-nez* para o lado... da musica...As 5horas e meia houve um intervalo de 10 minutos para descanso dos jogadores. Deu-se, em seguida, começo ao segundo tempo. A bola depois de revida lucta é levada par alinha dos *backs* barbacenenses, Americo *shoota-a* com força, mas o *goal- kepper* rápido e clamo defender brilhantemente o *goal* merecendo entusiasticos apllausos. Trava-se uma lucta renhida; há *corner-kicks* de ambos os lados sem resultado algum e a bola vae, de novo para o centro. Do campo donde, José Emílio, com um terrível *shoat*, dirige-a para o inimigo. Os *full-back* barbaceneses luctam valentemente mas, não conseguem vencer os granberyenses, que, de passe em passe, passam a linha e ferem de novo o *goal*. Estava feito o terceiro *goal* pelo *foward*, Eduardo Nascimento. Recrudece a peleja: há de ambos os lados peripécias notáveis, tombos, caneladas, marretas, etc. De repente, cessa o jogo, moças gritam assustadas, o povo se agglomera: era o bravo *foward* granberyense Luis Gomes, que, tropeçando, cahira e perdera a fala. Em dois minutos o incançavel jogador volta a si, sorri, limpase e corre de novo para o campo. Cinco minutos depois, com applaudido jogo de passe, o esforçado *foward* Mario Marinho consegue vasar o *goal* do Athletico Granberyense. O povo, delirante, prorompe em palmas. Inicia-se o quarto *kick*. Logo no segundo ataque, já mais fraco que os outros, Luiz Gomes avança com a bola para o *goal* inimigo e consegue vasa-lo apezar da resistência hercúlea apresentada pelo *goal-kepper* Cabuci. Dez minutos depois terminava o jogo, entre os apllausos dos espectadores, sahindo o Club Athletico Granbeyense vencedor por quatro goals a um feito pelos barbacenenses. Do lado destes distinguiram-se o goal- keeper Cobuci, backs Florestano e fowards Jair Reis e Palhares. Dos granberyenses destacaram-se os srs. Mario Brandi, Zé Emilio, Orlando Pires, Americo Sampaio e Luiz Soares. P. (O Pharol, 28/11/1907, p.1)

Essa nota, apresentada de forma minuciosa, é deveras relevante acerca da relação entre os jornais e práticas esportivas, em especial, o futebol em Juiz de Fora. O nível e o espaço destinado pelo *Pharol* denotam uma evolução da cobertura apresentada pela imprensa local ao esporte bretão praticado na cidade. Vale apenas ressaltar que até este presente momento o *Jornal do Commercio* não apresentou informes tão completos quanto ao do publicado por esta edição do *Pharol*.

Inicialmente, esse jogo foi tratado com bastante clamor, tanto pelo Granbery quanto pelo jornalista responsável pela cobertura. Este tratamento é demonstrado em uma cerimônia de comemoração, efetuada em homenagem a disputa que seria realizada, onde jogadores e alunos do distinto colégio realizaram uma passeata em direção a Cervejaria Weiss, importante centro de lazer da cidade. Deste local dirigiram-se ao campo de jogo, localizado na Alfândega, hoje conhecido como Praça

Antônio Carlos, destino de grande parte dos embates realizados entre as equipes locais.

Além da passeata e do ritual comemorativo antes da realização da partida, destacaram-se outros pontos reveladores. Foi a primeira nota apresentada por um jornal local que reverenciou a presença do público em partidas de futebol na cidade. Ainda de forma discreta, o jornalista não distingue o perfil social da assistência presente no embate. Mas destaca a participação desta no decorrer da peleja. Ela aparece quase sempre aplaudindo as melhores jogadas apresentadas, inclusive após cada um dos cinco gols marcados. A nota revela ainda a ocorrência de uma grande aglomeração de pessoas em torno do campo, evidenciando a grande comoção gerada em torno deste jogo, principalmente por envolver talvez o principal time local contra um adversário advindo de outra localidade. Outro ponto interessante em relação a participação da torcida em frente a este embate foi os aplausos do público direcionados ao tento marcado pelo *Dr. Cunha Foot-ball Club*, o time visitante. A cordialidade da assistência é um fato digno de nota, principalmente frente as seguidas ações de violência presentes nas partidas de futebol disputadas atualmente.

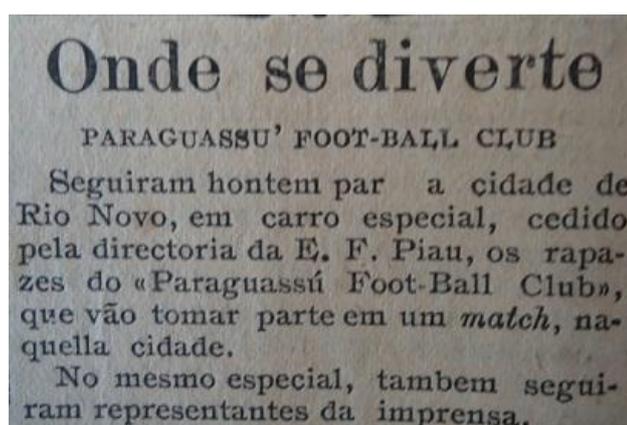
O perfil descritivo desta nota é outro ponto interessante. O jornalista anônimo, que assinou como "P.", demonstra conhecimento das posições e das escalações de ambos os times. Este fato atesta certo nível de preparação do profissional para cobrir partidas de futebol. Neste relato, ele efetua uma narração bastante concisa sobre os principais momentos desencadeados no embate, com descrição quase perfeita das jogadas, como chutes, trocas de passes e defesas realizadas pelos arqueiros. Além disso, o jornalista elege, conforme os seus conhecimentos sobre a modalidade, os destaques de cada time. Essa narração descritiva, algo comum nos jornais atuais, era, até então, inédita na imprensa esportiva juizforana.

Ao realizar um relato minucioso da partida, o responsável pela cobertura procura possivelmente atingir dois objetivos: levar informação para os leitores que se encontravam ausente, onde através das suas narrações precisas se inteiravam sobre o desenrolamento do embate. Esperava também atrair um público que ainda não se interessava pela prática futebolística. Através da narrativa de uma acachapante e heróica vitória de uma equipe local, o jornalista procurava atrair um número maior de espectadores e praticantes em torno desta modalidade, estratégia

bastante comum nos jornais franceses do início do século XX, como relatado no capítulo anterior.

As excursões realizadas pelos times locais foi outro fato interessante presente nas páginas analisadas do *Jornal do Commercio*. Realizadas ainda no ano de 1907, essas partidas amistosas contra equipes provenientes de outras localidades atestam o processo de amadurecimento vivenciado pela prática do futebol juizforano.

Seguindo a onda dos embates intermunicipais, o diário divulga em suas páginas o primeiro de diversos encontros dessa natureza. Neste, o jornal relata a viagem do *Paraguassú*, uma agremiação local, rumo à cidade de Rio Novo, onde disputaria uma partida amistosa contra uma equipe desta localidade. Além do caráter inédito, a nota divulga também o embarque da imprensa, que acompanharia o andamento deste embate.



Fonte: *Jornal do Commercio*, 06/06/1907, p. 2

Além do pioneirismo em relação à excursão de times da cidade em direção a outros centros, esta nota nos revela dados interessantes. Primeiramente, vale destacar o apoio recebido por esta equipe. O fato da Estrada de Ferro Piau ter cedido um vagão especial é um ponto pertinente, pois é um indício claro de que o futebol estava ganhando importância da sociedade esportiva não só local, mas também de toda a região, como Barbacena e Rio Novo. Outro aspecto interessante é com relação ao embarque da imprensa rumo a este embate. Os jornais locais demonstram, neste ato, maior interesse em acobertar o futebol. Provavelmente, imprensa, além de agremiar um número maior de praticantes, demonstrado pelas diversas notas de fundação de times, estava também atendendo a um número maior de leitores que estariam interessados no desenvolvimento desta modalidade.

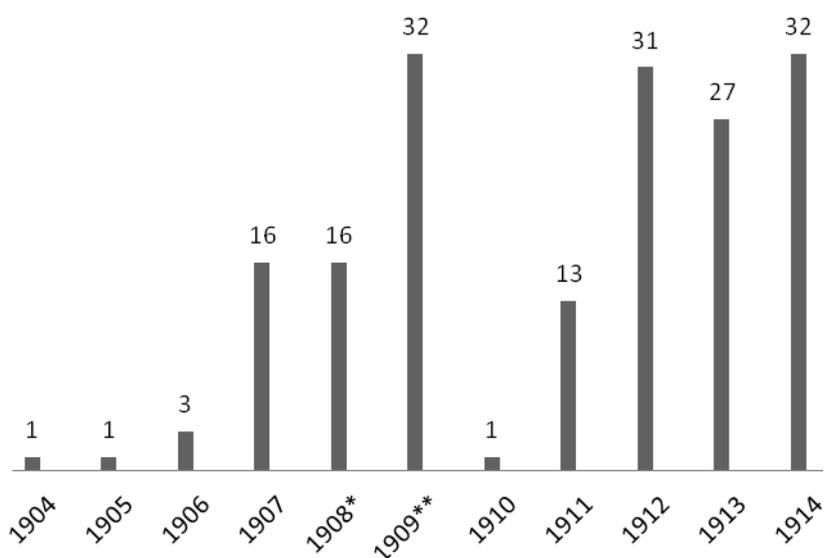
Ouro aspecto relevante e inerente às notas publicadas pelo *Jornal do Commercio* é a ausência de comentários em relação ao nível social da torcida presente durante as partidas disputadas na cidade. Esse aspecto, bastante valorizado pela imprensa das cidades do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, não foi digno de nota do periódico local durante a primeira década do século XX. Mas, alguns pontos sobre esta ausência devem ser levados em consideração. Primeiro, durante os anos iniciais do futebol em Juiz de Fora não presenciamos a formação de verdadeiras entidades futebolísticas, como clubes bem definidos, com uma estrutura montada para atender aos esportistas e, conseqüentemente, ao seu sócio. Apesar de existirem equipes competitivas no cenário futebolístico local desta época, como o caso do *Granberyense*, elas não se constituíram como agremiações estruturadas, como ocorria com o Fluminense da então capital da República. Talvez, devido a este fator, tais entidades locais não favoreceram a presença de camadas distintas aos jogos realizados nos relvados da cidade. A segunda hipótese estaria entrelaçada ao perfil jornalístico empregado pelo profissional responsável em cobrir os embates entre equipes locais, onde a sua observação sobre a modalidade estaria calcada somente para a execução do jogo, levando ao seu leitor apenas aspectos desenrolados dentro de campo, procurando realizar uma análise mais concisa e descritiva possível, relevando outros fatores não relacionados execução do jogo em si, como a estrutura oferecida pelo campo, o acesso a essas locais e a caracterização social do público presente. Essas são apenas observações que levam em conta todo o cenário esportivo juiz-forano, portanto necessitam de estudos mais abalizados acerca da relação entre esse esporte e o público que o acompanhava.

#### 4.4.1 Dados coletados sobre a pesquisa

Neste trecho do trabalho lidaremos especificamente com as notícias publicadas sobre o futebol e extraídas do *Jornal do Commercio*. É uma análise estatística sobre a pesquisa realizada com base neste importante periódico local. A

partir dos números apresentados teceremos algumas considerações que procuram elucidar a relação entre as notas impressas por esse diário e o desenvolvimento do futebol em Juiz de Fora. Abaixo apresentamos um gráfico que resume o trabalho de coleta realizado em arquivos locais.

**Número de notas sobre o futebol no Jornal do Commercio (1904 - 1914)**



\* Ausência do jornal a partir de outubro

\*\* Ausência do jornal a partir de agosto

Como base nestes dados é possível elucidar alguns indícios sobre a relação desempenhada entre o periódico e o esporte bretão. Inicialmente incidiremos sobre as primeiras notas publicadas pelo diário. Observamos que até o ano de 1906 são poucas as notícias desenroladas sobre a modalidade. Como já comentamos, o ano de 1904 foi o mesmo período em que os jornais de Belo Horizonte começaram a destinar maior atenção às práticas corporais. Na capital mineira, a ênfase da imprensa local neste período inicial foi bastante considerável, principalmente se levarmos em conta o contexto do seu cenário futebolístico, onde neste mesmo ano foram realizados diversos embates envolvendo equipes desta cidade. Em Juiz de Fora não houve uma movimentação parecida. Se considerarmos apenas os números apresentados pelo *Commercio*, chegamos à conclusão que o futebol se apresentou de forma concreta somente em 1907, onde foram impressas 16 notas, apresentadas até agosto daquele ano, contrastando com os três anos anteriores,

caracterizado por poucas publicações destinadas a esta prática esportiva. Este momento foi importante, pois além de superar a fase do ostracismo vivenciado nos primeiros anos, contribuiu para uma maior visualização da modalidade perante a comunidade esportiva local.

O historiador deve estar atento ao adotar fontes jornalísticas para compor um trabalho de pesquisa histórica. Para tal tarefa alguns pontos devem ser levados em consideração. Como comentado no primeiro capítulo, como base nas considerações apresentadas pela Luca e Pinsk (2010, p. 16), os periódicos não são retratos fidedignos da sociedade. Ele é um veículo de informação que busca seguir uma linha editorial elaborada e decidida pelos seus membros diretivos. Portanto, assim como ocorreu em Belo Horizonte, os diários não podem ser considerados como retrato fiel da prática futebolística. Um exemplo desse descompasso apresentado pelos periódicos em relação a prática futebolística foi noticiado por outro jornal local, o *Pharol*. Essa nota, publicada em 1905 e de autoria desconhecida, sendo assinado apenas por “L”, procura demonstrar o grau de evolução apresentado pela modalidade esportiva, que vinha aos poucos conquistando os *sportsmens* da cidade.

Esta agora em moda em nossa cidade o *foot-ball*. Dentre os muitos jogos athleticos, affirmam – me que esse é um dos mais encantadores, e um dos mais praticados, actualmente, no *Sport* carioca e paulistano. Toda gente esta farta de saber que esses divertimentos são recommendados pelos higienistas e que eles completam a educação de um gentleman que se preza. Eu prefiro passar o meu domingo de folga como os meus melhores amigos: os livros. Nem por isso, entretanto, deixo de ser o primeiro a reconhecer que o atletismo é um elemento necessário ao desenvolvimento physico do individuo e que o *foot – ball* é um dos muitos meios conhecidos para se quebrar uma perna com entusiasmo e alegria. Mas os moços não se deixam levar por semelhante temor e, aos domingos, já se sabe: tomam, em palreiro bando, o bonde da fabrica e vão ter á Manoel Honorio, onde passam deliciosas tardes de folguedo, jogando bola, que ainda é um jogo innocente, pois podiam fazer cousas muito peor se jogasse as cartas a tanto por tento. Outros phantasmas que me fazem fugir a sete léguas do *foot – Ball* são os nomes arrevesados com que os *foot – ballers* se entendem. Além dos movimentos ágeis, dos saltos, das piruetas que devem empregar os que exercitam esse *sport*, tem de pôr em acção também a gymnastica da língua para pronunciar os dificeis nomes dos que tomam parte no *match*. Prefiro, por isto, estar calmamente sentado sob uma arvore bem faseja e florida, livro sob os olhos, vivendo com os autores, sentindo uma página de prosa ou de verso, que me instrua e delicie. Gosto do silencio, do sossego e do repouso. Que incommodo me seria levar distancia a distancia uma bola aos ponta

– pés, esbarrado, pisado, moído, pondo a alma pela bocca, com a face emperolada de suor. Não sou, por isso, repito, inimigo das diversões athleticas, nem levo o meu pessimismo ao exaggerado ponto de censurar os que se divertem. Não os censuro, pelo contrario os admiro pelo stoicismo de saberem ser alegres, nesses tempos, quaes estes, que só inspiram tristeza. Divirtam – se, rapazes, e deixem – me, a mim, com o meu sossego, o meu viver sosinho, a meu anacorethismo e os meus livros adorados, esses que me querem tanto, e que me distraem, e que me educação e que me instruem. – L. (O Pharol, 01/08/1905).

O autor fala sobre o futebol como uma moda que havia chegado a Juiz de Fora, oriundo principalmente das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, onde essa modalidade era um dos jogos atléticos mais praticados. Com esta afirmação, o cronista demonstra estar inteirado sobre aos acontecimentos desenrolados nestas capitais. Além disso, ele destaca duas propriedades utilitárias e positivas em relação aos praticantes do futebol: primeiro diz compreender a validade desta modalidade como um elemento da educação do “*gentleman*”, voltado para a formação moral dos seus praticantes. Em segundo, o autor ressalta este esporte como um exercício físico bastante recomendado pela classe médica. Neste ponto o cronista demonstra estar inteirado acerca do discurso higienista empregado na época em torno da valorização das práticas corporais. Também é interessante notar no depoimento as representações que acompanharam o futebol durante tempos, como a sua dimensão perigosa e violenta, “um dos muitos meios conhecidos para se quebrar uma perna com entusiasmo e alegria”. Mas, antes o futebol que o perigo do vício dos jogos de cartas. E o autor segue apresentando a “novidade” do futebol, afirmando sua validade, seu caráter espetacular, mas deixando claro que a sua preferência pessoal era por viver seus momentos de folga, os domingos, sem suor e com seus livros.

Em relação às notas coletadas do *Jornal do Commercio* podemos apontar alguns aspectos importantes em relação ao apego desde meio de comunicação ao futebol praticado na cidade. Nos anos de 1907 a 1909 presenciamos uma profusão de notícias publicadas acerca da modalidade. Neste intervalo de tempo foram identificadas 64 notas, levando em conta a ausência<sup>6</sup> de alguns exemplares, que certamente elevaria estes números. Um crescimento exorbitante, se compararmos com o período de 1904 a 1906, onde foram detectadas somente cinco menções sobre esporte bretão. Grande parte das referências coletadas no período de

---

<sup>6</sup> O jornal encontra-se ausente em alguns meses dos anos de 1909 e 1909, não sendo possível encontrá-los nos arquivos responsáveis pela sua manutenção.

crescimento da modalidade se destinava a publicação de embates locais e informações relacionadas ao surgimento de novas agremiações, elementos que evidenciam o processo de adesão por parte da população local em torno da prática futebolística.

Este aumento exorbitante pode estar aliado ao nível do futebol apresentado na então capital da república. Neste local, a modalidade, como já foi relatado no capítulo anterior, presenciou uma adesão bastante positiva da população do Rio de Janeiro. Tendo uma liga oficial fundada ainda em 1905 e com campeonato disputado em 1906, com apoio maciço da imprensa, além das ligas e competições congêneres que eram disputadas no subúrbio da cidade, o desenvolvimento do esporte nos relvados cariocas se mostrou um movimento bastante sólido, transformando em um curto espaço de tempo em uma das modalidades mais praticadas pela população daquela cidade. Apesar de defendermos certa autonomia desta cidade em relação aos acontecimentos desenrolados em Juiz de Fora, o entusiasmo presenciado pelos cariocas em torno do futebol pode ter influenciado de forma positiva os *sportsmens* locais. Em 1909, ano em que o *Commercio* apresenta, até agosto, trinta e duas notas, o futebol praticado no Rio de Janeiro estava caminhando para o quarto campeonato oficial, com um aumento considerável de equipes filiadas. Embora necessários estudos mais concisos, consideramos, com base no aumento das notas recolhidas, que o sucesso presenciado pelo futebol praticado na capital fluminense durante a primeira década do século XX foi elemento substancial para o desenvolvimento da modalidade em Juiz de Fora. Este momento de euforia foi captado tanto pela sociedade quanto pela imprensa local.

Em relação ao futebol praticado em Belo Horizonte, descartamos o papel desta como matriz para o desenvolvimento da modalidade praticado nos relvados locais, pois, como destacamos anteriormente, a capital mineira, apesar do rápido desenvolvimento do esporte, não assumiu o papel de protagonista na difusão desta modalidade pelo estado. Além disso, não identificamos mecanismos de influência exercido pela capital mineira em relação à configuração do futebol desenrolado em Juiz de Fora.

Em 1910 presenciamos uma repentina e expressiva queda no número de notas divulgadas pelo *Commercio*. Este momento de ostracismo, também observado em Belo Horizonte em 1908, ocorreu de forma estridente. Neste ano foi identificada apenas uma menção ao futebol, número igual aos de 1904 e 1905, períodos de

gênese das notícias sobre o esporte presente no periódico. Nesta única nota não foi possível identificar os reais motivos que levaram a essa temporada de estagnação. Não sabemos ao certo se o esporte bretão deixou de ser praticado ou se houve um desinteresse por parte do diário local. Mas, assim como ocorreu na capital mineira, presenciamos no *Commercio* uma profusão, durante este período, de notícias relacionadas a prática de outras atividades, no caso específico do diário local encontramos forte presença de disputas que envolviam exercícios de tiro. Nos anos de 1908 e 1909, esta modalidade encontra-se bastante presente nas páginas do diário. No dia 24 de maio de 1909 foi inaugurado, com a presença do então Ministro da Guerra Marechal Hermes, o Tiro Afonso Pena, um espaço dedicado exclusivamente ao esporte. A partir deste momento, o número de notas acerca desta modalidade sofre um aumento considerável, contrastando com a queda expressiva das menções acerca do esporte bretão. Não sabemos com exatidão se houve uma adesão maciça da população local ao tiro, em detrimento ao esporte bretão, mas, com base somente nestes dados, podemos concluir que as partidas disputadas no Afonso Pena despertaram, neste breve período, um interesse maior por parte do *Jornal do Commercio* em relação aos acontecimentos desencadeados pelo futebol praticado na cidade.

Na década seguinte presenciamos o retorno do esporte bretão ao diário juizforano. Em 1911 houve um aumento, ainda que tímido, de notícias sobre a modalidade. Neste ano houve 11 notas relacionadas ao esporte. A partir deste instante o tema futebol passou ter presença constante nas páginas dos jornais locais. No ano seguinte, as notícias relacionadas a prática da modalidade parece ter retornado, após um breve período de queda, ao seu ritmo normal, com a presença de trinta e uma menções.

O período até 1914, ano limite deste trabalho, foi marcado por alguns acontecimentos no âmbito do futebol que modificou positivamente a configuração e a presença deste esporte nas páginas do *Commercio*. As expressivas partidas disputadas pelo *Granberyense*, que excursionava por diversas localidades, tanto do estado quanto municípios do Rio de Janeiro e a inauguração do Tupinambás em 1911 e do Tupi no ano subsequente, que futuramente se tornariam forças do futebol local, são alguns dos momentos presentes e significativos da história do esporte e que se encarregaria de abastecer a imprensa local com notícias acerca desta modalidade.

Nesta parte do trabalho lidamos com aspectos gerais provenientes da pesquisa realizada no *Jornal do Commercio*. São dados relevantes que suscitam hipóteses históricas acerca do futebol praticado em Juiz de Fora e o tratamento que o periódico destinava a esta modalidade. Adiante, destacaremos, ainda sobre a coleta de dados, aspectos mais específicos presentes nestas notícias. São elementos assaz importantes, que atuaram de forma significativa para a configuração e no desenvolvimento do esporte bretão nos relvados locais.

#### 4.5 Times e torcidas

Neste momento do trabalho voltaremos os nossos apontamentos para as notícias acerca da formação e desenvolvimento das equipes locais, presenciado principalmente após a segunda década do século XX. Além disso, comentaremos, com base no *Commercio*, a relação entre a assistência e os jogos realizados nos gramados juizforanos. Neste espaço também identificamos uma evolução deste periódico em relação ao tratamento dispensado ao futebol, destacando aspectos ainda ausentes na primeira década, como coberturas mais extensivas a excursões, a treinamentos e de ocorrência amistosos intermunicipais.

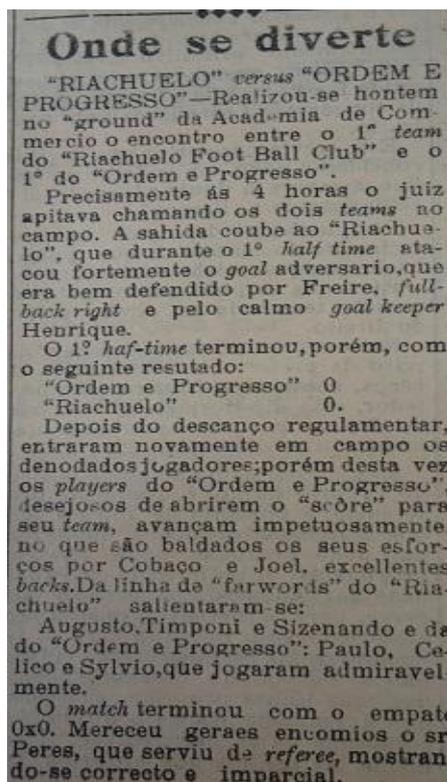
Durante o recorte temporal analisado, de 1904 até 1914, foi possível contabilizar as notas referentes ao surgimento de times e conseqüentemente os espaços utilizados com mais frequência em relação as partidas de futebol. Neste período de aproximadamente dez anos foram registrados nas páginas do *Commercio* o surgimento de trinta e três agremiações. Atualmente, a maioria destas encerraram as suas atividades, restando apenas os times profissionais do Tupinambás e do Tupi.

As menções sobre o início das atividades de um time de futebol eram quase sempre relatadas de forma simples, contendo apenas o nome e o quadro diretivo responsável pela organização do mesmo. Com relação aos campos onde eram disputadas as pelepas, identificamos ao todo dez locais utilizados pelas equipes da cidade, tendo destaque o campo do Boa Vista, o Largo da Alfândega, a Fazenda Coronel Manoel Honório, a Academia de Comercio, o *Ground do Tupy* e o *Ground do Largo do Riachuelo*. Não temos informações precisas sobre as condições

estruturais de tais lugares, pois, como relatado, o jornal não direcionava as suas atenções para os aspectos externos dos jogos. Mas, durante o andamento da pesquisa sobre o *Commercio* notamos a presença frequente de jogos realizados em alguns relvados. O primeiro deles, o Largo da Alfândega, ocupado atualmente pela Praça Antônio Carlos, foi bastante utilizado pelas equipes durante a primeira década. No decênio seguinte observamos uma profusão de espaços destinados a prática futebolística. Apesar dessa proliferação, alguns enfrentamentos ainda eram disputados na Alfândega.

Outro gramado que se destacava era o do *Ground* do Largo do Riachuelo, sendo bastante noticiado pelo *Commercio*. Este espaço, também utilizado para montagens de outros espetáculos esporádicos, como circos, demonstrava, nos idos de 1910, ser o mais estruturado da cidade. Apesar da ausência de notas referentes aos aspectos físicos dos campos, uma notícia sobre um enfrentamento realizado entre o *Granberyense* e o *Club Athletico Mineiro* de Belo Horizonte, que será trabalhado mais a frente, pode vir a comprovar a melhor utilidade deste local. Segundo as páginas do diário o *Granberyense* quase sempre disputava as suas partidas no campo da Alfândega, mas, no embate contra o time da capital mineira, em um jogo com bastante apelo, a equipe juizforana resolveu modificar o espaço utilizado habitualmente e utilizou as dependências do Largo do Riachuelo. Não sabemos ao certo se este lugar oferecia melhores condições, mas a mudança de local, talvez para receber uma assistência numerosa, pode ser um fator que evidencia a sua qualidade estrutural.

O papel do *Jornal do Commercio* em relação as notícias direcionadas ao esporte bretão passou por uma modificação bastante significativa. Nos primórdios destas notas percebemos, apesar de algumas exceções, um perfil mais informativo, onde encontramos, em grande parte, divulgação simples das partidas, com as suas respectivas escalções e a publicação posterior dos seus respectivos resultados. Nos idos da década de 1910, identificamos alterações na linha editorial do jornal em relação ao tratamento direcionado a modalidade. Neste período, presenciamos uma maior afinidade entre jornal e o leitor, onde este diário procurava, de forma mais densa, desenvolver análises mais concisas acerca deste esporte. Descrições mais elaboradas e contínuas acerca dos embates realizados entre equipes locais passaram ser a tônica das notas dedicadas ao futebol desempenhado na cidade.



Fonte: Jornal do Commercio, 33/08/1913, p.2

O estreitamento do laço entre clubes e a imprensa local, ocorrido na década de 1910 foi um marco na cobertura deste meio de comunicação. Ambicionando desenvolver estratégias que fossem eficazes em atrair e assegurar o leitor, os jornalistas responsáveis por noticiar a modalidade adicionam elementos inéditos até o presente momento. As matérias jornalísticas, que até então se abastavam com anúncios de embates e comentários posteriores sobre tais, agora passam a relatar o funcionamento de algumas agremiações locais, com notícias que procuravam se aproximar do ambiente futebolístico. Coberturas não somente das partidas, mas também de treinos realizados e sobre as atividades cotidianas dos clubes são aspectos que foram adicionados a cobertura promovida pelo *Jornal do Commercio*. O documento seguinte exemplifica esse novo momento da imprensa esportiva em Juiz de Fora.



envolvendo as mesmas são provas do momento positivo vivenciado pelo futebol. Além disso, presenciamos uma intensificação dos embates contra equipes provenientes de outras localidades, tanto de Minas Gerais quanto do Rio de Janeiro. São frequentes os anúncios de excursões envolvendo times locais seguindo em direção a outras cidades.

MATCH DE FOOT-BALL.— Para hoje, ás 4 horas da tarde, está anunciado um *match* de *Foot-ball* entre a “Associação Athletica Granberyense” e o “Sport Club Americano”, do Rio.

Fonte: Jornal do Commercio, 03/05/1912, p. 2

Estas partidas envolvendo agremiações juizforanas contra outras oriundas de diversas localidades são bastante frequentes na década de 1910. Os sucessivos convites direcionados as equipes locais são aspectos que atestam o grau futebolístico desempenhado em Juiz de Fora, tornando-se destaque não só regional, mas estadual. Outra nota publicada pelo *Commercio* evidencia a situação positiva presenciada pelo esporte praticado nos relvados locais.

**America Foot-ball Club**  
**“versus,,**  
**Scratch Juiz de Fora**

Realizar-se-á hoje ás 4 horas da tarde, no *ground* do Topy, fim da rua do Commercio, além da linha E. F. Central, um importante *match* de *foot ball* entre as equipes acima enumeradas.

Defenderá as cores do *Juiz de Fóra* o *team* seguinte:

Henrique  
 Jayme Couto  
 Thomaz Juliano Manoelzinho  
 Ottoni Machado Peres Aguiar Carvalho

O *team* do *America* deveria ter chegado, hontem, a esta cidade, pelo nocturno.

Fonte: Jornal do Commercio, 03/06/1914, p.2

Essa partida, envolvendo uma seleção de Juiz de Fora e equipe do América de Belo Horizonte, é bastante importante e reveladora para o cenário futebolístico

local. Inicialmente, foi a primeira notícia impressa pelo jornal acerca de um selecionado formado por jogadores locais. Os jornais não informam os critérios utilizados para esta formação e quais os times responsáveis por ceder tais jogadores.

Além desse pioneirismo, a partida envolvendo uma equipe proveniente da capital é um forte indicador sobre o nível do futebol praticado em Juiz de Fora. Essa disputa, um embate entre duas escolas que se desenvolveram de forma desconexa, seria uma atitude de reconhecimento a primazia dos locais em relação a prática do esporte, principalmente se levarmos em conta os resultados das partidas envolvendo o *Granberyense* e o *Athletico Mineiro* ocorrido em 1912, que gerou grande comoção entre os *sportsmens* da duas cidades. O embate culminou em duas vitórias acachapantes para equipe formada pelo colégio. Este momento, significativo para a história do esporte, será esmiuçado mais a frente.

Adiante analisaremos o papel desempenhado pelas instituições educacionais em relação ao desenvolvimento e popularização do futebol em Juiz de Fora. Durante a segunda década do século XX, incentivados pelo sucesso obtido com o *Granberyense*, diversas instituições educacionais estimularam a formação de equipes voltadas para a prática da modalidade. No próximo sub-capítulo esmiuçaremos o papel do Instituto Granbery e de outros colégios na configuração do cenário esportivo local.

#### 4.6 O Granbery e a participação das instituições educacionais no desenvolvimento do futebol em Juiz de Fora

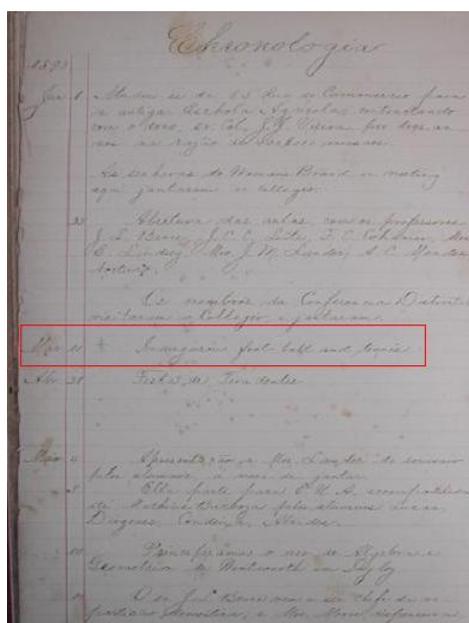
O Instituto Metodista Granbery é umas das mais importantes e tradicionais espaços educacionais presentes atualmente em Juiz de Fora. Fundado em 1889, a sua história está veiculada ao projeto de modernidade presente na cidade desde o quartel final do século XIX. Instalou-se em 1889, um período bastante próspero para a educação na cidade. O início das suas atividades ocorre em uma época concomitante a outros colégios, como a Academia de Comercio, Colégio Redentor e os Grupos Escolares, que passaram a compor a esfera educacional na cidade, procurando instrumentar a população local (CUNHA JUNIOR, 2009), transformando

Juiz de Fora em um dos centros mais desenvolvidos neste quesito. Devido a esta vocação educacional a cidade passou a ser reconhecida como a Barcelona Mineira, uma alusão a cidade européia, marcada pela intensa vida cultural.

Adentro deste atrelamento ao projeto moderno, a história do Granbery sempre esteve atrelada ao desenvolvimento das práticas corporais da cidade. O estímulo aos exercícios físicos foi, desde os seus primórdios, ponto essencial em seu currículo (NOVAES NETO, 1997, p. 45). Esportes como *low tennis*, corridas a pé, saltos e futebol encontraram nessa instituição um local ideal para a sua prática e desenvolvimento.

A introdução destas práticas corporais nas diretrizes educacionais do colégio tinha dois objetivos claros e utilitaristas: primeiro, como uma atividade que estimulasse o desenvolvimento higiênico dos seus alunos, introduzindo-nos aspectos como força e rigidez. Em segundo, essas atividades, assim como característicos nos colégios europeus e norte americanos, eram meios assaz eficazes na introdução de certos aspectos, como disciplina, organização e liderança, elementos essenciais no desenvolvimento do ser humano como um todo (Idem, p. 62).

Um exemplo desse apego as práticas esportivas está representado em uma informação extraída do arquivo desta instituição educacional. Em um livro de ata, datado em 1893, nos informa sobre a realização de uma competição envolvendo a execução de diversas modalidades, entre elas o futebol.



Ata Granbery, 10/03/1893.

Na parte sublinhada, lê-se: “Inaugurou foot-ball and tennis”.

Fonte: JF em Pauta, acessado dia 07/09/2011

Este documento nos remete a algumas considerações acerca da posição do colégio em relação ao desenvolvimento do futebol na cidade. Sobre este aspecto devemos levar em conta alguns fatores. Inicialmente cabe destacar o pioneirismo em relação à organização de um evento esportivo na cidade. Até este momento não encontramos indícios que nos apontem a ocorrência de outras iniciativas voltadas para a realização de um festival totalmente dedicado a prática de diversas modalidades esportivas.

Além desse fato relevante, uma partida de futebol disputada em Juiz de Fora, mesmo sendo executado dentro de um colégio, no longínquo ano de 1893, é bastante significativo em relação à trajetória desta modalidade. Se levarmos em conta a história devidamente documentada, vinculada acerca da introdução do futebol no Brasil, onde reconhece a figura de Charles Miller e Oscar Cox como incentivadores da modalidade no Brasil, o futebol jogado no Granbery em 1893, em período anterior aos paulistas e cariocas, faz desta instituição uma pioneira em relação à prática deste esporte.

Mas, sobre esse pioneirismo, alguns pontos devem ser levados em consideração. Em pesquisas realizadas, tendo como base os periódicos publicados na cidade neste mesmo intervalo de tempo, não relataram a ocorrência tanto do futebol quanto do evento esportivo promovido pelo Granbery. Devido a esta escassez de fontes não temos informações precisas sobre o andamento desta que pode ter sido a primeira partida da modalidade praticada em Juiz de Fora. Não podemos afirmar as reais condições que delinearão esta partida, se o embate ocorreu conforme as regras oficiais divulgadas pela F.A. (entidade responsável pela organização do futebol na Inglaterra) ou se foi apenas um bate bola entre inúmeros alunos, como era comum nos colégios ingleses desde o século XV (VIGARELLO, 2007, p. 423). Além disso, existem documentos que comprovam a realização de partidas esporádicas e pouco informativas pelo Brasil, em data anterior a Miller e Cox e a nota sobre o embate no Granbery. Mas, apesar de não configurar historicamente como a primeira iniciativa direcionada a prática deste esporte no Brasil, o colégio pode ter sido pioneira em relação ao desenvolvimento da

modalidade nos relevados mineiros, pois ainda são ausentes fontes que relataram as partidas anteriores a 1893.

Outro ponto, que vai além deste embate infundável em relação a origem do esporte, está relacionado mais intrinsecamente ao cenário esportivo local. Este evento realizado pelo Granbery demonstra que tanto a direção da instituição quanto a esfera social da cidade parecem estar imbuídas e atentas sobre a constituição de um espaço urbano pautado nos valores advindos da modernidade, como o culto ao físico e a busca de uma saúde corporal, seguindo o adágio *mens sana in corpore sano*. Além desse fato, esta iniciativa pioneira, como dissemos no segundo capítulo, demonstra certo grau de independência dos acontecimentos desenrolados na cidade em relação às iniciativas implementadas no Rio de Janeiro, pois o futebol nesta localidade foi introduzido apenas em 1896 (SANTOS NETTO, 2002). Não é nossa intenção negar que a matriz fluminense, devido a sua posição no cenário nacional e a distância geográfica entre as duas cidades, exerceu significativa influencia na composição da sociedade juizforana. Mas a ocorrência de uma partida de futebol em 1893, em momento anterior ao carioca, nos leva a defender que os eventos decorridos na cidade mineira não foram apenas apêndices das atividades desencadeadas da então capital da República.

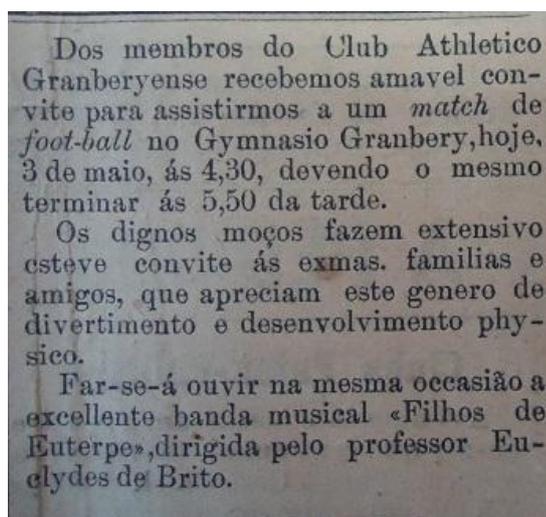
Alheio a estes debates, o Colégio Metodista Granbery sempre destacou no cenário esportivo juizforano. A prática da educação física foi uma especialidade implementada desde o início das suas atividades. Ainda incipiente na esfera educacional local, esta disciplina tinha, conforme a proposta pedagógica do colégio, um propósito bastante claro: atingir o “homem em sua totalidade” (CHRISTO, p.161), disseminando, através de uma atividade prática, o espírito de competição, liderança e destreza, buscando preparar o aluno para os desafios da vida como um todo, e não apenas para o mercado profissional. Segundo Azevedo (1943, p. 6), “*nos campos do Granbery aprenderam a ser briosos, disciplinados, praticar o esporte por amor ao esporte. Aperfeiçoando-se, lá fora são os homens de confiança de seus dirigentes*”. Fazendo um paralelo com as escolas inglesas no quartel final do século XIX, Alain Corbin (2008) consegue definir bem o objetivo destas instituições em relação a adoção dos esportes em seus currículos

O sistema escolar, que se estendia rapidamente, associou a formação clássica com novos modelos de educação moral e de

disciplina, considerava que os esportes, em particular. “formavam o caráter”. Graças a eles, observava o romancista cristão Charles Kingsley, “os moços adquirem virtudes que nenhum livro pode lhes ensinar; não somente a audácia e resistência, mas melhor ainda, um (bom) caráter, o autocontrole, o sentido de fair-play e da honra [...] (CORBIN, 2008, p. 433)

A realização de um evento que reuniu a execução de diversas modalidades demonstra o grau de importância que o colégio destinava as práticas corporais, procurando disseminar o espírito esportivo entre os seus alunos e, de forma geral, entre a população local.

A nota a seguir sobre uma partida de futebol é sinal clarividente da importância das práticas corporais no fomento dos alunos do Granbery. A menção, apresentada pelo *Commercio*, demonstra os objetivos esperados pela execução do esporte bretão: além de ser uma atividade recreativa, essa modalidade era um excelente meio para se alcançar o desenvolvimento físico, moral e intelectual.



Fonte: Jornal do Commercio, 03/05/1905, p.1

O apego as práticas corporais desde a sua introdução fez com que o Instituto Granbery se destacasse no desenvolvimento das práticas corporais em Juiz de Fora. No caso do futebol, a precocidade em relação a sua execução resultou no sucesso da agremiação promovida pelo colégio, tornando-se uma das mais importantes presentes nos primórdios do futebol praticado em Juiz de Fora, quissá em Minas Gerais. Os seguidos embates contra equipes da cidade e de outras regiões, com conquistas de vitórias condizentes, são provas cabais da excelência do

futebol praticado pelos alunos do Granbery. Em dois confrontos, promovidos pelo *Club Athletico Mineiro* de Belo Horizonte, atestam o poderio do time juizforano.

Essa partida realizada contra a equipe da capital mineira nos remete a algumas considerações. O embate foi bastante importante para a história do futebol local. O *Athletico*, time de bastante expressão, oriundo dos campos belo-horizontinos, procurava um adversário de outra localidade para promover a inauguração do seu novo espaço destinado a prática do esporte, localizado na Avenida Paraopebas<sup>7</sup>. O convite, direcionado ao Granberyense, evidencia o nível futebolístico praticado pelos alunos do colégio, que fazia sucesso em excursões pelo estado.

Esse embate, realizado em 12 de maio de 1912, foi o primeiro compromisso intermunicipal promovido pelo clube da capital. Depois de uma sequência infindável de vitórias desde o início das suas atividades em 1909, o *Athletico Mineiro*<sup>8</sup> buscava, em outras cidades, um adversário a altura, que oferecesse maior resistência. Mas, ao que parece, o time da capital subestimou a outra agremiação. O primeiro jogo entre as duas equipes, disputado em Belo Horizonte, terminou em 5 x 1 para o Granberyense, culminando no fim da invencibilidade que durava quase três anos. Não contente, a equipe perdedora, procurando desfazer a humilhação, marcou outro confronto contra a agremiação juizforana, que seria jogada na cidade do adversário vencedor. Em 7 de setembro do mesmo ano foi realizado o embate de volta, disputado no Campo do Largo do Riachuelo. Esta disputa foi noticiada pelo *Commercio*, que demonstra temeroso com o possível resultado deste encontro.

FOOT-BALL — Deverá realizar-se hoje, ás 4 horas da tarde, no largo do Riachuelo um “match” de “foot-ball” entre o 1º “team” do Athlectico Mineiro de Bello Horizonte e a “equipe” da Associação A Granberyense.  
Devido á perda de tres jogadores do 1º “team”, acha-se a “equipe” granberyense impossibilitada de assegurar o campeonato mineiro, que com certeza desta vez passará á valente “equipe” de Bello Horizonte.  
O “team” que defenderá as côres granberyenses está assim constituído : Otto, Jayme, Mafra, Aurelio, Brandi, Sampaio, Morgan, Herbert, Tavares, Totó, Machado.

<sup>7</sup> Informações extraídas do site <http://www.toquedebola.esp.br/esporte-local/2011/04/nossa-historia-em-1912-granbery-faz-5-a-1-na-visita-ao-atletico/>, acessado no dia 12/11/2011.

<sup>8</sup> Apesar de ter sido fundado em 25 de março de 1908, o *Club Athletico Mineiro* disputou a primeira partida oficial quase um ano após do início das suas atividades, somente em 21 de março de 1909. Extraído do <http://www.atletico.com.br/site/cam/historia>, acessado em 03/11/2011.

Fonte: Jornal do Commercio, 07/09/1912, p. 2

Através da nota divulgada pelo *Commercio* é possível extrair algumas considerações importantes acerca desta partida. O jornalista anônimo, como de praxe em reportagens sobre o esporte divulgadas pelo periódico, apresenta informações assaz valiosas, como a escalação do time e os seus respectivos desfalques, mantendo assim o leitor bem informado acerca do andamento do embate. Além disso, devido a ausência de três jogadores, o cronista esboçou um pequeno comentário, onde se mostrou pessimista em relação a uma eminente vitória do *Granberyense* em frente ao *Club Athletico Mineiro*. Mas, o termo mais contundente retirado desta nota foi com relação ao possível campeão mineiro, e que, devido aos desfalques, a equipe da capital tinha grandes probabilidades de sair do embate como a provável campeã. Não temos informações acerca de outros embates neste mesmo momento que configurasse essa partida como uma possível final de um torneio. Segundo a Federação Mineira, o primeiro campeonato institucionalizado que poderíamos chamar de mineiro foi realizado em 1915<sup>9</sup>, tendo como campeão o “Galo” de Belo Horizonte. Talvez, ao divulgar o termo título, o jornalista busca desenvolver dois propósitos: primeiro, seria uma forma de gerar comoção em torno deste embate, em que o vencedor se tornaria o futuro campeão do estado, procurando assim atrair ao campo de jogo, também explicitado na nota, um grande contingente de torcedores. Uma estratégia elaborada para atrair tanto o público quanto leitores, delegando ao vencedor uma vitória épica. Em segundo, esse confronto possivelmente seria uma forma de prestigiar as duas grandes forças do futebol estadual do momento, envolvendo o time da capital, invicto desde o início das suas atividades em 1909 e tendo sofrido apenas uma derrota até 1912, contra uma equipe que acumulava até então vitórias consideráveis, como ao que ocorrera em Belo Horizonte meses atrás. Nada mais natural, para o jornalista da época, considerar o vitorioso deste confronto, que envolveu tais forças, como o campeão simbólico de Minas Gerais.

Não contente com a primeira vitória do confronto, o *Granberyense*, mesmo desfalcado, não deu trégua ao *Athletico*. A vitória da equipe juizforana por três tentos

---

<sup>9</sup> Extraído do site da Federação Mineira de futebol <http://www.fmfnet.com.br>, acessado no dia 13/10/2011.

a zero evidencia a força tanto do time quanto do futebol juizforano apresentado naquele momento.

FOOT-BALL—No “match” empenhado hontem no “ground” do Largo do Riachuelo, entre o 1º “team” do Athletico Mineiro da Capital e a Associação A. Granberyense foi esta vencedora por 3×0 pontos estes feitos por Tavares, Machado e Brandi, sendo que este ultimo goal apezar dos protestos da assistencia, foi annullado pelo juiz.

Como sempre o Granberyriense portou-se á altura do seu renome, tendo-se distinguido o conhecido campeão Tavares e Machado, que muito promette como extrema direita.

Fonte: Jornal do Commercio, 08/09/1912, p. 2

A equipe Granberyense consagrou-se vencedora em frente ao *Athletico* pelo inesperado placar agregado 8 a 1. O jornalista, na nota acima, faz questão de assinalar que o triunfo era algo corriqueiro na recente história da instituição em relação a prática do futebol, destacando o nível elevado em que a modalidade se encontrava tanto no meio da escolar quanto fora deste espaço. Além disso, o responsável pela menção fez questão de enumerar os destaques da partida, evidenciando o jogador Machado como uma próspera revelação. As extraordinárias vitórias do time do colégio, deixando perplexos os jogadores adversários, atestam a superioridade futebolística juizforana em frente ao praticado na capital, uma clara demonstração do nível das disputas desempenhadas nos relvados da cidade.

O sucesso do *Granberyense*, resultado da sua precocidade em relação a prática do futebol, foi um das primeiras conquistas significativas registradas pelo futebol local. Este bom momento, liderado por um colégio, parece ter se alastrado por outros espaços escolares da cidade. A partir da década de 1910, presenciemos um significativo aumento de equipes ligadas as instituições educacionais na cidade. Até o período analisado, o *Jornal do Commercio* publicou o surgimento de 11 agremiações escolares, dentre elas se destacam as do Colégio Academia de Comercio, Grupo escolar e Machado Sobrinho.

Além do sucesso do *Granberyense*, a popularização da educação física nos colégios locais foi um fator preponderante para a popularização do esporte bretão nos espaços educacionais de Juiz de Fora. Segundo Cunha Junior e Vargas (2007), na primeira década do século XX, diversas instituições educacionais da cidade se mobilizaram em torno da adoção de várias modalidades físicas em seus currículos. A multiplicidade utilitária apresentada pelo futebol, considerado como uma completa e saudável atividade física, foi um dos aspectos responsáveis pela adoção desta modalidade por parte dos colégios locais: através do esporte bretão é possível emanar em seus alunos o aprimoramento físico, obtido através de corridas e chutes, como também desenvolver nos mesmos aspectos morais, como liderança, jogo em equipe e individualidade. O futebol se apresentava como um instrumento pedagógico bastante completo, uma excelente atividade para ser implementado pelos currículos escolares.

#### 4.7 Liga da distinção?

O termo utilizado para nomear esta parte do trabalho não é original. Ele já foi proferido em outra oportunidade, no livro de Leonardo Afonso Pereira denominado *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*, editado em 2000. Liga da Distinção foi adotado pelo pesquisador como uma forma de caracterizar o momento inicial do futebol carioca, principalmente após a criação da primeira liga que organizaria o esporte daquela localidade. Neste momento, tanto esta instituição quanto algumas agremiações procuravam criar obstáculos para impedir a expansão da atividade em direção a outras pessoas e *locus* que não se constituíam como parte integrante da elite local. A cobrança elevadíssima de jóias exigidas no ingresso e mensalidades exorbitantes são alguns instrumentos de exclusão adotados pelos clubes da fina camada carioca. Era uma forma de afastar pessoas incompatíveis com o seu meio social. A Liga, por sua vez, aceitava em seu quadro de afiliados apenas agremiações oriundas do mundo *chic*, de clubes pertencentes a elite. Esses mecanismos de exclusão eram publicados por diversos jornais do Rio de Janeiro, deixando claro em suas páginas que tais entidades esportivas não eram espaços democráticos, abertos para quaisquer “tipos” de

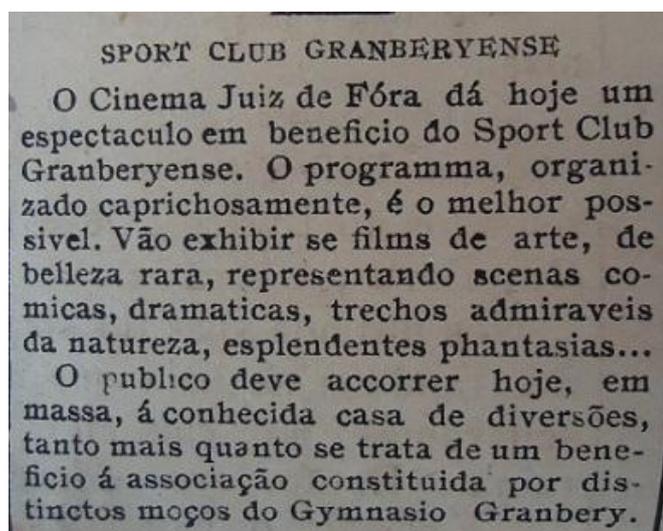
pessoas. Segundo o autor, essa distinção foi uma forma de assegurar aos membros da fina camada a prática do futebol, que, para atingir tal objetivo, ambicionava conter qualquer indício de popularização da modalidade. Além disso, segundo o pesquisador, estes expedientes discriminatórios estavam inseridos em uma perspectiva social mais ampla e profunda. A exclusividade na execução do esporte bretão seria um instrumento de perpetuação da superioridade que este extrato social exerceria sobre grande parte da população carioca, poder presente desde os tempos da escravidão. Mas, como vimos no capítulo anterior, essa Liga da Distinção se perdurou por um breve período, onde a ação de torcedores e alguns jornais da época culminaram no fim desta forma de discriminação.

Nos periódicos locais não presenciamos a adoção deste modelo de exclusão por parte das equipes e clubes de Juiz de Fora. Diferente do notado em diários de Belo Horizonte e Rio de Janeiro, no *Jornal do Commercio* não foram identificados menções sobre expedientes discriminatórios, como jóias e mensalidades absurdamente elevadas, que procurassem distinguir o nível social dos praticantes do futebol na cidade. Além disso, o *Commercio* procurava divulgar em suas páginas partidas envolvendo agremiações de origens modestas, como o *Tupy Foot-ball Club* e o *Operário*, ambas reuniam em seus quadros jogadores de origens humildes, em grande parte composta por trabalhadores braçais provenientes das indústrias locais. Essas notas são evidências de que o periódico não compactuava com mecanismos de exclusões. Também não temos informações concisas sobre a adoção, por parte dos clubes locais, destes instrumentos discriminatórios durante as primeiras décadas do século XX.

Apesar da inexistência de menções concretas acerca de mecanismos excludentes, algumas notas publicadas pelo *Commercio* são passíveis de algumas considerações. Inicialmente, a maioria das notas recolhidas sobre enfrentamentos abrangiam agremiações provenientes dos colégios locais. Partidas que envolviam o Granbery, Academia de Comercio, Machado Sobrinho e entre outras apresentam-se com um número considerável, se levarmos em conta a totalidade das notas recolhidas. Como convém enfatizar, tais colégios eram particulares, portanto frequentados por membros constituintes da fina camada social. Além disso, são ausentes notícias acerca da prática do futebol provenientes de outros espaços de Juiz de Fora, além dos proferidos pelo diário, como o *Alfândega* e o *Campo do Riachuelo*, locais preferidos pelas agremiações educacionais. Mesmo ausente, as

notas sobre mecanismos diretos de exclusão, o *Commercio*, ao delegar grande parte da sua cobertura a clubes provenientes de colégios particulares, relegando outras equipes e espaços, estaria de certa forma contribuindo para um possível processo de elitização do futebol em Juiz de Fora.

Não temos informações acerca dos instrumentos adotados pelas equipes locais para a manutenção das suas atividades. Ainda que fossem agremiações, em sua maioria, formadas por alunos de instituições educacionais privadas, o dispêndio envolvendo os jogos, principalmente os amistosos intermunicipais, eram bastante elevados para serem acobertados somente pelos colégios. Então, como tais equipes conseguiam financiamentos, que vão desde o material básico, como bolas e uniformes, até o custeio das excursões, em um período onde o transporte era limitado e caro? Como, apesar da falta incentivos públicos e particulares, em um período marcado pelo amadorismo, essas equipes conseguiam praticar, como certa desenvoltura, o futebol? Essas indagações são importantes para delimitarmos o funcionamento do esporte bretão em Juiz de Fora. Não sabemos ao certo quem patrocinava as incursões desses times, principalmente aqueles que não se estabeleceram como clubes sociais. Mas, uma nota divulgada pelo *Commercio* nos aponta uma resposta para tais questionamentos.

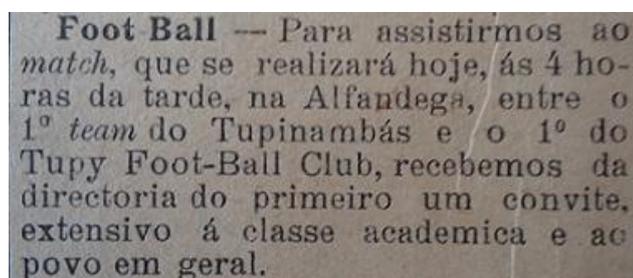


Fonte: Jornal do Commercio, 25/08/1909, p.2

A menção acima está relacionada com um dos canais de financiamento utilizado pelas agremiações locais para custear a prática do futebol. No caso, o *Sport Club Granberyense* busca, através da cessão de cinema, uma atividade

cultural bastante difundida na cidade no início do século XX, arrecadar fundos necessários para o seu funcionamento. Não sabemos se esse expediente foi utilizado por outras equipes locais, mas essa forma de arrecadação não era inédita no cenário esportivo de Juiz de Fora. Na virada do século, quando a cidade estava tomada pela velocipedia, eram constantes realizações de corridas dedicadas a auxiliar a capitalizar diversas entidades, como clubes carnavalescos, companhias de teatro e outras atividades esportivas, como o turfe. Portanto, essa forma de financiamento era um expediente bastante utilizado para a manutenção das mais variadas atividades desenroladas na cidade. No caso do Granbery, esse modelo de arrecadação evidencia que, apesar de ser uma equipe formada por uma instituição educacional particular, ela não compartilhava os mesmos brios de algumas agremiações elitistas presentes no Rio de Janeiro e Belo Horizonte, que representavam a alta sociedade. Pelo contrário, o time local procurava outros meios para manter as suas atividades extraclasse, diferente da observada nas duas capitais.

Como foi relatado, o *Jornal do Commercio* não procurava, em suas notas relacionadas ao futebol, descrever o perfil social do público que acompanhava os embates, como ocorriam com certa frequência nos periódicos tanto cariocas quanto da capital mineira. Também temos poucas informações, como fotografias e descrições densas, acerca da estrutura voltada para atender essa assistência. Somente em 1912 o diário local comenta algo sobre uma possível divisão do setor de arquibancadas.



**Foot Ball** -- Para assistirmos ao *match*, que se realizará hoje, ás 4 horas da tarde, na Alfandega, entre o 1º *team* do Tupinambás e o 1º do Tupy Foot-Ball Club, recebemos da directoria do primeiro um convite, extensivo á classe academica e ao povo em geral.

Fonte: *Jornal do Commercio*, 22/09/1912, p.2

O convite recebido pelo jornalista para acompanhar uma das primeiras partidas envolvendo um dos clássicos de maior rivalidade do futebol local nos demonstra que havia uma divisão de espaços na estrutura voltada para atender ao

público. O ingresso recebido pelo profissional valeria tanto para uma área denominada acadêmica, que a julgar pela nomenclatura talvez seja representada pela elite local, quanto para o espaço destinado ao povo em geral, não constituinte da fina camada.

Apesar do jornal não demonstrar preconceito em relação as disputas envolvendo times de classes inferiores, como o operário *Tupy*, observamos, através de algumas notas publicadas, que o diário demonstrava e compartilhava aspectos inerentes a um processo de elitização do futebol praticado nos relvados locais. Mesmo com a ausência de estruturadas entidades esportivas o *Commercio* pronunciava retratar o perfil social e esportivo de Juiz de Fora, assim como ocorria, de uma forma geral, nas cidades do Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

#### 4.8 Participação da imprensa

Assim como em outros centros, a participação da imprensa foi essencial para o processo de afirmação de popularização do futebol em Juiz de Fora. Vimos que este meio de comunicação foi substancialmente fundamental no desenvolvimento do esporte bretão em outros relvados, onde, a passos lentos, a modalidade se esvaneceu os ares essencialmente elitistas para ser tornar uma prática popular. As incessantes notas publicadas voltadas para relatar o elevado número de assistência, o surgimento de agremiações e comentários sobre resultados dos embates favoreceram na criação de um atmosfera positiva em relação a prática do futebol na Manchester Mineira. Especificamente, analisaremos, em esfera local, o apoio do *Jornal do Comercio* inserido dentro desse processo de afirmação do esporte bretão nos relvados juizforanos. Procuraremos identificar as estratégias utilizadas por este diário como forma de atrair um número cada vez maior de *sportsmens* interessados na prática desta nova modalidade, contribuindo tanto para aumento no número de praticantes quanto de vendagens.

Mas, a obtenção do apoio por parte do periódico local em relação ao futebol praticado na cidade foi alcançado após um breve período. Inicialmente, como já comentamos, a participação do *Jornal do Comercio* em relação as notas desempenhadas sobre o futebol ocorreu de forma tímida e tardia, se compararmos

com Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Em 1904, data da primeira menção ao esporte identificada no diário local, a imprensa das capitais mencionadas já se mostrava bastante afeiçãoada ao esporte bretão, com notícias sobre formação de agremiações e certames desenrolados, algo apresentado tardiamente pelo diário local, presente somente dois anos depois.

Neste período de estudos dedicados a cobertura futebolística observamos avanços em relação ao tratamento dispensado pelo *Jornal do Commercio*. Os anos de 1906 e 1907 foram marcados por uma explosão no número de menções destinadas ao esporte bretão. Apesar do relativo atraso, onde a capital mineira e fluminense presenciava os seus primeiros campeonatos, as notas desempenhadas sobre a modalidade sofreu um acréscimo bastante considerável, principalmente com publicações de notícias vinculadas a formação de times e embates realizados entre as diversas agremiações locais.

No período no qual se estende esta pesquisa, o *Jornal do Commercio* utilizou alguns instrumentos para incrementar o apoio destinado a prática futebolística na cidade. Excluindo o embate envolvendo o *Granberyense* e o *Athletico Mineiro*, esteve praticamente ausente das páginas do diário a publicação de notas que adotassem uma linguagem voltada para a criação de mitos ou passagens heróicas, expediente bastante utilizado para incrementar as vendas dos jornais durante virada do século XIX para o XX. O diário local utilizou de outros instrumentos para atingir o mesmo objetivo.

Inicialmente, uma das estratégias utilizadas pelo diário perpassava pela cobertura e divulgação de confrontos entre equipes locais e outras oriundas das mais diversas localidades. Nos idos da década de 10, com o desenvolvimento da modalidade e da cobertura realizada pela imprensa da época, observamos a formatação de outros expedientes utilizados pelo diário como forma a de atrair tanto leitores quanto futebolistas. Um dos meios utilizados foi a divulgação das seções de treinos realizados por algumas equipes locais. Estas, bastante estruturadas em relação ao início do século, buscavam, através destas atividades, obter um aprimoramento em relação a prática futebolística. Não temos notícias concretas acerca da metodologia e das atividades realizadas nestes encontros, ocorridos durante o andamento da semana. Possivelmente eram totalmente adversos ao sistema de treinamento adotado pelas agremiações atuais, apesar de compartilharem do mesmo objetivo, a busca pela melhora técnica e física.

Naqueles tempos não havia estudos abalizados sobre a obtenção de um aprimoramento físico no futebol e nem profissionais gabaritados e exclusivos ao exercício da modalidade, como preparadores físicos, fisiologistas, nutricionistas e médicos, algo prosaico em uma estrutura clubística contemporânea. O treino, no início do século XX, era uma prática recente, adotada na Europa desde o final do século XIX. Esta atividade buscava, de uma forma geral, “através da repetição de exercícios, o lento desenvolvimento e, conseqüentemente, o crescimento pessoal, procurando realizar todos os dias e sem muita fadiga um esforço maior que na véspera” (VIGARELLO, 2008, p. 200).

Santos Neto (2000), ao trabalhar com a constituição histórica do futebol em São Paulo, nos apresenta indícios acerca de como eram os treinamentos exercidos pelos praticantes desta modalidade. Em sua análise sobre os clubes paulistanos, o autor destaca que eles modificaram a sua forma de trabalhar durante a semana, trocando as simulações de partidas, prática comum até aquele momento, por exercícios físicos regulares. Por não dispor sempre de um elenco completo para realizar encontros amistosos, os clubes optaram, durante dias de intervalos entre as partidas, por atividades voltadas para o condicionamento físico dos jogadores. Para atingir esse objetivo, foram introduzidos diversos procedimentos, tais como corridas de 100, 200, 400 e 800 metros, além de luta romana, ginástica alemã e halteres, todos buscando o aperfeiçoamento do condicionamento físico dos seus jogadores. Evidente que os treinos não se resumiam somente a execução destas atividades. Quando havia disponibilidade de jogadores, ocorria, complementadamente, uma partida amistosa entre membros de uma mesma equipe.

A realização de treinos foi constantemente noticiada pelo *Jornal do Commercio*, principalmente após 1910. Neste período são comuns as menções impressas no diário informando os treinos das agremiações juizforanas, contendo também o local e o horário em que seriam realizados os exercícios.

FOOT-BALL — “Associação Athle-  
tica Eduardo de Menezes” *versus* “Aca-  
demia de Commercio”. — Realiza-se  
hoje, ás 11 horas, no *ground* da Aca-  
demia de Commercio, um *match* de  
*foot ball* entre as *equipes* acima men-  
cionadas.

O *match* promette ser muito ani-  
mado por estarem as duas *equipes*  
bem *trenadas* e equilibradas.

Os *teams* estão assim constituídos:

A. A. Eduardo de Menezes  
Flomino  
Paulo F. Freire  
Clovis Alirio Gallo  
Bicharra Veiga Cesario Archimides Fonseca

Academia de Commercio  
Henrique  
Celico Oscar  
Meton Edilio Lot  
Ventania Lopes Rangel Raul Octavio

—

Haverá hoje no *ground* do “Tupy”  
um *training* official de *foot ball* entre  
o primeiro *team* *versus* segundo, des-  
te club. O encontro dar se á ás 4  
horas da tarde.

Fonte: Jornal do Commercio, 03/05/1914, p. 2

A nota acima apresenta duas informações relevantes em relação ao nível do futebol praticado em Juiz de Fora. Os treinamentos talvez seja uma evidencia do grau de relevância que a modalidade havia atingido nos gramados locais, onde, para superar a equipe adversária, seria necessário um aprimoramento da sua prática, obtido principalmente através dos treinos. O jornalista anônimo responsável pela menção da partida destaca que o embate entre as duas equipes seria bastante disputada, pois ambas são “bem *trenadas* (sic) e equilibradas”. A segunda parte da nota destaca que, horas mais tarde, haveria um encontro no “*ground*” do Tupy, onde seria realizado um treinamento oficial entre os quadros que compunham esse time. Com esses tipos de informações, o periódico buscava manter o seu leitor inteirado sobre o andamento do futebol praticado na cidade. Um expediente bastante solicitado durante a década de 10, onde procurava, através destas notícias inerentes aos acontecimentos cotidianos dos clubes, aliciar e formar leitores, buscando assim atingir talvez dois objetivos: atrair um público para a prática deste esporte e consequentemente incrementar o número de vendagens do jornal.

Além desse sentido mercadológico, algo prosaico na imprensa esportiva em geral, o *Jornal do Commercio* cumpria um sentido utilitarista para a configuração do esporte bretão em Juiz de Fora. A constante e numerosa divulgação de treinos era assaz importante para o estabelecimento e expansão das atividades desta modalidade. Durante o período analisado não encontramos anúncios ou notas referentes a publicação ou comércio de manuais voltados especificamente para a

prática do futebol. Vimos que tal meio foi essencial para o estabelecimento e popularização desta modalidade nos relevados do Rio de Janeiro e Belo Horizonte, onde também eram constantes as notícias sobre o desenvolvimento desta modalidade em outros locais, como na Europa. Em esfera local não identificamos também esse tipo de informação. Para cobrir esta lacuna pedagógica em relação a introdução do futebol, os jornais da cidade, principalmente o *Commercio*, buscavam publicar a ocorrência de treinamentos, pois, além de atrair maior número de leitores e praticantes, estes serviriam como uma forma de instrumentar os interessados na arte de jogar o esporte bretão, aprendendo fundamentos básicos inerentes ao jogo, como regras, passes, posicionamento, chutes, modelos de marcação, etc. Portanto, os exercícios, além de buscar um aprimoramento físico e técnicos das agremiações, eram também excelentes oportunidades para apresentar o jogo a um público ansioso em conhecer e dominar a arte da bola.

Em relação aos anúncios, expediente assaz importante para a manutenção dos periódicos, não encontramos quaisquer menção mercadológica em relação ao futebol. A utilização das modalidades esportivas aliadas a mercadorias eram (e ainda é) uma estratégia bastante salutar para os jornais, que lucravam com a venda do seu espaço para os anunciantes, enxergando na aliança com esportistas uma forma assaz eficaz de alavancar as suas vendas. Este expediente era também vantajoso para os atletas, que encaravam estas ocasiões uma oportunidade de arrecadar recursos com a sua performance, em um período marcado pelo amadorismo e ganhos parcos. No Rio de Janeiro, um dos primeiros anúncios voltados especificamente para o futebol data do final do século XIX. Melo (2008) ao retratar a relação entre imprensa, esporte e mercado publicitário na então capital da República, identifica, nos final dos anos 1910, o anúncio de uma cerveja chamada Foot-Ball. Além de adotar um nome que buscava uma identificação com o esporte, a bebida também publicava fotos de jogadores, acompanhado do seguinte slogan: “a resistência desses campeões deve-se às magníficas qualidade medicinais da excelente Cerveja Foot-Ball”. Essa relação entre esportistas, mercado publicitário e jornais foi essencial para o incremento da cobertura da imprensa destinadas as práticas corporais.

O *Jornal do Commercio*, como muitos diários contemporâneos, utilizavam bastantes anúncios em seus espaços, dedicando as duas páginas finais para os informes comerciais. Mas, durante o período analisado, não encontramos menções

sobre a estratégia de aliar mercadorias de consumo ao futebol. O mercado publicitário, voltado para a prática esportiva, mostrava, até meados da década de 1910, ainda bastante incipiente.

#### 4.9 Competições

As competições desenvolvidas em torno do esporte bretão sofreram bastante atraso em comparação a outras localidades. Apesar de encontrarmos notas referentes ao esporte no longínquo ano de 1893 e a presença nas páginas do *Jornal do Commercio* em 1904, a prática da modalidade na cidade se resumia a amistosos disputados entre as equipes locais e oriundas de outras cidades. Durante o período introdutório desta prática não temos informações em relação as iniciativas movidas pelos esportistas em torno da institucionalização do futebol. Portanto, no decorrer da primeira década do século XX não foram constituídas ligas e campeonatos oficiais envolvendo as agremiações da cidade. Somente no ano de 1914 encontramos menções em relação à intenção de constituir uma entidade representativa voltada para a prática da modalidade, que se encarregaria de organizar e formatar a primeira competição oficial de futebol organizado em Juiz de Fora.

Rio de Janeiro e Belo Horizonte já apresentavam, desde os momentos iniciais da introdução deste esporte, disputas oficiais envolvendo equipes destas localidades. A capital fluminense se destacou neste quesito, onde a fundação de uma liga voltada para a modalidade e um bom número de agremiações propiciou vida longa a competição, iniciada em 1906. Além disso, clubes da periferia, marginalizados pela instituição oficial, organizaram em suas localidades ligas congêneres, que se responsabilizavam em constituir campeonatos disputados no subúrbio carioca. Na capital mineira vimos que a realização de um torneio ocorreu de forma prematura, assim como a formação da instituição que organizaria o futebol, ocorrido no ano de 1904. Mas, devido a sua precocidade, o falecimento de Victor Serpa (figura importante para o esporte daquela localidade) e pouco envolvimento das agremiações locais ocasionou a interrupção das competições consideradas oficiais. Enfim, os dois centros procuraram desde os seus primórdios institucionalizar

o futebol praticado, principalmente através da organização de ligas e campeonatos envolvendo equipes que compunham a esfera futebolísticas destas cidades.

Esse movimento em torno da formação de uma entidade dedicada exclusivamente a organização do futebol ocorreu de forma tardia em relação a outras cidades além das duas capitais mencionadas. Em 20 de novembro de 1912 encontramos uma nota no *Jornal do Commercio* mencionando a formação de um campeonato de futebol a ser disputado pelas equipes de Barbacena, cidade situada no Campo das Vertentes, próxima a Juiz de Fora. Essa notícia não apresenta informações mais precisas acerca desta disputa, como quais agremiações participantes, os locais de disputa, tabelas, a existência de uma liga e o nível do futebol praticado naquela cidade. Não encontramos explicações para o fato de Juiz de Fora, uns dos centros econômicos e futebolístico mais proeminentes do estado, ter apresentado situação de atraso em relação a organização da modalidade. Talvez, por ser constituída em grande parte por equipes ligadas a colégios, onde a disputa de competições não constitui um dos parâmetros defendidos pela valorização das práticas corporais nestas instituições, a comunidade ligada ao esporte não demonstrava interesse, *a priori*, na formação de torneios e ligas voltadas para a prática da modalidade nos campos da cidade.

Até 1914 encontramos nas páginas do *Jornal do Commercio* apenas duas menções de campeonatos disputados na cidade, ambos desenrolados dentro da esfera escolar. Logo abaixo uma nota encontrada sobre uma disputa intercolegial.

**Onde se diverte**

FOOT-BALL — Realizou-se antontem, a 1 1/2 hora da tarde, no ground da Academia, um match de foot-ball entre a 4ª serie e um scratch, formado da 1ª, 2ª, e 3ª series, match este do Campeonato Inter-Collegial.

Os teams, sob a regencia do correcto referee sr. José Lopes, do Ordem e Progresso Foot-Ball Club, dispuzeram-se na seguinte ordem:

4ª serie  
Alvaro  
Procopio, Aristides  
Boecke, Oscar, Pedro,  
Aristillo, Tenente, Donato, Luiz, Jorge  
H. Oscar, Nelson, Aristides, Agenor  
Raul, Encirnação, Mendes  
Loures, Chico  
Inimá  
Scratch

A sahida coube ao Scratch, que durante todo o 1º half time deixou-se dominar, conseguindo a 4ª serie, após 8 minutos vasar pela 1ª vez o goal do Scratch. Este goal foi feito por Aristillo, com forte "kick" a 30 jardas. Mais alguns minutos de jogo è accusado um "hands" contra o "Scratch"; bem tirado por Donato, e excellent "center-forward", principalmente no jogo de cabeça, com um forte "kick" a bola yasa pela 2ª vez o "goal" do "Scratch". Este "goal", posto que bem feito, não foi considerado valido pelo juiz. O 1º "half-time" terminou, pois, com o seguinte resultado:

4ª serie	1 "goal"
Scratch	0

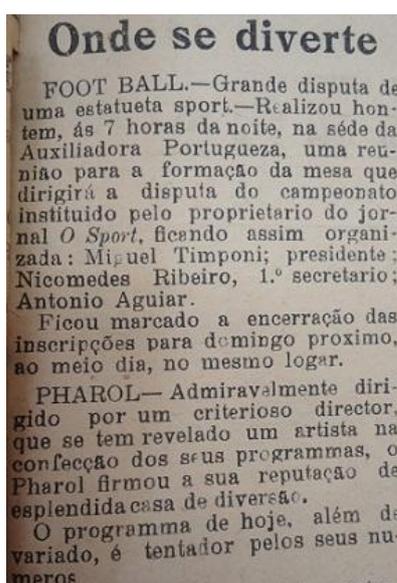
Após o descanso regulamentar, entraram novamente em campo os denodados jogadores. Os "players" do "Scratch", vendo imminente a derrota, redobram de esforços, porém, desastadamente, pois commetteram muitos "fouls", contra a 4ª serie, punidos pelo juiz.

Estes esforços foram baldados pelas excellentes defesas de Boeck, "half back" e pelo calmo e adestrado "goal-keeper" Alvaro. O jogo terminou com a victoria da 4ª serie pelo "score" de 1 goal a 0.

Fonte: Jornal do Commercio, 02/09/1913, p.2

A nota anterior é bastante importante em relação ao futebol praticado em Juiz de Fora. A partida, realizada no campo do colégio Academia, envolveu uma seleção de alunos de variadas séries contra uma agremiação onde estariam jogadores representantes da quarta série. A disputa, bastante acirrada, terminou em vitória para o segundo time, por um gol a zero. Além de apresentar um comentário completo sobre o andamento do jogo, como as equipes envolvidas, o autor do gol, descrição dos principais lances e comentário sobre o desempenho de alguns jogadores, a menção sobre o campeonato intercolégio evidencia o caráter escolar que predominava o futebol local em seus anos iniciais, onde a existência de diversas agremiações ligadas às instituições escolares levou à realização de um campeonato próprio, em uma época onde era inexistente notícias acerca de disputas envolvendo equipes fora do âmbito escolar.

Somente em 1914 o jornal publicou a iniciativa dos clubes que compunham a esfera futebolística da cidade em direção à formação de uma liga. Mais adiante, esta instituição se encarregaria de organizar um campeonato. Anos de atraso se compararmos com outras localidades, tais como Rio de Janeiro (1906), Belo Horizonte (1904) e Barbacena (1912). Em agosto deste mesmo ano o periódico local publicou a intenção de alguns representantes locais em organizar uma entidade representativa voltada para prática e organização do futebol na cidade.



Fonte: Jornal do Commercio, 07/08/1914, p. 2

A menção acima publicada pelo *Commercio* demonstra a primeira iniciativa de alguns personagens em formar um campeonato a ser disputado por equipes locais. Essa nota denota alguns aspectos importantes e inéditos sobre a relação entre a imprensa e o futebol. Inicialmente, a notícia se mostra relevante pelo ineditismo de tal ação, possivelmente proveniente do nível futebolístico e do número de equipes que compunham o cenário do esporte em Juiz de Fora, elementos que contribuíram para a formação de uma disputa. Outro ponto interessante demonstrado pelo periódico está relacionado ao patrocínio do futuro evento. Até este momento não identificamos quaisquer estratégias comerciais em torno da prática futebolística. Iniciativa comum no Rio de Janeiro, este expediente, que procura aliar mercadorias e empresas a eventos esportivos, se configura como fato inédito em relação às publicações e acontecimentos que envolviam a modalidade praticada em esfera local. A iniciativa pioneira partiu de um jornal denominado *Sport*<sup>10</sup>. Esta prática evidencia uma estratégia bastante utilizada pela imprensa, onde esta, buscando potencializar o número de vendas e, conseqüentemente, de anúncios pagos, passa a patrocinar eventos esportivos. Não temos informações precisas acerca da atuação deste jornal no ambiente juizforano, mas o apoio e a liderança na formação de um campeonato local é um indício de que tal publicação era reconhecida e provavelmente comercializada na cidade.

O anuncio definitivo sobre a atitude pioneira sobre a formação de uma liga voltada para a prática do futebol foi publicado pelo *Jornal do Commercio* em agosto de 1914.

---

<sup>10</sup> Não temos maiores informações acerca deste jornal. Não existem exemplares e também não há registros sobre o seu paradeiro.



Fonte: Jornal do Commercio, 19/08/1914, p. 2

A nota publicada pelo periódico apresenta certa ansiedade em relação à organização de uma liga que seria responsável pela organização do primeiro campeonato envolvendo equipes locais. A formação de um quadro diretivo que organizaria a instituição e a realização do primeiro jogo da disputa ocorreu em curto espaço de tempo. Além disso, a menção publicada pelo diário traça comentários sobre o certame inaugural do recém criado campeonato, envolvendo as equipes do Granberyense e Tupinambás, disputada no campo do Riachuelo. A agremiação do colégio sagrou-se vencedora, fazendo três gols contra apenas um do adversário. Esse resultado fez com que a equipe representante do colégio Granbery entrasse novamente para história, tornando-se a primeira a disputar e vencer um embate organizado por uma liga em Juiz de Fora.

Apesar da atmosfera positiva que envolveu a disputa do primeiro campeonato, a imprensa local dedicou pouco espaço a esse evento. Faltam informações acerca deste acontecimento esportivo. Não foram divulgadas as equipes que constituíram tanto a liga quanto as que disputaram o campeonato. A nota acima foi a única menção acerca do evento futebolístico ocorrido em Juiz de Fora. Assim como pioneiro campeonato envolvendo equipes de Belo Horizonte, fato ocorrido 1904, não foram também encontradas notas sobre o andamento e encerramento acerca deste evento futebolístico disputado nos relvados na Manchester Mineira.

Não sabemos ao certo o motivo que levou o *Jornal do Commercio* a ignorar a ocorrência de um primeiro campeonato organizado por uma liga de futebol da

cidade. Não houve comunicados oficiais acerca do andamento ou cancelamento da disputa. A possível razão que explicaria o desleixo apresentado pelo diário pode estar calcada em um acontecimento histórico que abalou a sociedade mundial como um todo. Ao mesmo tempo em que eram disputadas as primeiras partidas do campeonato de futebol, foi desencadeada a Primeira Guerra Mundial, conflito que ocorreu majoritariamente na Europa, mas que envolveu quase todos os continentes do planeta. Esse evento, ocorrido concomitante ao desenrolamento do torneio promovido pela liga local, ocupou os noticiários da mídia impressa na época, incluindo os periódicos da cidade. Durante os primeiros meses do conflito escassearam as notícias acerca tanto do futebol local quanto das práticas esportivas e culturais realizadas em Juiz de Fora. O embate bélico e as notícias decorrentes deste fizeram com que os diários locais voltassem as suas atenções em torno dos conflitos desenrolados nas sucessivas batalhas. Esta quase exclusividade das notícias decorrentes da Grande Guerra levou em consideração o contexto da formação populacional de Juiz de Fora, que se configurou como uma cidade ocupada e formada por diversos grupos de imigrantes, principalmente composto por alemães e italianos, habitantes oriundos de nações que estavam participando ativamente do conflito, ocupando, inicialmente o mesmo lado do *front*. Devido provavelmente a este aspecto, o *Jornal do Commercio*, procurando informar os habitantes locais sobre o desenrolamento do combate, dedicou pouco espaço aos acontecimentos esportivos e culturais, principalmente em relação ao campeonato de futebol local.

Somente quatro anos depois da Guerra temos informações sobre a ocorrência de outro campeonato de futebol envolvendo as equipes da cidade. Este torneio, organizado pela recém criada *Sub Liga Mineira de Desportos Terrestres*, foi inicialmente composta por quatro agremiações locais: o *Tupy*, *Tupinambás*, *Sport* e o extinto *Renato Dias* (GERHEIM, 1978). O evento, que teve início em 9 de junho de 1918, terminando em 6 de abril do ano seguinte, culminou com a conquista do *Sport*, tornando-se o primeiro campeão oficial de um torneio organizado por equipes que compunham o cenário futebolístico de Juiz de Fora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa procurou identificar o processo de introdução das práticas corporais em Juiz de Fora. Através principalmente das fontes jornalísticas procuramos observar o processo de absorção, por parte da população local, de diversas modalidades esportivas. Dentre esses novos eventos destacamos o futebol, prática corporal de origem inglesa e que se popularizou pelo território brasileiro durante a virada do século XIX para o XX.

O recorte temporal trabalhado foi um período em que Juiz de Fora passou por intensas e significativas transformações. O intervalo entre os anos de 1904 a 1914 talvez tenha sido um dos momentos mais marcantes da história da cidade. Novos padrões urbanísticos, instalação de diversas instituições escolares, preocupações em torno da saúde, com instalação da Sociedade de Medicina e Cirurgia e ações voltadas para melhorias em torno do saneamento básico são algumas inserções que Juiz de Fora presenciou neste momento. Este movimento, engendrado principalmente pelas elites locais, buscou modernizar o espaço urbano, introduzindo diversos aspectos que estavam em voga durante a transição do século XIX para o XX, presentes nas matrizes européias e nas principais cidades brasileiras, tendo destaque o Rio de Janeiro. Segundo Christo (1994) este período foi marcado pelos valores, apregoados pela Modernidade, um período histórico de transformações velozes, de intenso consumo de mercadorias, de crença no progresso e na ciência (GIDDENS, 1991). A sociedade local, possuía em modernizar a cidade, buscou introduzir na cidade valores provenientes desta nova era.

É nesse período que observamos em terras brasileiras o desenvolvimento das práticas corporais e de diversão, também símbolos identificados com a sensibilidade moderna que se desenvolvia na época. Neste sentido, procuramos perceber se tal processo ocorreu em Juiz de Fora e elegemos o Jornal do *Commercio*, uns dos principais meios de comunicação da época, como nossa fonte principal.

A presença de práticas corporais na cidade, implementadas a partir do *fin di siècle*, atesta esse período de intensas transformações. Aprovados e estimulados pelos discursos científicos ou por modismos da época, os exercícios físicos eram sinônimos de modernidade. Segundo Allen Guttmann (1982) o esporte é distinguido como um fenômeno que pertence a mesma substância das sociedades modernas.

Apresenta aspectos semelhantes à modernidade dos oitocentos, como a igualdade de condições de acesso, racionalização das regras, organização burocrática, etc. Portanto, analisar as condições de implementação das práticas corporais em Juiz de Fora é um instrumento assaz colaborativo para analisar a atuação da modernidade na cidade mineira.

O presente trabalho acerca do processo de introdução do futebol nos relvados juizforanos foi calcado basicamente em fontes jornalísticas. Procuramos, durante o andamento da pesquisa, relatar a relevância da imprensa no processo de inserção e popularização de diversas modalidades esportivas. Procurando atrair uma gama maior de leitores e anunciantes, os jornais passaram a acompanhar com mais afinco e um olhar mais clínico o desenrolamento de disputas e competições que envolvia as mais diversas modalidades esportivas. Esse maior interesse por parte da imprensa foi um dos principais responsáveis pelo sucesso compartilhado por diversas práticas corporais durante o quartel final do século XIX e no período inicial do século XX.

Apesar de essencial no estudo do processo de afirmação e popularização das práticas corporais, as fontes jornalísticas precisam ser utilizadas com parcimônia. Esse tipo de fonte é marcado pela subjetividade, onde diversos interesses estão envolvidos. Por isso o historiador deve estar atento a algumas questões inerentes a este objeto de pesquisa, como o grupo que o gerencia, o público destinado, as fontes de receitas entre outros. Portanto, apesar de bastante informativo e esclarecedor acerca do período destinado a pesquisa, o pesquisador, ao adotar a fonte jornalística, necessita estar imbuído destas questões, relevantes para a constituição de um trabalho histórico onde a imprensa é o principal canal de informações.

Além do processo de introdução das práticas corporais, outra questão proeminente e que merece maior investimento é a afinidade entre Juiz de Fora e o Rio de Janeiro. Notamos um conjunto de trabalhos sobre a história da cidade mineira que parecem querer atrelar seu desenvolvimento social e cultural ao cenário carioca. Não se trata aqui de defender ou atacar essa representação, mas é preciso apresentar argumentos mais consistentes para estabelecer tal relação. No caso das práticas corporais foi possível perceber a existência de relações entre as duas cidades. Observamos que algumas modalidades que fizeram sucesso no Rio de Janeiro era, em breve espaço de tempo, transposto para a cidade mineira, como

ocorreu com a velocipedia, modalidade que recebeu grande atenção por parte da imprensa juizforana da época. A atuação de alguns aspectos, como facilidade de transporte e a presença de uma interligação econômica, principalmente estimuladas pelos setores que envolviam o comércio e agricultura, foram essenciais para o transbordo de alguns aspectos inerentes a cidade fluminense.

Apesar desta relação de proximidade, os acontecimentos ocorridos na Manchester Mineira não foram apenas um desenrolamento do que ocorria na então capital federal. A partida de futebol disputada em Juiz de Fora, nas dependências do colégio Granbery em 1893, momento anterior ao Oscar Cox, que havia iniciado a prática futebolística pelos relvados cariocas apenas no ano de 1896, vai de encontro a essa assertiva. Partilhamos a idéia de que, apesar da dependência juizforana em frente ao Rio de Janeiro, a cidade mineira não se configurou como apêndice dos acontecimentos ocorridos naquela cidade. A intensa mobilidade comercial e a presença de uma elite próspera, combinado com uma grande massa de imigrantes pode ser umas das explicações para a ocorrência de certo grau de dinamismo ao ambiente juizforano. A conjuração destes fatores lhe garantia uma brecha em relação aos eventos provenientes da cidade carioca.

Ainda sobre o tema, percebemos em vários momentos que o Rio de Janeiro funcionou sim como modelo, principalmente em relação a constituição de um espaço urbano higiênico e harmonioso, baseados nos pressupostos pregados pela Modernidade. Apesar do seu papel de referencial, isso não significa que as transformações desempenhadas em Juiz de Fora durante o período transitório do século XIX para o XX foram apenas reflexos dos acontecimentos desenrolados na Corte/Capital. Houve um diálogo. A sociedade juizforana procurava, da melhor forma possível, adaptar as intensas novidades que apareciam frequentemente. Isso fica evidente novamente na velocipedia onde, para contornar a situação de penúria presenciada por grande parte da população, os personagens envolvidos nas atividades comerciais que abrangiam esta modalidade procuraram diversos meios para popularizar as bicicletas, chegando a promover bazares e até consócios das carruagens de ferro, como eram conhecidas. Acreditamos que outras pesquisas poderão melhor explorar a relação entre as duas cidades. A contribuição proveniente da História Regional torna-se interessante neste aspecto, pois como afirma Amado (1990), ela:

(...) oferece novas óticas de análise do estudo de cunho nacional, podendo apresentar todas as questões fundamentais da História [...] a partir de um ângulo de visão que faz aflorar o específico, o próprio, o particular. A historiografia nacional ressalta as semelhanças, a regional lida com as diferenças, a multiplicidade. A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado, de fazer a ponte entre o individual e o social (Amado, 1990, p.13).

Além dos pontos descritos acima, o trabalho buscou também outros propósitos em relação ao objeto pesquisado. Esperamos que a pesquisa desenvolvida por este texto e outros trabalhos vinculados ao GEPHEFE possam contribuir de forma positiva para o desenvolvimento de estudos abalizados acerca das práticas corporais implementadas e desenvolvidas em Juiz de Fora. Este tema, relegado e pouco explorado pelos pesquisadores locais, é um campo aberto e ainda pouco explorado pelos meios acadêmicos. Os estudos baseados na implantação de práticas corporais na cidade é uma tarefa ainda pouco desenvolvida. Esperamos que a organização deste trabalho seja um ponta pé inicial em relação a implementação de novos projetos que incentivem e contemplem este campo de pesquisa, onde possam colaborar para ampliar a nossa compreensão sobre a história da Educação Física, do Esporte e do Lazer em Juiz de Fora.

As observações extraídas com base nos jornais locais, onde enfatizamos o *Jornal do Commercio* durante o período inicial do século XX são constituintes de um projeto maior. Esta parte do trabalho nos providenciou um maior conhecimento acerca tanto das fontes disponíveis quanto da potencialidade do futebol como tema de pesquisa. Além disso, as análises aqui partilhadas promoveram uma maior noção acerca do contexto sócio cultural que envolvia a cidade no período de inserção das atividades esportivas. A partir deste ponto, podemos articular outros aspectos que envolvam a história do futebol local. Um dos objetos que carecem maior atenção é com relação ao papel das instituições escolares em relação ao desenvolvimento e implementação das práticas corporais no cenário juizforano. Espaços como Instituto Granbery, o colégio Academia do Commercio e dos Grupos Escolares, que baseados nos pressupostos higienistas acerca do desenvolvimento físico e moral, contribuíram de forma positiva para a introdução de diversas modalidades. A atuação destas instituições é um objeto de estudo rico e ainda pouco explorado pela comunidade acadêmica da cidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1994.

BARROS, Cleyton Souza. **Luz e progresso: o imaginário da Belle Époque em Juiz de Fora (1889-1914)**. In: **Anais do I Colóquio do LAHES. Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. UFJF, 2005**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/lahes/files/2010/03/c1-a11.pdf>> Acesso em: 15 Mar. 2011.

BENCHIMOL, Jaime L. **Pereira Passos: um Haussmann Tropical**. Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro/ Carioca 11: Rio de Janeiro, 1990.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLASENHEIM, Peter. **Uma história regional: a Zona da Mata Mineira (1870-1906)**. 1982. Disponível em: <<http://www.asminasgerais.com.br/zona%20da%20mata/uniVlerCidades/Hist%C3%B3ria/textos/texto4.htm>>. Acesso em 09 de Out. 2011. Brasileiro de Ciência da Comunicação (INTERCOM) – PUC/RS. Porto Alegre/RS,

CARVALHO, Claunísio Amorim. **Terra, Grama e Paralelepípedos**. Ed. Café e Lápis. São Luís, 2009.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 92.

CEPEUSP, 1997. FONTANA, José. **História: análise do passado e projeto social**. Bauru, SP: EDUSC.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. **A “Europa dos pobres”**: Juiz de Fora na Belle – époque mineira. Juiz de Fora – EDUFJF, 1994.

\_\_\_\_\_ **A fotografia através dos anúncios de jornais**. In LOCUS – Revista de História. Juiz de Fora: Volume 6, número 01. UFJF, Pp 127-146, 2000. Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação (INTERCOM) – PUC/RS.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques, VIGARELO, Georges. **História do Corpo. Vol1**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2008.

CRESPO, Ana Maria Beraldo; YAZBECK, Dalva Carolina de Menezes. **Os Primeiros Grupos Escolares em Juiz de Fora**. Disponível em: <[www.faced.ufu.br/nephe/images/arq-ind-nome/.../primeirs-grupos.pdf](http://www.faced.ufu.br/nephe/images/arq-ind-nome/.../primeirs-grupos.pdf)>. Acesso em 19 de Mar. 2010

CUNHA JUNIOR, C. F. F. da . **Práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915)**. Pro-Posições (UNICAMP. Impresso), v. 22, p. 51/n.3 (66)-65, 2011.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Mauad. 4º edição. Rio de Janeiro, 2003.

FONSECA, O. **Esporte e Crônica Esportiva**. TAMBUCCI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & COELHO SOBRINHO, J. (orgs.) Esporte & Jornalismo, São Paulo, CEPEUSP, 1997.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)**. Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

GERHEIM, Geraldo. Retrospectiva do futebol em Juiz de Fora, 1918 – 1978. Juiz de Fora, MG. 1978.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **Futebol, globalização e identidade local no Brasil**. Revista Digital - Buenos Aires - Ano 5 - N° 26. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd57/futebol.htm>>. Acessado em 17 Nov. de 2011.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **Da cidade colonial ao espaço da modernidade: a introdução dos esportes na vida urbana no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, vol. 13, n° 23, 1999.

LEVINE, Robert M. **Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro**: In WITTER, José Sebastião & MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Futebol e cultura: coletânea de estudos**. São Paulo: Imprensa oficial: Arquivo do Estado, 1982, p.23.

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes Históricas*, 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MALULY, L.V.B. **Panorama do Jornalismo Esportivo no Brasil**. XXVII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação (INTERCOM) – PUC/RS. Porto Alegre/RS, Setembro, 2004.

MELO, Victor de Andrade de; GOMES, Christianne Luce. **Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa**. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 23-44, janeiro/abril, 2003.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, FAPERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. **Esporte, Futurismo e Modernidade**. *Revista História*, São Paulo, V. 26, n. 2, p. 201-225, 2007.

\_\_\_\_\_. **História da educação física e do esporte no Brasil: panoramas e perspectivas**. São Paulo: IBRASA, 1999.

\_\_\_\_\_. **Esporte, propaganda e publicidade no Rio de Janeiro da transição dos séculos XIX e XX**. *Rev. Bras. Ciências, Esporte, Campinas*, v. 29, n. 3, p. 25-40, maio 2008.

MENDES, Marcos Carvalho. **Memorando futebol 1**. Produção independente. Juiz de Fora, 2001.

MIRANDA, Sônia Regina. **Cidade, Capital e poder: políticas públicas e questão urbana na Velha Manchester Mineira**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói: UFF, 1990.

MORORÓ, Anderson de Carvalho. **Reflexões sobre a origem do futebol: uma revisão da literatura**. In: CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando da; Martin, EDNA Hernandez; LIRA, Luís Carlos. **Lazer, Esporte e Educação Física: Pesquisas e Intervenções da Rede Cedes**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009, p. 77.

\_\_\_\_\_. **O pior cego é aquele que só vê a bola: debates historiográficos sobre o futebol no Brasil**. Tese (Trabalho de Conclusão de Curso) Faculdade de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 2006.

MUSSE, Christina Ferraz. **A imprensa e a memória do lugar: Juiz de Fora (1870-1940)**. Trabalho apresentado ao GT de jornalismo no XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, Universidade Federal de Juiz de Fora: UFJF 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0083-1.pdf>>. Acesso em 01 Nov, 2011.

NAVA, Pedro. **Baú de Ossos**. Ateliê Editorial. São Paulo, 2005.

NEEDELL, J. D. **Belle Époque Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NOVAES NETO, Arsênio Fermino de. **Os primórdios do Instituto Granbery – 1889 – 1922**. Piracicaba: editora Unep, 1997.

OLIVEIRA, Almir. **A imprensa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: UFJF, 1960.

OLIVEIRA, Luís Eduardo de. **A constituição do núcleo urbano de Juiz de Fora e sua gradual transformação em principal centro comercial e manufatureiro da província de Minas Gerais**. XII Encontro Regional de História, ANPUH, 2006. Disponível em: [www.rj.anpuh.org/resources/rj/Luis20Eduard20de%20Oliveira.pdf](http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Luis20Eduard20de%20Oliveira.pdf)>. Acesso em 04 de Mar. 2010

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Juiz de Fora: vivendo a história**. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional da UFJF/Editora da UFJF, 1994.

OLIVEIRA, Paulino de. **A imprensa em Juiz de Fora antes de 1930**. Disponível em: <[www.ighjf.com.br](http://www.ighjf.com.br)>. Acesso em 01 Dez. 2011

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIGNATARI, Renato. *Escrevendo a história*. Resenha do livro "A escrita da história" de Peter Burke publicada em [www.klepsidra.net](http://www.klepsidra.net), p. 1. Porto Alegre/RS, Setembro, 2004.

RIBEIRO, Rafael Rajão. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)**. Tese (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade:** uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894 – 1920). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SANTOS NETO, José Moraes. **Visão do jogo:** Primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002

SANTOS, Joel Rufino dos. **História Política do Futebol Brasileiro.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

SEVCENKO, N. **A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio.** In: SEVCENKO, N. (org.). História da vida privada no Brasil - 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SHETINO, André Maia. **O Rio dos cavalos de ferro.** Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/o-rio-dos-cavalos-de-ferro>> Acessado em 03 de Dez. de 2001.

SHIRTS, Mattheu G. **Futebol no Brasil ou Football in Brazil?** In WITTER, José Sebastião & MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Futebol e cultura: coletânea de estudos.** São Paulo: Imprensa oficial: Arquivo do Estado, 1982, p. 87.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional.** Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006.

SILVA, Maíra Carvalho Carneiro. **Em Busca da Saúde.** XII Encontro Regional de História, ANPUH; 2006. Disponível em: <[www.rj.anpuh.org/rj/.../Maira%20Carvalho%20Carneiro%20Silva.pdf](http://www.rj.anpuh.org/rj/.../Maira%20Carvalho%20Carneiro%20Silva.pdf)> Acesso em 09 de Nov. 2011

SOARES, Priscila Gonçalves. **Práticas Corporais e diversão em Juiz De Fora/MG: O discurso do Jornal o Pharol (1876 – 1915).** Tese (Mestrado em Educação - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010, Juiz de Fora, MG: UFJF, 2010.

SOARES, Priscila Gonçalves; CUNHA JUNIOR Carlos F. F. **As práticas corporais no contexto da modernidade em Juiz de Fora/MG (1880-1930).** In: Anais do V

Congresso Brasileiro de História da Educação. Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, p.209. 2008.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história.** São Paulo, SP: Campus, 2002, p. 17.

VARGAS, Renata Correa; Cunha Junior, Carlos Fernando. **Cidade Salubre: Reflexões sobre educação no interior no Código Sanitário de Juiz de Fora.** In: IV Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais, Juiz de Fora. 2007.

VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo: uma história da higiene corporal.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WEBER, Eugen Joseph. **França fin-de-siécle.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WITTER, José Sebastião. **Futebol no Brasil ou Football in Brazil?** In WITTER, José Sebastião & MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Futebol e cultura: coletânea de estudos.** São Paulo: Imprensa oficial: Arquivo do Estado, 1982.

YAZBECK, Dalva Carolina de Menezes. **Formandos os bons trabalhadores: os primeiros grupos escolares em Juiz de Fora Minas Gerais.** Caderno de história da Educação, nº 2, jan\dez 2003.